

CÉU EM FOGO
OITO NOVELAS DE
MÁRIO DE SÁ-CARNEIRO

Edição de

Catarina Cornejo
Joana Lopes
Maria de Oliveira
Maria Helena Sardinha

Coordenação de Ângela Correia

**BIBLIOTRÓNICA
PORTUGUESA**

Lisboa
2015
1

ÍNDICE

Nota editorial

A Grande Sombra

Mistério

O Homem dos Sonhos

Asas

Eu próprio o Outro

A Estranha Morte do Professor Antena

O Fixador de Instantes

Ressurreição

Nota editorial

Autor e obra

Mário de Sá-Carneiro nasceu em 1890 e faleceu 25 anos depois. Em 1911, aos 20 anos, ingressou na Faculdade de Direito de Coimbra, mas, desiludido, partiu no ano seguinte para Paris com o projeto de prosseguir os estudos na Sorbonne, que nunca chegaria a acabar. Começou a corresponder-se com Fernando Pessoa, a quem confessava o seu sentimento de inadaptação e a tentação pelo suicídio. Em 1915, ficou responsável pela edição da *Orpheu*, revista trimestral de Literatura, financiada pelo pai, da

qual saíram apenas dois números. No mesmo ano, publicou a presente obra, *Céu em Fogo*¹.

Consideramos que grandes autores e grandes obras devem estar disponíveis gratuitamente na Internet, o que nos moveu a editar *Céu em Fogo*. Sendo a obra de Mário de Sá-Carneiro um marco importante para a literatura nacional, assim como para as vanguardas europeias, a reedição que aqui apresentamos é também uma mais-valia para a Bibliotrónica Portuguesa.

Descrição do livro-fonte

A transcrição do livro foi feita a partir do único exemplar existente na Biblioteca de Arte da

¹ Portal da Literatura (<http://www.portaldaliteratura.com/autores.php?autor=337>,
acedido a 27 de maio de 2015)

Fundação Calouste Gulbenkian, onde recebeu a cota BB 3953. Trata-se de primeira edição da obra, acabada de imprimir nas Oficinas Gráficas da Tipografia do Comercio, LISBOA), a 28 de abril de 1915 na Tipografia do Comércio, em Lisboa (10, Rua da Oliveira, ao Carmo) e publicada sob a responsabilidade da casa editora Livraria Brasileira Monteiro e Companhia, com tiragem de 95 exemplares. O exemplar, restaurado pela Fundação, tem a particularidade de o autor ter deixado, na folha de rosto, a seguinte dedicatória escrita em letra cursiva com caneta de tinta preta:

Ao Ex[mo] Sr. Dr. Alfredo da Cunha
– com toda a consideração*

*em 11 maio 1915
Mário de Sá-Carneiro*

Apresenta também, na margem de cabeça, escrito a lápis, com letra de outra mão, o valor do livro e a data de compra, como segue:

comprado em 7/7/77 por -> 10.000.00

Normas de transcrição

Adotámos as normas de transcrição que se seguem.

Conservaram-se:

- todas as características ortográficas (inclusive gralhas),
- a letra cursiva,
- a quebra de página,
- os pontos e os asteriscos separadores,
- os apóstrofos que ocorriam após as maiúsculas *A* e *E*, em vez de acentos gráficos;
- a ordem em que surgiam as novelas.

Não se conservaram:

- filetes,
- a numeração de páginas,
- as páginas em branco,
- o índice original,
- a página de guarda,
- a imagem da capa, desenhada por José Pacheco.

Finalmente, uniformizámos o espaçamento entre as palavras, entre os sinais de pontuação e entre pontos separadores e o texto.

«Qu’importe que ce soit une maladie, une tension anormale, si le résultat même, tel que, revenu à la santé, je me le rappelle et l’analyse, renferme au plus haut degré l’harmonie et la beauté...»

Th. Dostoievsky – *L’Idiot* (Parte 2.^a, cap. V)
(Tradução de Victor Dorély)

A GRANDE SOMBRA

a Fernando Pessoa.

A GRANDE SOMBRA

Le Prince d'Aquitaine à la tour abolie

GÉRARD DE NERVAL

I

Dezembro de 1905.

– O Misterio...

Oh! desde a infância esta obsessão me perturba – o seu encanto me esvai...

No grande quarto onde eu dormia receava longas horas antes de adormecer, no ondular da

luz indecisa da lamparina de azeite que deixavam sobre o toucador. Temia que as sombras de subito transviassem, animando-se – e monstros, monstros de bruma, corressem sobre mim aos esgares, arrepanhando-me...

Horas longes, porêm, de medo infantil – só vos posso recordar em saudade. E' que então, se sofria, a minha febre era já a côres – voluptuosidade arraiada tambem. E assim, quantas horas até, durante o dia, lasso dos brinquedos sempre iguais, eu ansiava a noite, sinuosamente, para latejar a ela os meus receios prateados...

As grandes casas ás escuras onde nunca entrara e que, no entanto, bem conhecia de as percorrer iluminadas – eu, do meu leito, imaginava-as, criava-as agora no silencio e na treva, fantasticas: terrificantes e maravilhosas.

Pensava: «Oh! a gloria de passear nelas por esta solidão, de tactear o que haverá dentro delas!... »
E vinham-me ideias de, sorrateiramente, descalço, para as criadas não sentirem, erguer-me da minha pequena cama branca de taipais e partir a visitá-las... Mas era mais forte do que a ansia o meu pavor... Escondia a cabeça debaixo dos lençóis, mesmo de verão, até que adormecia esquecido, fundamentalmente...

– As grandes casas ás escuras...

Ainda hoje não sei entrar nelas tranquilo... E evito sempre percorre-las...

De mais a minha inteligencia sabe coisa alguma de spectral existir aí – magicas vibrações, indicios nenhuns de sortilegio ondular ao redór... Mas receio sempre... E lembram-me fantasmas... triangulos frios... espadas nuas... listas de fogo doutras côres...

Tremo e vacilo. Retrocedo...

.....
.....

A sumptuosidade inegalavel do misterio!...

Sim! Desde criança adivinhei que a unica forma de volver rutilante uma vida, e bela, verdadeiramente bela em ameias a marfim e ouro – seria lograr referi-la ao misterio, inclui-la nêle... Mas como, meu Deus, como?...

Procurando, descendo bem as trevas, acumulando imperialmente enigma sobre enigma. Oh... de balde, de balde, até hoje, tenho buscado segredos para ungir com êles a minha existencia – immortalisa-la de Sombra... A’ minha volta é tudo bem certo, mais do que certo, real sem remedio... Só a minha imaginação vence ainda tremular misterios – misterios porêm de fumo; quebrantos

a vago, lendarios... E a luz sempre sobre mim, a luz – certeza tosca, material...

Tambem já na infancia, de resto, era assim em verdade. Só em fantasia me amedrontava, só com ela ia achar um enlevo delicioso e inquieto nos alçapões, nos subterraneos (se me falavam dalgum palacio antigo) e nas pontes, nos zimbórios, nos grandes arcos – bem como já me passavam ás vezes, em calafrios, vagas reminiscencias de aquedutos negros, que eu nunca vira, decerto.

Mas havia sobretudo no predio da nossa quinta um sótão inexplicavel que durante os ânos da minha infancia foi para mim o centro de todo um mundo misterioso.

Esse sótão – ao que uma só vez vagamente entrevira – não tinha sobrado. Era, concluo hoje, apenas um desvão entre o telhado e o forro da casa

– sendo um corpo do edificio mais alto do que o outro. De longe a longe os criados vinham limpá-lo, creio. Deixar-me-hiam entrar, talvez – mas não o tentei nunca, com medo: e percebo agora que o meu receio era apenas de o ficar conhecendo realmente, e assim perder aos meus olhos todo o seu encanto.

Ah! mas as vezes que eu subia até á sua porta, a escutar... Pelas frestas o vento entrava redemoinhando; de espaço a espaço o vigamento rangia – e tudo isso se transtornava na minha imaginação em bater de asas negras, arrastar de correntes... crepitar de ossos, quem sabe... Certo dia a minha coragem foi até entreabrir a porta... Lá dentro, penumbra densa – emtanto, um raio de sol da tarde, coando-se por uma fresta, iluminava em magicas palpitações um halo de poeira

multicolor... Assombrado, cego da maravilha, fechei a porta no mesmo instante – fugi...

Comecei então pensando, às noites, antes de adormecer, largas horas nesse sótão que, mais do que nunca, se me vovera um mundo bizarro, desconhecido, alucinante. E criava nêle, em verdade criava, toda uma vida... Fantasiava-lhe – sim – os seus bosques, os seus rios e pontes, as suas montanhas, os seus oceanos, as suas povoações, os seus habitantes... As florestas, vias de algodão em rama, polícromas, com lantejoulas, como os brinquedos de Arvore do Natal; seriam de agua as montanhas; os rios de pedras preciosas, e, sobre êles, em arcos de luar, grandes pontes de estrelas. A humanidade que habitaria o meu país, suscitava-a de anões disformes, anafados, picarescos, mas de olhos côr de violeta – e sugeria lá tambem toda uma fauna

de animais estrambóticos, inexprimíveis: passaros sem cabeça, coelhos com asas, peixes de juba, borboletas que fossem flôres, nascessem da terra... O rei desta nação, não sei porquê, parecia-me, acreditava seguramente, que era uma grande formiga multicolor – e ratos dourados com asas de prata os fidalgos da sua côrte. Só o povo homunculos ridiculos...

De resto, todo este mundo da minha imaginação infantil me pululava dentro do sôtão num conjuncto misterioso – indistinto, *difuso*, entrecruzado, impossivel de destrinçar: era mar onde era tambem cidade; havia palacios riais ao mesmo tempo florestas. Coisa mais caprichosa: nesse mundo tudo existia variegado mas, simultaneamente, tudo era cinzento! Sim, eu via as arvores de algodão em rama, umas brancas, outras rôxas ou azuis, escarlates ou côr de laranja

– e os olhos violeta dos anões, os vassallos ratos dourados, el-rei a grande formiga multicolor – e rios arco-iris de joias; montanhas cristalinas, aniladas. Entretanto, surgindo-me tudo assim, numa infinidade de tons, eu não podia deixar de o ver também uniformemente a gris!...

Ah! a imaginação das crianças... onde achar outra mais bela, mais inquietadora, que melhor saiba frisar o impossível?... Ela é sem duvida, pelo menos, a mais apta a converter pavor, a refugiar vislumbres. Porque nessa época ondulante da vida é-se apenas fantasia, crédula fantasia. Vem depois o raciocínio, a lucidez, a *desconfiança* – e tudo se esvai... Só nos resta a certeza – a desilusão sem remédio...

Eis pelo que a hora mais Além, a hora mais perturbadora da minha vida, a vivi nos oito anos.

Estavamos na nossa quinta.

Eu não me atrevera nunca a passear de noite, sózinho, pelas ruas areadas, orladas de buxo, tão aprazíveis e campestres, em que de dia, bem afoito, brincava correndo afogueado. Mas, do grande pateo junto da cosinha, eu olhava-as, em frente de mim, sonhando descobri-las, noturnamente, numa viagem maravilhosa. Porque, em verdade, de noite, a minha quinta devia ser mágica... Gnómos a percorreriam ás cabriolas, e elfos; nos grandes tanques, ao luar, se banhariam fadas, e pelos assentos de azulejo – oh, sem dúvida! – toda uma figuração de principes e rainhas encantadas se assentaria devaneando... Depois, que medo não havia de fazer, lá em baixo, sob a nogueira secular, junto do pôço – á borda do qual, talvez, mouras de sortilegio, todas nuas, assomassem... esquivas...

De olhos fascinados, sim, eu sonhava tudo isto, de olhos perdidos – mas trémulo, não ousando nunca afastar-me alguns passos de ao pé da cosinha, onde havia luz e a criadagem falaceava... Sonhava ainda investigando sempre a noite, sonolento, com um livro de estampas esquecido sobre os joelhos... e o meu olhar perdia-se mais uma vez no laranjal que se adivinhava perto, numa penumbra esbatida, e em que eu, á força de ilusão, distinguia, conseguia realmente distinguir, os frutos rutilantes – volvidos agora, de milagre, aureos pomos de encantamento...

Algumas vezes, com o caseiro, percorrera já, era certo, as ruas da quinta, á noite. Mas isso, claramente, nada significava: acompanhar-me alguém fazia esvaír todo o quebranto. Só aos meus olhos de criança solitaria – de mais sabia eu – esse mundo mágico se revelaria...

Em balde continuava pois sonhando, numa sofreguidão de me evadir nas trevas – sempre acorrentado pelo pavor...

Até que uma noite – não sei como foi – de subito, decidi-me: fechei os olhos, e, numa carreira louca, afastei-me...

Abri-os só depois de assim haver corrido alguns minutos, para ter a certeza de já não recuar... E largo tempo, numa febre de medo, a ranger de misterio, voguei pela sombra...

Meu Deus, é-me impossível dizer toda a beleza, toda a maravilha que vivi então!... Davame asas o proprio terror – matava-me e deliciava-me... Que scenario de quimeras!...

Na noite, entre a escuridão, ao longe, os lugares bem conhecidos – os pomares, os vinhedos, os eirados, os jardins – surgiam apavorantes, noutros contornos... As ruas,

ladeavam-nas os monstros de bruma verde em que o buxo se convertera – monstros aliás jocosos, bonacheirões, em esgares torcidos de polichinelo... e eram soldados hirtos, alvejando, os pilares das parreiras: soldados de barretina, alguns, fumando cachimbos onde fingiam brasas os pirilampos que esvoavam próximo...

Tudo sombra, sombra vacilante, emfim, ao meu redór, a modificar subtilmente, constantemente, a paisagem noturna...

Rumorejavam segredo as arvores – sabbats talvez de feiticeiras as suas sombras, tão arrepanhado e sêco o crepitar agora dos ramos entre o vento...

(Ah! mas aquêle vento, na noite, através dos canaviais, não o sentia eu como o vento do dia... Era por força qualquer outro fluido. Parecia-me, no seu estranho sibilar velado, como que um

espectro do vento – um espectro temível,
grasnado, de écos mortos...)

Os tanques reflectiam negrume apenas, porque a noite era escura, sem luar nem estrelas: tanques de alcatrão, dir-se-hia, hediondos – mas a frescura que ressumavam dissipava este mêdo: e sobre a agua, em verdade, olhando bem, mil formas de fantasia, indefinidas, talhadas numa névoa translucida, anilada, quasi invisível, esvoaçavam capricho e misterio...

E eu corria sempre...

No jardim, as rosas eram encantamentos mais suaves. Emtanto, ao meio, o alecrim do Norte, copado, circular, vovera-se num bonzo chinês, espapaçado, cruzando os membros venerandamente... Os lirios, campainhas de tôrre de marfim...

.....

... Debruçava-me agora sobre um pôço... Em ruidos húmidos, longas asas negras, desconhecidas, roçaram-me o rosto... Então o meu pavor foi uma agonia...

Ainda vi ao longe uma grande forma secreta, fulva talvez, crescer sobre mim...

Depois não sei o que se passou... Encontrei-me de novo, boquiaberto, sentado no banco da casa do arco, junto da cosinha, com o mesmo livro de estampas sobre os joelhos... Lambia-me as mãos, docemente, o meu companheiro preferido - o canzarrão amarelo do caseiro que eu atrelava aos meus carros...

.....

.....

Sim! sim! Até hoje foram estes os maiores instantes que vivi. Nunca logrei, a mais densa

ilusão, embrenhar-me de Sombra, incluir-me em Segredo... Ah! mas, ás noites seguintes, como se encapelaram os meus pavores!... Ruivamente, acordava muita vez chorando, a debater-me em crises de acerados histerismos...

E foi então que sonhei pela primeira vez – outra das minhas reminiscencias scintilantes.

Com efeito, uma manhã, ao despertar, bem seguro me lembrei que – não sabia aonde, mas nessa noite – certa rainha de brocado me tivera ao colo, me abrira os seus cofres de pedrarias, me desenestrara as suas tranças, longas d'ouro, para eu coar entre elas os meus dedos febris, a refrescalos...

A Princesa não pudera existir no meu quarto, mesmo da noite – e eu não saíra do meu quarto... Emtanto falara-lhe, vira-a bem... Aonde? Aonde?... Lembravam-me quasi as suas feições...

a sua bôca de pérolas... seus gestos-flôres... Havia paredes de névoa em tórno aos meus olhos...

Por fim, cheio de vergonha, contei tudo ás criadas.

Mas distraídamente, as criadas só me responderam:

– Ora... Isso foi um sonho...

Um sonho...

Todo esse dia – nunca mais me esqueci – passei-o a reviver o lindo misterio... a rainha de mágica: e os seus aneis, os seus colares, o brilho roçagante do seu traje, as suas madeixas desprendidas... amoroso dela, quem sabe – mas, acima de tudo, orgulhoso de ter sonhado pela primeira vez: *de saber sonhar*, pois não podia crer que a todos acontecesse o mesmo, tamanha glória...

.....

Depois, nunca me tornei a *enganar*... Por isso recordo a minha infância em admiradas saudades...

Embora toda a minha Arte se fixe em Misterio, cingidamente – jámais me nimbo de Alêm. Terei deixado sombra – pode ser – sombra diademada, nos meus livros: sombra de artificio, porêm; sombra imovel, sombra morta, que me não vibra: que eu crio, mas que não me envolve; que só projecto de requinte.

E cada noite, mais saudoso, mais humilde, volvo ás recordações infantis – silenciosas: ao meu passeio noturno, de milagre; ao meu sôtão de fantasia... e ás largas horas tambem que, do meu leito, olhos cerrados, ás manhãs de sol, contemplava na transparencia das palpebras – caleidoscópico de ilusão – os discos, as flexas, as garras, os laços, as estrelas, os crescentes

multicolores que se engastavam numa penumbra vermelha, scintilando a mosquea-la em rodopio...

Como toda essa riqueza vai longe! Como fui grande!... Então receava os campanarios das igrejas, sombriamente... se havia torreões num palácio, só acreditava nêles com princesas nuas, lá dentro, ceando frutas acres... e temia sobre as tapeçarias espessas... vinham-me calafrios defronte dos reposteiros pesados, de veludos quentes...

De resto, ainda hoje não perdi o medo *do que pode haver para lá de um reposteiro* – bem como ainda, de longe, me perturbam os tapetes da Pérsia, os pânos de Arrás, os grandes lustres apagados, os espelhos mortos, nos paços antigos...

Mas tudo em balde, e tão incerto...

.....

Oh! que ansia leonina de me abismar na
Sombra – e vivê-la! vivê-la!...

II

Janeiro 1906.

Grifado quebranto... Na minha atracção de Misterio fréme densamente qualquer coisa de sexual... Se tanto o sonho e o visiono, o ergo em anseio perdido – é numa sensualidade esguia, dimanante e delgada: em crispado.

Sim; como as lembranças aquáticas, o fôgo e os corpos nus – as sensações de Segrêdo, ou reais ou evocadas, arrepiam-me extases fluidos, perversos de oiro...

Bem sei... E' que, para mim, tudo quanto me impressiona se volveu sexualizado – e em sexo

apenas o oscilo, o desejo e o sofrimento... Eis pelo que sempre cataloguei, excitantemente e a par, os corpos nus, esplendidos; as cidades tumultuosas de Europa – os perfumes e os teatros rutilantes, atapetados a rã – as paisagens de água, ao luar – os cafés de ruído, os restaurantes de noite, as longas viagens – o murmúrio contemporâneo das fábricas, das grandes oficinas – a loucura e as bebidas geladas – certas flores, como as violetas e as camelias – certos frutos, como o ananás... e os morangos, na sua acidez toda nua, de caprichos afilados.

.....

.....

Olho para trás de mim às horas silenciosas e evoco todos os personagens da minha vida... os raros corpos de acaso que possuí, *por os desconhecer...* e mesmo aquelas pessoas,

ignoradas, que só um instante cruzaram a minha existência...

– Mas não será a mais bela a recordação destas últimas – e a mais secreta?...

Uma noite, em Paris, no restaurante, sentou-se, por exemplo, em minha face, qualquer rapariga que, á sobremesa, me perguntou o nome francês do doce que eu comia... Falámos alguns minutos, depois. Era russa, de Moscou... E eu dum país distante, ao ocidente, perdido em aventura... Despedimo-nos sem sabermos os nossos nomes... Não nos tornámos a ver.

Fôsse como fôsse, porêm, as nossas vidas, tão longinquoas, tão diversas – tinham-se tocado um segundo, vivido juntas um instante... quem sabe se no cumprimento dum destino insofismavel...

Ah! como ao lembrar-me destas pequeninas coisas, me sinto orgulhoso – porque lhes sei encontrar a sua significação íntima, perturbadora, velada de sombrio...

E assim vou suscitando todos os meus abraços, todos os meus encontros fortuitos: todos aqueles, em suma, com quem um dia, em qualquer cenário, troquei uma palavra – os próprios transeuntes, é verdade, que apenas me perguntaram por uma rua... Evoco-os, e sinto beleza – beleza enclavinada numa ideia subtil de medo a sacudir-me... Pois quem eram, ah! quem seriam todos esses estranhos que, enfim, têm desempenhado, têm dialogado a minha vida?...

Meu Deus, meu Deus, quanta sombra!...

A' beira de que catastrofes terei fugazmente seguido?... se eu terei falado minutos a grandes criminosos indo para o seu crime essa

noite?... a grandes desgraçados, nas horas culminantes talvez duma existencia perdida...

E ocorrem-me até rostos de criaturas que apenas fitei de longe, vagamente – mas que, por alguma coisa de subtil, nunca mais olvidei. Assim a mulher fulva da Ponte de Rialto... e o homem pálido, solitario, uma noite, no Monico, com o laço vermelho...

- Crescei, crescei sobre mim, de miragens... resvalai em teorias fantasticas, todos os comparsas da minha vida!... Fazei-me tremer, ranger de pavor e sortilégio, até que num esforço me erga – esbraceje a dissipar-vos!...

Podiam ser estas, ainda, horas bordadas que eu freuisse...

Mas em vão... em vão... Não se animam as imagens...

.....

.....
Entretanto não soube nunca guardar um
segrêdo...

Com efeito se algum amigo me conta,
lialmente, segredos da sua vida – o meu orgulho
sobe tão alto *por conhecer o que os outros
ignoram* que logo os divulgo a qualquer: ponho
termo ao misterio que me foi confiado, a
demonstrar-me assim, em gloria inutil, que sou
maior do que êle visto que o posso desmoronar...

De resto, enquanto assim procedo, se me
sobem ternuras por alguma criaturinha gentil,
franzina e aguda – todo o meu desejo é de
emprestar um pouco de enigma a essa vida banal,
pequenina... Eis como, de balde, a quanta pobre
rapariga que eu nunca tive, enviei cartas de
fantasia, e flores, telegramas – livros meus, se era
no estrangeiro...

III

Março 1906.

Vibrantemente o futuro me agita também, pois é dos segredos totais.

Noites sem fim – inquietantes, zebradas, multiformes – me perco, esvaecido, entressonhando amanhã episódios da minha vida: as futuras personagens da minha existência... os heróis futuros das minhas novelas ainda não projectadas...

E lembro-me que tudo isso existe já – *porque ha de existir forçosamente*. Por isso me enredo a supô-lo...

Impossível! Impossível!

Só me resta espera-lo...

.....

Oh! como eu quisera possuir, *de hoje*, as
minhas amantes futuras – não suscitadas por
fantasia, com fórmulas e rostos imaginários –
apenas a sua ideia: translucidamente,
imponderavelmente... talhadas em desconhecido,
por insinuações nebulosas, latejantes de Auréola...

.....

.....

– Poder, poder sugar um dia – enfim! – o
gosto rôxo e macerado do Misterio!..

IV

Maio 1906.

– O movimento... as viagens...

Outra voluptuosidade de capitoso enigma...
Pois sempre me assombrou estar hoje aqui, na
minha terra mediocre, nesta cidade ocidental, ao
sul da Europa – e em cinco dias (poucas horas)
poder chegar, no norte, á capital do Imperio
sombrio e denso da minha nostalgia roçagante...

Depois de vagabundear incerto algum tempo
por outros países, esqueço-me de quem sou, quasi

– não me lembrando nem a atmosfera, nem o cenário... tão pouco as personagens que me cercam... Duvido se serei eu-próprio – convenço-me de que não sou... Nunca pude crer que fossemos totais: o meio que nos envolve, é também um pouco de nós, seguramente. Logo devemos variar em alma (e em corpo até, quem sabe) segundo os países que habitamos.

Por isso receio muito quando alguém que estimo se afasta de mim, com o pavor do seu regresso – e ao esperar na estação um amigo após uma ausência de alguns meses, um grande enleio me assalta diante dele, titubiando, sem já o poder tratar por *tu* como fazia antes...

.....

Viajo, viajo, erradamente... Assim me modifico, em fantasia pelos menos – me subtiliso em laivos de Misterio...

E nos grandes cafés d'Europa, mais frisantemente, os meus olhos detêm-se naquela linda mulher de luxo que, aborrecida em face do seu cálice, espera – á tarde – por um amante, sem dúvida... Olho-a... Insensivelmente vou compondo a sua vida... Engalano-a, poetiso-a; dramatiso-a conforme o seu rosto – e o brilho dos seus olhos, a curva da sua bôca maquilada, o tom dos seus cabelos... Uma vida, para mim, foi sempre função de todo um perfil... encontro desfechos apropriados a cada beleza – detalhes que só podem ser vividos por certos olhos, certas mãos, certos sorrisos...

Segue todo o enrêdo... A matiz, todo o seu passado é sugerido... até que o amante chega, por ultimo... ou não chega, pois nem seria esperado, talvez...

Mas a estrangeira levanta-se, sai... Sigo-a ainda com a vista até desaparecer... e fico tão feliz... tão feliz... tão lisongeiamente feliz... Mais feliz do que se fôsse o seu amante – *o amante mesmo que não chegou* – porque então conheceria toda: não poderia criar uma vida á sombra daqueles olhos, uma vida de acordo com esses gestos...

Gloria marchetada! Sem ela duvidar, sem mo permitir, eu entrei, entrei em verdade, na sua existencia – porque no meu mundo interior A incluí, imaginando-a suavemente...

São estas frivolidades os mais íntimos prazeres da minha alma. Por isso viajo alheamento, me perco á busca... E acima de tudo quero á noite dourada em que descobri para um bairro aristocrático de não sei que capital, alta noite, um automovel de milionarios, scintilante,

esperando em frente dum palácio. Detive-me...
Após momentos abriu-se o portão brazonado...
Subiram para a carruagem um homem alto,
elegantíssimo... uma mulher sumptuosa de
zibelinas e rendas...

... E como eu fui mais vitorioso então,
sózinho – ao vento – do que êles dois na
carruagem, agora talvez misturando as bôcas...
Porque eu, podia-os imaginar... *e êles, ai, sabiam
fatalmente quem eram...*

.....

As grandes cidades... o triunfo de ascender
nas Praças monumentais a colunas simbólicas – e,
da sua altura – estátua, deixar perder os olhos por
toda a casaria... Possessa, a vista zig-zagueia-nos
por ruas, por avenidas, entre parques... espraia-se-
nos infinitamente pelo mar dos telhados... E é um
formigueiro de edificios que, do alto, surgidos em

panorama, se entrecruzam, se interseccionam, se engolfam uns pelos outros – indestrinçáveis, alucinantes...

Momento a momento o turbilhão nos volve mais confusos... Breve perdemos a noção da distancia... uma vertigem nos rodopia... até que, em nossa face, todo o horizonte se desloca – e se véla, ocupado em miragem por outra cidade de mistura...

Ondulamos de erro... arripiam-se-nos os olhos, sagrados... febricitamos de pairar...

... E a vida corre aos nossos pés, *a vida* – emtanto!...

V

Janeiro 1907.

Nas minhas ansias de segrêdo tenho-me esforçado, ao menos, para que os meus sentidos vibrem *diversamente*: desengonçadamente, noutras direcções de crispado – dando-me assim, em vislumbres, uma ilusão intranquã a desconhecido.

Eis como algumas tardes, de súbito, a certas côres, realiso sentir – por artificio embora, mas automaticamente – a saudade maguada de certa

companheira morta, gentil e pálida, que nunca tive... E é uma sombra propícia a afagar-me então de dúvida... a irisar-me...

Outras vezes chegam-me sensações de «fim» – de termos duma época de vida... de começos de outra, com novas personagens, novos hábitos... E, ao meu redór, é tudo igual – nos mesmos planos!...

Ha factos tambem que me impressionam esquivas contradições: Certa noite, por exemplo, num teatro ordinario de Lisboa, desceu-me uma grande tristeza, *uma tristeza dilacerada*, em face dum casal de velhos bebados – dueto hilariante da revista celebre. Sim, foi uma derradeira amargura – pungente, arrependida – *uma tristeza de passado...* e uma piedade... ah! uma piedade aflitiva e inutil, em mágoa enternecedora, quando os personagens grotescos surgiram a cantar versos torpes, bamboleando-se ao compasso duma

musica raspada, de saltos bruscos... Lembraram-me irreparavelmente um fim de vida, um tragico levantar de feira... E enquanto todo o público pedia «bis» ás gargalhadas, eu tinha vontade de chorar – misteriosamente, *por mim...*

Tenho ocasiões repentinas, outros dias, em que me chegam grandes júbilos entusiasmados. A' minha volta tudo ecôa gloria... E se encontro um amigo, tomo-lhe o braço – a rir, a rir, infantilmente... Em balde procuro as razões dessa alegria – coisa alguma me sucedeu... Misterio: *no entanto ela é uma alegria motivada*. E' verdade; é deste modo que eu a sinto – pelo menos numa ideia difusa, cariciosa e ondulante...

De resto, de forma identica me sobem a cada passo ternuras imotivadas, e – bizzarria maior – imotivados pudores enternecidos.

Ainda ha pouco se me despertou a sensação esguia de ser insidiosamente uma rapariguinha suave e loira que viesse de se entregar ao seu amante, em caprichos ténues – apenas por um meu amigo me mostrar uns postais que comprara, e eu já vira pelas montras, com uma rapariga linda, de seios nus, adoraveis: a rapariga talvez que, nesse instante, duvidei ser – corando...

Pequenas dôres físicas sofro-as, por vezes, apenas em paladar, como gostos desagradaveis.

Frequentemente, ao virar-me numa rua, num salão, *encontro-me* de subito no scenario distante de qualquer cidade estrangeira – bem nitido: vendo na realidade toda uma praça... todo um cais... *sentindo* latejar a penumbra violeta entre as colunas magestosas de certa catedral... (Aqui – bem sei – ainda existe uma explicação admissivel: qualquer deslocamento que se dê na atmosfera e

que, justamente, interseccione planos paralelos, quebre vértices de luz e sombra, iguais àqueles em que por ventura eu presenciei o cenário evocado).

Descem-me também em pleno inverno sensações de outono e primavera – e há períodos em que, sem ter adoecido, me sinto convalescente duma longa enfermidade – salvo talvez da morte por milagre...

Divagando a minh'alma – a sintetizar todo o seu descalabro – ocorrem-me ideias estrambóticas, picarescas e complexas: as únicas emtanto capazes de exprimir, por sugestão, as mais íntimas particularidades do meu mundo psíquico.

Assim quando me péso, irremediável, em tristeza e tédio desolador – lembro-me que virá só disto a minha tortura: um revestimento ôco de lata me contornou interiormente toda a carne – e outra

coisa qualquer: a minha alma, presumo... (E receio então que a minha alma seja apenas um liquido verde, oleoso e turvo, enjoativo, fechado nesse depósito).

A devastação completa da minha vida, encaro-a como uma série de losangos de zinco, salpicados de diversas côres – particularmente dum vermelho sujo – amolgados e torcidos.

E muita noite, no meu leito, revendo a nausea estagnada desta minha existencia – uma ansia irrisória se me suscita de volver o meu corpo triangular, e manda-lo afiar, nos seus vértices, em gumes cortantes de aço. Ah! se fôsse possivel fazer um fio ao meu corpo – adivinho bem seguro em tais momentos – breve cessaria a minha desolação...

.....

Que, de resto, não nos criemos ilusões, eu sinto tudo isto sincera e naturalmente. Não eduquei os meus sentidos a fremir em destrambelho... Eles é que, por si, se desarticularam – de tanto oscilar em ôco, de tanto girar em falso...

Depois, se nas minhas obras de Arte, vagabundas de miragem, sumptuosas de requinte, ponho um pouco de mim nos protagonistas – gritam logo os castrados á blague ou á incompreensão. Incompreensão... Ha tão pouco que compreender no que escrevo – nisto tudo... Digo: «A imagem da minha vida estampa-se-me como uma série de losangos de zinco». E' só isto. Não procurem nada aqui – não ha nada a perceber. Meu Deus, é só isto! Nem o posso exprimir doutra maneira, com maior clareza, porque é assim – *assim mesmo*.

Mas, por o saber sentir, um pouco de ignorado me penetra. E eis pelo que as minhas extravagancias só me ensoberbecem, e lhes quero a fulvo – leoninamente...

.....

(– Porque haveria na encosta do olival da nossa quinta, quando eu era pequeno, uma santa de papel, sob um vidro incrustado na terra?...)

Entretanto, apesar de tudo, olhando bem – como é só luz, luz insípida, á minha volta... Em vão procuro descer o misterio, minar galerias de sombra...

Impossivel! Impossivel!...

Ah! como invejo os grandes criminosos que souberam escapar á justiça... e passam... desaparecem sangrentos em assassinios e estupros...

Deixaram ao menos um pouco de névoa –
esses.

Encerrados no seu segrêdo, como hão de
viver gloriosos – sem remorsos, tamanhos de
Maravilha...

Eu, de evidente, tenho asco de mim!...

VI

Agosto 1907.

Se eu fôsse milionario e Principe, como ergueria o meu dominio do Mistério...

Ah! para regiões do Norte, entre jardins pomposos, o meu castelo altissimo, em sombras abafadas, ascenderia as suas tôrres taciturnas, alastraria o seu arcaboço pesado e longo – absortamente.

Dentro, largas salas de baile sem janelas, que eu teria feito executar por grandes architectos – e

ornadas de frescos de pintores admiráveis; enriquecidas a prata e oiro nas cúpulas maravilhosas, nos lambrizes de incrustações exóticas, a madrepérolas e jades...

Reposteiros de veludo, arrastados, roçagantes – a brilhos espessos. Tapeçarias magestosas, profundas, que abafassem os passos – candelabros, serpentinas e lustres brazonados que nunca se acendessem...

Oh! mesmo eu não teria nunca visto á luz esses salões teatrais... Percorre-los-hia sempre em penumbra, tacteando a sua riqueza; adivinha-los-hia apenas, em espelhos duvidosos, pelas sombras da sua sumptuosidade – guiado por uma luz distante, de fracos bruxuleios, que ainda chegasse, talvez, pelas fimbrias das portas...

Meu Deus, como seria grande!... Que sortilegios marchetados, que vértices difusos,

latentes, me aturdiriam ao transpôr as minhas salas de honra: *onde nunca ninguém dançara*, que eu proprio mal conheceria, embora em noites de gala ouvisse dos seus divans – sempre em penumbra – solenes concertos pelas minhas orquestras asiáticas, ocultas noutras galerias...

E perco-me a sonhar todo o meu domínio de Erro se me deixo esvaír em tais pensamentos...

... Jardins emmaranhados em volta do Palácio – e parques... Mais longe, bosques tumultuantes, densísimos, impenetráveis ao sol – com subitas clareiras aonde, por minha ordem, se elevassem monumentos a herois, navegadores e guerreiros que nunca tivessem existido...

Ao fundo de roseirais inesperados, perdidos na floresta, templos a divindades de nenhuns ritos – divindades falsas que só eu criara, erguendo-as ali em altares de fantasia... Inscricões tumulares,

góticas, antiquíssimas, sob as cúpulas dos templos, em lages que não cobrissem nenhuma sepulturas – e mausoléus, de mentira também, vasos de ossadas, mais longe, junto dos pantanos, ao fim do bosque, entre ciprestes...

Completaria depois o ambiente irrisório, edificando ruínas perto duma grande lagôa sêca – ruínas ogivais de arcos partidos, colunas e abóbodas... Esconderia tesouros, á tôa, profundamente, como outróra, nas ruas da minha quinta, enterrava brinquedos... Faria ainda vedar por altos muros eriçados e largos portões de ferro, recintos circulares desertos, onde não se guardasse coisa alguma – mandando por ultimo abrir cavernas e subterraneos inuteis pelos meus territorios: assim como no meu palácio haveria alçapões de despropósito, repentinas portas falsas,

escadarias que nunca se descessem, estranhos maquinismos de segrêdo...

Mas tudo isto, tudo isto, *aprendido* incertamente – passeando só de noite pelos meus dominios, nunca cruzando mesmo certas alamedas, jámais me abeirando de certos lagos que apenas suporia pelo murmurio cendrado dos seus jórros de água ligeiros... Sim, tudo entrevisto em distração e em dúvida, vacilantemente, para o bordar a magia...

E das janelas monumentais do meu quarto dourado, então, eu olharia ao crepusculo o meu Imperio de esbatido alastrando-se ao longe – imaginando-o, *prevendo-o* em sombras ondulantes, no rumorejar da folhagem, em ruidos aquaticos – sob scintilações de estrelas...

Ah! mas não passa dum sonho todo o meu Principado...

.....

— Se eu fôsse um sonho, tambem?...

VII

Abril 1908.

Os dias vão passando, e a minha curva
obsessão mais e mais se me inflecte...

Abriram-se-me no cerebro compassos de
pontas de ágata...

Oh! a luta impossivel contra a realidade!...

Se ao menos, por fim, a loucura me
envolvesse...

Ainda seria abismar-me numa grande
sombra...

Mas não... mas não... Tudo é real na vida – *a própria morte é real...*

Ha quem tenha sabido desaparecer, entretanto!

E evoco dois companheiros perdidos doutras épocas:

Um, palido e loiro, sardento, que me falava dos seus avós de França. Vivo ou morto, esse passou sem deixar rastro... E só mais tarde soube, por seus pais, que não tivera nunca parentes estrangeiros – nem tão pouco existiam as grandes propriedades do Norte, para onde me convidara esse verão...

Pasmo hoje, recordando-o. Abominava a sua companhia. Era um espírito tão pouco interessante... Mas acompanhava-o muitas vezes, não o sabendo evitar. Por gratidão. Era êle que me procurava com insistencia, numa ociosa

simpatia... Por fim, os seus modos bruscos e os seus hábitos grosseiros, de mesquinhices reles ou prodigalidades tôlas de «parvenu», tinham-mo feito quasi odiar...

Só hoje descubro o meu completo engano! Que espirito heraldico o seu!... Nêle houve tambem, sem dúvida, a ansia flava do Mistério – tôsca embora, mas profunda. Eis pelo que só me falaria de irrealidades – das suas quintas, dos seus automoveis, das suas espingardas – e procederia em destrambelhos premeditados: ora sumitico, ora produlario; injusto sempre...

Até que uma noite, num impeto mais nobre, resolveria desaparecer, projectando assim uma mentira maior... E logrou-o em Vitória. Ninguem usou nunca o seu luto. Se morreu, não se encontrou nunca o seu cadaver. Se vive ainda – é hoje outro, por certo...

Nem um vestigio atrás de si...

Maravilhoso Artista!...

.....

Mais belo, talvez, o destino do meu segundo companheiro – que uma tarde me entrou pela casa dentro a anunciar-me o seu próximo suicidio... Eu encolhi os ombros arrumando os livros da minha estante. Conhecia demais o seu amor pelo drama, o seu ingénuo capricho de se romantizar... Démos um lindo passeio essa noite, despreocupadamente...

Algumas semanas mais tarde repetiu-me o seu propósito... Exigi-lhe explicações, por gentileza... Negou-mas – aludindo emtanto, por rodeios, a vagas impossibilidades...

Insisti mais convictamente no dia seguinte. Então houve uma grande scena... Arremessou-se sobre um divan – passou as mãos esguias,

maquilhadas, pela longa cabeleira... Tinha uma flôr ao peito. Arrancou-a, deixando-a cair no tapete... De costas para ele, diante duma janela, eu abafava a custo o meu riso...

Amarfanhou ainda as almofadas de sêda, limpou lágrimas que não chorára – e, em gestos femininos de artifício, contou-me o que o levava á sua resolução...

Meu Deus, que motivo inesperado... tão pequenino, semi-louco em dispausterio – e ridiculo, ridiculo... o ultimo, de resto, que se poderia imaginar...

Fiz-lhe ver, tomando-o nos meus braços – encarando o meu papel agora já inteiramente a sério – como eram insignificantes as suas razões, e inadmissiveis. Concordou comigo. Jurou-me o seu arrependimento. Fomos á livraria comprar os ultimos romances...

Encontrei-o á noite no teatro – impecavel e risonho, de smoking, e nova flôr na lapela: uma grande rosa vermelha...

Tornei-o a encontrar no outro dia. Leu-me o scenario de mais uma peça que ia escrever, e desenvolvera essa manhã. Falou-me dos seus projectos para o verão próximo – entrou no camiseiro a fazer uma encomenda muito complicada. Pediu-me o endereço dum editor francês, para mandar vir um volume que já lera emprestado por mim – só para tambem o ter na sua biblioteca...

Dois dias mais tarde, suicidava-se com uma bala no coração...

... Foi depois que eu soube que a outros amigos êle anunciara tambem o seu suicidio – sob o maior segrêdo – juntando, em confidencia, as

razões que o forçavam a um tal desespero: *mas a cada um de nós contara uma historia diversa...*

.....

Seja como fôr, criaturas assim aureolizam efectuar-se um pouco em misterio – esbatem-se em Asas, ungem-se de Errado...

São, pelo menos, maiores do que eu, a esbracejar – é certo – a minha Ansia, e a permanecer embora, eternamente, na claridade quotidiana, bem limpo de segredos.

Ah! por uma incoerencia, por um mêdo de sacrilegio, talvez, em face da obra que deveria executar – sou todo scepticismo abandonado, desilusão de esforço, marasmo de renúncia...

E desta maneira, se alguém estranha a minha vida desigual, vazia mas tão *diferente* – não me contenho que não grite logo a verdade: se naquela noite parti de súbito, foi porque me quís deitar

mais cedo – não encerram cartas de amor os meus sobrescritos prateados – se desapareço durante longos periodos, é só por minha casa, ou, quando muito, a ler e a escrever por cafés doutro bairro...

Num misticismo vão, numa agonia despeitada de me dar – sou eu proprio que logo arremesso para longe o misterio falso que em mim, sem segrêdo, poderia entretanto existir aos olhos dos outros... como se os misterios não fôsem sempre falsidades...

.....

.....

Sim, sim, ó meus amigos esquecidos doutróra: tu, pálido e longo, dos avós de França – e tu, da cabeleira revolta e das unhas pintadas – como sou mais vil, mais sem alma, mais sem nervos... nausea de mim-proprio, irrisão de mim-próprio, esfinge de papelão...

E como sinto a vossa nostalgia emtanto, e o vosso orgulho – ó reis loucos que morrestes ao luar, para lagôas azuis, talvez... entre enredos incertos...

VIII

16 novembro 1908.

Meu Deus... meu Deus... Como hei de suportar esta luz sem fim – inevitável e obcecante...

Ultrapassei-me em tédio. Tudo se esvaiou á minha volta...

Penduraram-me os nervos numa escápula de ferro; ataram-mos numa réstia sêca...

Tenho medo de mim, de triste que estou...

Passeio nas ruas, solitario – e o meu olhar, o meu próprio olhar, me fustiga...

Em vão busco ainda acompanhar-me de fantasmas...

Tudo vive *esta vida* ao meu redór...

Se ao menos existissem outras... Sei lá, vidas instáveis, vidas-arômas – organismos fluidos que se pudessem condensar, solidificar, e de novo evaporar...

.....

22 novembro.

Não me engano. Deu-se ultimamente uma modificação na minha Alma. Já não a sinto da mesma forma. Divergiu em hélice... E os meus sentidos giram como rodas de côr – tambólas de feira na minha febre...

.....

Devaneios... devaneios...

Sempre em face de mim a realidade cruel: a
folha branca onde escrevo – a vontade consciente
que me faz escrever...

.....

.....

.....

IX

Fevereiro 1909.

Emfim! *Emfim!* O triunfo – a Ouro o triunfo!

Como fazia mal em desesperar!

Vibro hoje apoteoses, e tudo se abateu
perante o Milagre!

Cerraram-se aos meus olhos redemoinhos de
Asa, em pedrarias e estrelas!

Houve fogos de artificio de arômas.

– Que vale o resto se o quebranto me
estilidou, insondavel em neblina?

Não sei o que se vai seguir – o que vai ser de mim. Mas seja o meu destino qual fôr, terei vivido beleza – beleza enclavinhadamente a sombrio... Projectei Mistério. Insinuei-me em Iris. Venci!

– Acaso posso ver o sangue?

.....

Foi este o meu triunfo. Quero fixa-lo poucas horas volvidas, para mais tarde o percorrer melhor.

Na minha vagabundagem espectante, sempre entre fanadas amarguras, ôcos esforços – bocejando luz e absorção – vim dar naturalmente á Costa Azul por este inverno rigoroso.

E uma noite do Carnaval de Nice, não sei porquê nem como, achei-me no baile do Casino.

Foi-me propicio o ambiente. Em ruidos dissonantes, zebraavam-se mil côres á minha volta

– scintilações de festa que me parecia estranho o meu espírito, aqui, sentir de lisonja.

E no meio da multidão bigarrada lembrou-me a frase volátil que, a um meu companheiro querido, ouvirà certa noite num café de Paris:

– Ah! os bailes de máscaras maravilhosos... Um baile de máscaras do Imperio, na grande Opera... Mas se eu estivesse lá – meu amigo, se eu estivesse lá – seriam minhas amantes todas as mulheres que me rodeassem: *porque todas viriam de máscara!*

Os meus olhos então resvalaram mais sensíveis ao Segrêdo que me envolvia – segrêdo banalizado, sem dúvida, mas ainda assim fugitivo.

Era perturbador e belo, com efeito...

Tanta sêda!

E abandonei-me ao tumulto – ao confetti e às serpentinas...

«Exquisita coisa» – breve comecei notando. «Não bebera de certo nenhum álcool, nenhum narcótico. Os meus sentidos emtanto vibravam em confusa dispersão: um esvaecimento acre, mas subtil, muito suave, delicioso – em transparencia *abatida.*»

Caminhei embaralhado até que, de subito, numa sensação oscilatória, as luzes divergiram em tórno dos meus olhos latejantes.

Ao mesmo tempo alguém me tomou o braço, murmurando a despertar-me do meu torpôr:

–Eu sou talvez a Princesa velada...

Não sei bem o que se seguiu. Só após alguns momentos pude *ver* a mulher esplendida que me tomara o braço. Alta, escultural, inegalavel – vestindo um estranho disfarce: o costume, por certo, dos pagens dalgum país distante e azul de conto de fadas.

Encerrava-lhe o tronco um corpête de brocado de ouro, por onde assomava em pernicioso audacia o bico petulante dum seio moreno.

Cingia-lhe as pernas, quasi nuas, um «maillot» violeta, imponderavel.

Um gorro de setim escarlata sobre os cabelos torrenceais, com uma pluma desconhecida, de ave mágica – ofuscante e multicolor.

A' cintura, um cinto negro de coiro lavrado, misterioso, donde, na sua bainha, pendia um estreito punhal.

Um «loup» de sêda verde a ocultar-lhe o rosto...

.....

Não sei bem o que se passou nos primeiros minutos – repito. O meu torpôr ia pouco a pouco

evaporando-se – mas a escoar-se arrepiadamente, toldando-me mais do que nunca os sentidos.

A minha lucidez só regressou – e uma lucidez muito relativa ainda –quando os dois, no bufete, bebíamos champanhe...

Numa inquietação arraiada, os meus olhos tinham-se fixado agora no punhal. Mas a desconhecida, seguindo o meu olhar, logo o tirou da sua bainha de prata e mo estendeu para que eu perdesse o mêdo.

Tomei-o nas minhas mãos vacilantes, num sentimento heraldico.

Era uma arma terrível e uma joia solene.

Pedrarias secretas se incrustavam nos copos, deslumbrantemente, em scintilações desvairadas, –brilhos remotos de densas pompas; côres infinitas... A lamina cruel de aço, estreita e curta, muito acerada – e, sobre ela, estranhamente

gravados, os caracteres surpreendentes dum alfabeto perdido...

Examinei a joia, emmudecido. Sombrou-se-me o rosto. Esfriaram-me os dedos... Mas, a sorrir, a estrangeira contava:

– E’ uma joia de família... preciosa, emblematica, antiquissima... com uma lenda medonha, espessa... de maldição eterna... Talvez um dia lha conte...

Foi como se me partissem os dedos com um martelo de gelo. Deixei cair o punhal... Ela apanhou-o no mesmo instante, sem medo, a rir muito... Depois, mandou-me encher mais uma vez a sua taça – enquanto, bem tranquila, sempre a rir, embainhava de novo a arma estrídula...

Sáimos do bufete. Amorosamente, encostava-se a mim – em verdade o seu corpo enroscara-se no meu. Tinham-se enlaçado as

nossas mãos – e um momento houve em que, ao ageitar o corpete aureo, fizera surgir mais livremente a ponta maquilada do outro seio.

Como nunca, se me acentuava agora um estranho calafrio – um calafrio de sombra, em singularidade me parecia.

A delirios, revendo a minha glória daquela mulher de olvido, admiravel, a pendurar-se-me dos braços – todo o meu receio era do fim seguramente banal da aventura. No entretanto nunca foram banais os beijos sumptuosos. E eu caminhava bêbado de alegria, automaticamente, fóra do espaço, sem proferir uma palavra...

Ah, mas decerto a minha companheira tomara já uma resolução.

Sempre pelo meu braço, dirigiu-se ao vestiario a pedir os seus abafos—um manto de peles riquissimas.

Eu tremia agora de pavor, sem coragem para lhe dizer a frase inevitável sobre a nossa noite...

Ela não se admirou nunca, em tanto, do meu silêncio – e pergunto a mim próprio, ainda, como é que de súbito me achei subindo para a «limousine» que, sem dúvida, a esperava...

O veículo arrancou, marchou muito rápido. Apenas então se me volveu um pouco de sangue-frio.

Fortalecera-se o meu triunfo: o enigma continuava. E o meu pavor divergiu: «Seria com efeito tudo aquilo um enigma—ou nada mais do que uma aventura interessante, rara, inesperada; contudo bem natural?...» Ah! se enfim eu estivesse na posse dum Segrêdo...

Até que, de brusco, decidindo-me, embora fôsse desmoronar-me numa desilusão, provoqueei

eu mesmo, indirectamente, uma resposta explicativa.

A minha companheira esquecida – a rir muito, a entrelaçar-me os dedos, jurou-me que não tivesse receio, que não havia perigo nem ladrões mascarados... que me levava apenas para sua casa, o seu hotel – acrescentando:

– Lá ninguém sabe que eu sou talvez a Princesa velada... Não lhes dei o meu nome... Dei um nome falso... A bem dizer não dei nome algum... Nem me viram nunca, quasi...

Senti na verdade deslocarem-se planos multicolores á minha volta: o Misterio prosseguia portanto, e não era eu que o criava. Ao contrario: eu buscara até aclarar-lo. O triunfo era certo e Oiro.

Assim abstraí da hora, decidido a entregar-me sem consciencia ao quebranto, entrecerrando os olhos para menos ver ainda.

Simultaneamente, sem me esforçar, sem me lembrar sequer de a sugerir – regressou-me anestesiadora e ténue, deliciosa como nunca, a dispersão que referi ha pouco e me dimanara antes de A ter achado – em arrepios violeta, agora.

(Particularidade curiosa que só depois observei: dessa difusão entorpecedora, muito do fundo, resumava um pavor oculto em insinuações magentas).

Pude ainda ver que, vertiginoso, desde o Casino, o automovel se dirigiu pelo Boulevard Mac-Mahon, – seguindo depois pelo Boulevard du Pont-Vieux até á Praça Garibaldi. Mas, após chegarmos a esta Praça – onde nos detivemos um instante para o chauffeur acender uma lanterna que se apagara – não me é possível dizer se tomámos pelas ruas Cassini, da Republica, ou por outras quaisquer.

A partir daí, com efeito, transmigrei-me a um mundo de sonhos. Volveu-se-me relativa a realidade – todos os meus pensamentos e os meus gestos foram meras projecções de movimentos subtis executados noutros planos. Adormeci em jade. Eclipsou-se qualquer coisa de mim: o luar, talvez, sobre o meu mundo interior. Fui apenas sensível ao Misterio que me acompanhava...

Ao fim de não sei quanto tempo, o automóvel estacou em face dum portão de ferro. Descemos. A desconhecida abriu-o com uma pequena chave que brilhou na noite...

Entrámos num jardim rumorejante. Ela dera qualquer ordem ao chauffeur que, tomando o guiador, desaparecera... A noite estava muito escura. Ao fundo do jardim, no entanto, eu pressenti a sombra dum grande edificio...

Tomou-me pelo braço, mais uma vez, a encantadora – e seguimos por uma rua lateral até chegarmos defronte dum pavilhão isolado, á esquerda do jardim...

De novo puxou por uma chave brilhante. Abriu uma porta. Subimos alguns degraus...

Era um interior delicioso – espécie de atelier adornado em requinte.

Uma atmosfera azul se cendrava aí iluminada em estranhas divergencias por lampadas electricas fôscas – macia de perfumes, toda de sêda.

Cortinados roçagantes – tapetes profundos, de luas rôxas.

Móveis orientais, indecisos – e, ao meio, um leito baixo de pelúcias, insondável, secreto.

Mas, em todo aquele ambiente de morfina, foi isto que mais me impressionou: a luz não era

imovel – ondulava no ar, bem distinta, em listas semi-ovais, desabrochando contínuas, a um ritmo iriado, de escoamentos ténues.

Mal chegámos, logo a minha ignorada arremessou o seu manto sobre uma poltrona espessa. E, em face dum grande espelho, logo também se despojou do seu costume. Ficou toda nua. No rosto sempre a máscara verde...

Quando o seu corpo surgiu liberto e esplendido, imovel como uma estátua, a meio do aposento – foi muito frisante – a luz modificou-se. Desabrocharam mais arqueadas as listas, em impulsos mais rápidos e esguios – influencia por certo da auréola de platina que, baçamente, o seu corpo macerado nimbava em redór...

Como se arroxou então o meu Orgulho, mosqueando-se a esmeraldas! Toda essa carne de Segrêdo ia ser minha! E um espasmo de alívio se

me evolou por vê-la conservar a máscara – integro assim, em ruivo, o Enigma!...

Rolámos doidamente pelo grande leito. Sob o meu corpo rangeu delirios a sua carne de Apoteose e Alma...

Ah! mas de subito os meus olhos fixaram-se em qualquer coisa mais resplandecente que brilhava perto, sobre o marmore rosa do fogão: o punhal que, ao desnudar-se, ela deixara ali, em descuido.

Continuei a morde-la...

Possessos, os meus olhos não se despregavam da outra maravilha!

Nessa atmosfera de sêda, penumbrosamente movediça, as scintilações da arma lendaria eram dum sortilegio infernal, mágico de rutilante e temível.

Não devia ser com efeito luz sómente, luz multicolor, o que as gemas esquecidas deslumbravam – e eu só posso exprimir assim, por fantasia: das pedras de artifício, emanava primeiro, em verdade, uma scintilação luminosa, relampejante. Mas, bruscamente, a meio da sua trajetória, essa scintilação condensava-se, na penumbra azul, em um núcleo hialino, donde, por sua vez, saía então um halo de reverberações coloridas, arco-íriadas, a divergir em estranhos rastros *de relêvo*. Era certo – eis o mais bizarro, e inexplicável: essa luz, ainda que fluida, tinha relevo: em relevos caprichosos e bem nitidos, *palpáveis*, nos surgiam o seu brilho e as suas côres.

Toda a minha vida, em suma, se focava agora no punhal. Estridentemente, não sei porquê, chegara-me a certeza granate de que era êle

emfim, mais do que qualquer outra coisa, o Misterio em que ha tanto me sonhava envolver.

Deste modo, uma impressão de feitiços minuto a minuto se me vincava, alucinadora e coleante...

Zurziram-se planos engolfados a meus ouvidos, arômas silvaram a transtornar se em musicas de dissonancia, até que, a uma scintilação mais fantastica, me pareceu secretamente que todo o meu mundo interior se paisagenava. As crepitações dos brilhos ofuscantes invadiam, sim, a minha Alma: esbraseando sol sobre as minhas ansias – toldando chuva no meu tédio, alastrado em planicie, inutilmente – aluarando os cemiterios das minhas nostalgias – e, maior singularidade, alargando uma Praça enorme, de architecturas colossais (mas com um grande poço ao centro, em vez duma estátua de heroi) em volta de todo o meu

entusiasmo. E previ no mesmo instante, seguramente previ, que a minha vida de alma, futura, ia existir nessa Praça – fechada, mergulhada talvez para sempre no grande poço central.

Depois, a todas essas ideias mágicas – nessa hora, pelo menos, tão reais – haviam-se misturado sempre os meus beijos nos seios esmaltados da doida, por toda a sua carne perdida, convulsa de miragens em ondas de neblina e jaspe!...

Seguiu se um momento em que os meus olhos lograram divergir do punhal na ideia perfurante de que tudo caía em meu redór, no espaço, insondavelmente – que só eu não caía. Pareceu-me mesmo que o proprio corpo encantado que vibrava sob o meu se ia abismando em vertigens. Melhor: prolongando-se em

espessura, pois, embora fôsse caindo, eu, imóvel, sentia-o sempre debaixo de mim.

Mas, breve, os meus olhos pararam de novo sobre a arma... Como nunca o mundo inteiro se me centralizou no punhal... Pairava todo um sonho de Ópio...

... Até que, por ultimo, um espasmo recamado em insinuações astrais me sossobrou... Mas, ao esvair me, ah! não foi a carne sumptuosa que eu possuí, opulento – *foram os reflexos imperiais da joia maldita!*...

.....

.....

.....

De subito, desenvencilhei-me... Precipitei-me sobre o punhal... Era tempo! O Misterio ia desmoronar-se... Ela erguia-se já... Tiraria a máscara, por certo... eu proprio lha arrancaria... E

vê-la... saber *quem* ela era... ver os seus olhos...
deixa-la... Não! Não!... Impossível.

De resto, o ambiente, após os extases, por
força me havia de surgir em toda a sua realidade...
Apenas durante os espasmos lograra imagina-lo
talvez – purpureamente.

Eu ia acordar... Despertava do Ouro... Ia
perder todo o Milagre...

Tive mêdo. Reciei pelo meu orgulho... Que
seria de mim se não tivesse o genio de fixar –
leonino! – aquele Segrêdo escultural, de me
enroscar nêle para sempre, de o estilizar em mim-
proprio para sempre o viver?...

Foi uma ansia de estertores! Mas venci!...
Empunhei a arma rudemente... e cambaleando,
num redemoinho, numa vertigem, enterrei-lha
toda no coração...

Não houve um gemido. Apenas os seios oscilaram...

Que hora grandiosa!

Pareceu-me que chocara em verdade contra o destino, e o meu braço – só o meu braço – o fizera deter!...

.....

.....

Sim! Sim! triunfara! Até que realizara a minha obra – projectara bruma, envolvera névoa, abobadara Sombra... E, a meu redór, a realidade desmoronava-se em gômos negros, cascalhantes...

Uparam-se trônos de marfim a cercar-me... desfilaram cavalgadas de estrelas... diademas rolaram em catadupas...

Ah! o momento infinito!...

Não era tudo, emtanto. Faltava ainda alguma coisa para a obra ser completa... E, num impeto,

de olhos cerrados, por baixo do «loup» de sêda verde, lacerei furiosamente o rosto dessa mulher que nunca vira: para ninguem mais a poder ver – *nem eu mesmo!*

Olhei a joia. Milagre. A ponta limpa de sangue. Só as letras da inscrição enigmatica se tinham colorido de vermelho, perpetuamente. E as pedras do cabo do punhal haviam cessado o seu desvairo – emfim tranquilas de luz.

Arremessei a arma longe. Fugi...

Guiei-me, sonambulo, entre as ruas do parque. Saí o denso portão de ferro, cuja chave ficara, decerto, na fechadura... Vagueei não sei quantas horas por ruas desconhecidas...

Quando a lucidez me voltou – e me regressaram as noções do espaço e do tempo – *achava-me de novo, não sei como, na Praça Garibaldi...*

.....
Nessa mesma manhã tomei um expresso na
estação de Ville-Franche. Ninguém me impediu o
passo...

Ignoro o que deixo atrás de mim... um
cadáver, pelo menos... Ignoro o que vai suceder...
se já correrão a perseguir-me...

Mas que vale tudo mais em frente da obra a
Diamantes-marmore que ascendi?...

Subtilisei-me em Astro... vibro de
Sortilegios... Finquei-me em Saudade e Beleza...

Eu proprio sou Misterio. Tremo de pavor,
esvaecidamente. Translucidez afilada!

E' tudo sombra – Sombra, emfim, á minha
volta!

O triunfo maior: o Triunfo!...

.....
.....
.....

X

3 fevereiro 1911.

Tanto tempo volvido... E retomo as minhas notas para frisar a minha glória.

Sim, foi completo o Triunfo!

Como hoje vivo Outro – indeciso, longinquo; insensível a tudo quanto me contempla. (Não sou eu que olho as coisas, já – antes elas me olharão, quem sabe, agora...)

Talhei-me em Exílio. Deixei de ser Eu-mesmo em relação ao que me envolve. O Mistério

ogivou-me longos aquedutos – e os écos, entre as arcarias, não me deixam, por afago, ouvir a vida. *A' minha cêrca existo hoje só Eu* – vitória sem resgate!

Para mim não ha senão «antes» e «depois» da Maravilha. De «antes» não me recordo. Ninguém se lembra do que viveu primeiro que nascesse. Ora, por essa noite tigrada, no minuto a safiras em que lhe cravei o punhal – acordei (foi certo) em outro mundo, nasci outra vida: uma vida delgada onde é perpetuamente a mesma estação do âno, onde os instantes existem parados pelo mesmo tempo fóra, – um tempo diverso, inexprimível, sem direcção: que não é espaço ou movimento, mas qualquer coisa como um ritmo fluido, constante por transparencia vibrátil.

Tudo se esbateu aos meus sentidos, se nimbou de Subtil. Tudo hoje apenas adivinho. Eis

como venço seguir olvidado – preso por fios de
sombra ao meu quebranto.

Não oiço os meus passos; mal vejo os meus
gestos.

Irrealisei-me a crepúsculo – emmudeci a
toda a luz.

Vou sempre como através de ruínas.

Durmo tórres e fanatismo em Levantes
intermitentes.

Saibo-me a um descobridor de mundos que
não existiram nunca.

Se falo alto, sózinho, a minha voz ressoa
coada por damascos e pelúcias – outras vezes,
mais longinqua, através de marmores arraiados,
côr de rosa...

Dissolveram-se-me no sangue a Beleza e o
Misterio.

Ah! tenho bem nitida a impressão de que, no momento do crime, despojei qualquer coisa de mim que teria ruído aos pés do cadáver – e assim me libertei, me individuei a Esfinges...

.....

10 fevereiro.

Que pompa ao meu redór!

Sou hierarquias em Byzancio...

Todo eu paio Segrêdo.

Quem era ela – *quem era o seu rosto?*...

Fôsse como fôsse, essa mulher tinha uma vida, portanto – uma existencia bem sua. Muitos a viram, ao menos...

E desapareceu – sumiu-se por alçapões teatrais.

Choraram-na os seus amantes, sem dúvida – e os seus parentes lembraram-se talvez da sua morte.

A sua morte existe – mas só eu posso jurar-lo!

.....
.....

Procuraram-me bem após o crime, decerto. Embalde... Atrás de mim não houve vestígios. Passara como uma lenda.

Estranha segurança: nunca receei que me descobrissem. Nem pude nunca recear que o meu crime fôsse algum dia punido. Foi como se nunca o tivesse praticado.

Apenas não tornei a ler jornais.

Emtanto uma vez – não sei por que cidade – os meus olhos fixaram-se de súbito num diário

estrangeiro, desdobrado, que um transeunte lia.

Em grandes letras, vi ainda, sem querer:

«O Misterio da Vila das...»

No mesmo instante o desconhecido voltou a página...

– Seria aquele o meu Segrêdo?...

De resto, as letras não me zig-zaguearam a fôgo...

20 fevereiro.

Nimba-me também, certas manhãs astrais, uma ternura de camélias: a saudade emersa da carne uma só noite beijada – e as macerações frenéticas daqueles seios agressivos...

.....

Minha louca, como devias ser bela – duma formosura nova, doutras delicadezas...

Matei-te. Abjurei de ti sem te conhecer... Vês tu: foi esta a maior prova de amor!

28 fevereiro.

Caminho...

Oscilações difusas, de côres brandas, aquosas, ascendem em movimentos de hélice, a refrescar o ar á minha volta – indícios multicolores sossobram – enroscam-se listas de arômas – vertices hialinos, ao longe, divergem prismáticamente – esgotam-se sons perdidos de azul, num retinir cendrado – volteiam sensações de filigranas – alastram-se écos de marfim...

Tal é a paisagem de subtileza, nostalgica doutros mundos, que me encerra hoje!

Tudo se me toldou a bruxulear. Tudo se me substituiu em Imponderavel.

Eu sei, eu sei. E' que, verdadeiramente, a partir da Hora-imperial, a minha existencia tornou-se sensivel a outras dimensões. E é nelas que prossegue hoje a minha vida estática...

Luar de embandeiramentos!

XI

Dezembro 1912.

Pela primeira vez, depois do Milagre, eu vejo um pouco o cenário real á minha volta. Decerto. E' que me encontro em Veneza – sensibilidade isócrona á minha Alma actual.

Não me paralisou o Triunfo. Desde que me descobri em Sombra, ao contrario, mais do que nunca vagueio – para mais esquivar a minha incerteza; mais flexível e ondulante.

Descubro hoje, porém, que melhor valerá
fixar-me aqui, para sempre, nesta paisagem-
iluminura, transtornada de Misterio.

Por incerta que me fôr a agitação, nada de
mais duvidoso me enganará do que existir nesta
cidade azul, projectada em marmore no Tempo –
constante, parando clepsidras...

.....

Veneza!

O' cidade sagrada da fantasia, capital
brocado de inter-sonho, em mágicas penumbras –
iris de crepusculo, anémona de ante-manhã...

Luz de retrocesso a Ouro morto e bronze, ao
entardecer sobre as Praças – salões de Paços riais,
mosaicados, dir-se-hiam, onde os edifícios, á
roda, fossem paredes de esculturas – e as sombras,
ondulando, reposteiros suspensos...

Veneza surgiu-me sempre, toda ela, através dum grande vidro polido, em perspectiva, como um panorama de artifício – a iluminações teatrais.

Sou bem outro ao agitar-me na sua atmosfera de Passado amarfanhando rendas – capitosa e esquecida, lendária, arquitectónica...

E nos cais dos palacios, nos cais da cidade – filho louco de Doge, talvez – comando préstitos de emigrantes mortos, em disfarces de pompa...

Tudo ecôa... tudo ecôa em redór... Permaneceram nos espelhos, ali, sorrisos doutróra... o ar cascalha ainda, nesta sala, murmurios das festas volúveis doutras épocas...

Estilisaram-se danças em côres, pelos lambrizes...

Ofuscaram-se máscaras em cinza...

Nos canais, negras, as gôndolas singram de esbelta tradição. E eu não posso acreditar que as

movam remos – mas sim as marchas funebres dos
orgãos da Catedral.

Campanarios e cúpulas irrealizam-se ao
longe...

Tudo influe encantamento. Até o horizonte é
um filtro...

– Veneza! Ó cidade-Princesa adormecida de conto
de fadas – incerta de liz, saudosa de miragens,
fugidia de inter-lúnio...

.....

A ti me devo misturar para sempre.

Como te sinto hoje mais ténue e latejante...

Adelgaçou-te o meu segrêdo – aumentou-te
em Oculito...

Rodeio as tuas praças, entro nos teus
palacios, ajoelho as tuas Basílicas – e compreendo
que sou alguma coisa da tua arquitectura.

Desço escadas de honra – perco-me em galerias...

Confundo me com os teus monumentos, os teus marmores, as tuas douraduras – tuas salas secretas, tuas pontes sinistras.

Ocultamos as mesmas insinuações.

– *Quem sabe se eu já fui a tua alma?...*

XII

23 janeiro 1913.

Ontem, no Florian, não pude evitar um encontro.

De longe a longe, a realidade – é certo – ainda ressuma, inofensiva mas enervante, á minha volta.

Foi um dos meus raros conhecidos – um amigo indiferente de Paris.

De resto, nem procurei velar o meu despeito, enquanto êle me apresentava o seu companheiro – um inglês: Lord Ronald Nevile...

(– Ah... porque me lembrarei deste nome?...)

28 janeiro.

E' estranho. Começo, receosamente, a observar uma modificação no meu espirito. Ha mais claridade sobre mim. Oiço talvez, de novo, os meus passos. Ter-me-hei ainda iludido?...

2 fevereiro.

Seguem-se agora, inevitavelmente, todos os dias, encontros com o meu amigo e lord Ronald.

Devo tranquilizar-me. São decerto, apenas, estas horas oleosas de verdade que me alteram o espirito.

Procuo fugir. Mas em vão. A cidade é pequena.

E, a qualquer parte onde vá, encontro-os sempre. *Pelo menos encontro sempre o Lord...*

3 fevereiro.

E' muito interessante e bizarra a figura do inglês.

O seu perfil esfuma-se hirto – duma distinção aristocratica e concisa.

E' alto e esguio. A péle muito clara, aloirada nas mãos longas – volve-se lhe no rosto, maceradamente, duma palidez sonambula. Os olhos intensos, dum azul cruel, fulguram-lhe em

brilhos tão profundos que parecem não existir nêles próprios – mas atrás dêles, coando-se como por lentes através das pupilas.

Rasga-se-lhe delgada a bôca equívoca, em crispações femininas – divergindo em triangulo as comissuras dos labios, por sombras agrestes. Os cabelos louros – indecisos em tons de cobre.

Usa inteiramente barbeado o rosto de aridez, e – detalhe sinistro – nas suas faces *extensas* ravinam-se misteriosos sulcos verdes.

O mais singular, emtanto, são os seus gestos, todos a linhas quebradas; duros e frios. Mas realmente frios – fisicamente frios. Sempre que perto de mim, o Lord esboçou um gesto, mudou uma atitude, eu senti com efeito uma sensação de frio – um frio ácido, crispante, *silencioso*...

Não é menos extraordinária a sua voz. Uma voz cristalina e moça – mas que se diria vibrar abafadamente, entre crêpes negros, de sêda.

Os seus passos são de madreperola.

.....
5 fevereiro.

A claridade aumentou em minha volta.

Dia a dia sinto o Milagre mais longe.

Vai-se pouco a pouco dissipando o cenário de artifício que me toldava de Imperios e Vago.

Já se não zurzem em meu redór outros planos resvalados, transpondo a Certeza.

A minha vida parece regressar ás antigas dimensões.

Oh! mas é necessario ter força, não deixar diluir o quebranto!

Tudo isto é mera influencia do contacto com os estrangeiros evidentes. *Não pode deixar de ser assim!*

Urge pôr termo aos nossos encontros.

8 fevereiro.

Baldados esforços!

Fecho-me em casa, decidido. Juro não sair...
E, de subito, não sei para quê, caminho nas ruas,
– á tôa, bocejando...

Sei bem o fim que me espera. Não deixo nunca de *o* encontrar...

9 fevereiro.

Mas será propriamente luz, luz real o que hoje me cerca? Não será antes, meu Deus, qualquer coisa mais perigosa que não saberei ainda exprimir – qualquer coisa ofuscante, em densidades remotas?...

12 fevereiro.

Seja como fôr, não me esqueço do Lord.

Inquieta-me sobretudo este facto irrisório: ao lembrar-me do seu rosto, êle surge-me sempre de uma palidez adormecida – e ravinado por estranhos sulcos verdes, inexplicaveis. Pois bem: *esses sulcos não existem!* Isto é: embalde, defronte dêle, procuro descobri-los nas suas faces. Nunca os vi realmente. *Mas não me é possível recordar o seu rosto, sem esses sulcos verdes – fantásticos...*

.....

.....
16 fevereiro.

Emfim!

Posso de novo encerrar-me no meu Misterio –
volver á Maravilha.

O meu amigo e o Lord partiram hoje.

Acompanhei-os á estação!

XIII

22 fevereiro.

Um sortilegio rôxo, em verdade, me entrelaçou. Esquivas macerações a tons de Oiro vacilante me dimanam e enfeitiçam em Alma e corpo. Vivo só em metade de mim – a mão brônzea, incrível, dum gigante, se abateu, cerrada, sobre a minha nuca. E, atordoado, prossigo em direcções assustadoras, complexas, pastosas.

Uma força estranha, dobrada, se enclavinhou no meu espirito, e, sub-conscientemente, ela me

dirige. Desenrolá-se um fio negro, perto de mim, que me guia – imponderável mas fatal.

Pois como doutro modo explicar o desconcertante erro?...

Eu decidira, bem convicto decidira, permanecer largo tempo em Veneza a penetrar-me de indeciso e marchetado – e, desta forma, regressar, íntimo, ao meu cioso alheamento-Estátua.

Um grito de expansão soltara, por sinal, como doido, ao ver desaparecer o comboio que levava para longe esse desconhecido, banal porventura, mas que a minha vibratibilidade, ainda assim, pressentira em secreto.

Livre, sózinho, de novo ia permanecer, sem dúvida, inteiro em mim – absoluto em Ténue, glorioso, a oscilar a minha soberba.

Não obstante, poucos dias depois, certa manhã, – sem pensar, sem me ver (foi exacto: *sem me ver*) fiz, creio, as minhas malas, corri á estação, saltei sobre um expresso... ignorando para onde me dirigia, embora eu proprio tivesse comprado o bilhete...

No entanto o mais estrambótico, o mais pavoroso, era que apesar de tudo isto ser assim, assim mesmo, eu sabia – ah! no fundo demasiadamente sabia! – para aonde viajava, porque viajava, e o que me fizera partir de subito...

Na estação de Nice, com efeito, descí. No «trottoir» alguém me esperava... O Lord, realmente, correu para mim – tomou-me o braço, sem surpresa, como se já soubesse que eu devia chegar naquele comboio. Levou-me para o seu hotel...

*Eu não escrevera a ninguém a minha partida
de Italia.*

XIV

27 fevereiro.

Mais do que nunca me sinto resvalar entre véus cinzentos. O quebranto persiste, afinal – mas é outro, rebelde. Mais de esfinges, talvez – agressivo porêm; nunca afagador.

Os dias seguem, e vivo na impressão bizarra de que êles é que são eu – e eu o tempo por onde êles decorrem.

Acendem-se luzes amarelas, triangulares, picarescas, em face dos meus olhos que, ao longe,

projectam, implacavelmente, dois pontos dum vermelho sujo, enfadonho...

Visões de molduras – molduras só; ovais, sem retratos – bailam outras vezes defronte de mim: sobretudo nas horas trémulas de antes de adormecer.

Volveu-se-me, de resto, uma doença física dormir. Nunca me ciliciaram pesadelos de remorso. Durmo, ao contrario, densamente – e é esse mesmo peso do meu sôno que me aflige e amarfanha. Só ao fim da tarde me sinto curado do meu despertar.

1 março.

Vejo-me já, nestes poucos dias, num grande circulo de relações, graças ao meu extraordinario companheiro.

O Lord é recebido em toda a parte – com a maior consideração. No entretanto afigura-se-me, não sei porquê – *com uma consideração despeitada.*

Gasta dinheiro a rôdos. Todos o adulam; todos o conhecem. Pelo menos, á sua passagem, todos o olham – apontam-no, falam baixo...

Só êle parece não conhecer ninguém – *mesmo as pessoas que me apresenta.*

Acompanho-o muito. Fiquei no seu hotel. Logo de manhã me vem buscar ao meu quarto... Comemos á mesma mesa. Passamos os dias juntos. A ponto que não tenho um instante livre. Chega-me a infastiar, por vezes, a sua presença contínua.

Aliás, não se pode ser mais amavel. Parece considerar-me muito. Interroga-me sobre as

minhas obras. Conversa sempre. Mas ha subitas lacunas nas suas frases.

Não me deixa pagar nenhuma despesa. Chegam-me a vexar as suas atenções.

.....

O centro da nossa vida mundana é em casa da Marquesa de Santo-Stefano que habita uma luxuosa «vila» de Cimiez. Todas as noites recebe, em sumptuosidade. E' aí que tenho feito muitos conhecimentos. Facto estranho: quem sempre me apresenta é o Lord.

A Marquesa de Santo-Stefano é uma mulher formosíssima. Ouvi dizer que o seu marido está paralitico e nunca sai do seu castelo dos Abbruzzos. Não sei bem ao certo. Mas seja como fôr, ainda não vi o seu marido.

A melhor sociedade frequenta os seus salões.

2 março.

Nos jardins da «vila» da Marquesa não ha nenhum pavilhão.

4 março

Sigo nas salas douradas. Os pares volteiam em mil côres. Lembram rosas as valsas. E, no entanto, mais do que nunca se me acentúa um calafrio de receio. Tremo todo... Rangem-me os dentes... Faço os ultimos esforços para que se não veja a minha inquietação...

Atravesso outros salões... Tenho a ideia que pontes de ouro se abrem á minha passagem... Listas de cristal fustigam-se vertiginosas... E eu sinto-me esse cristal prestes a estalar...

Zig-zagueia-me o cérebro. Vou-me encostando ás paredes para não cair...

O Lord não chegou ainda. Combinara encontrar-se comigo, á noite, em casa da Marquesa...

Receio o quê? A sua chegada? E' possível. Parece-me contudo que, se tremo, é mais pela sua ausencia.

– Onde estará êle agora? Que estará a fazer agora?...

E este pensamento tortura-me como se, longe de mim, me podesse fazer mal – *me podesse fazer pior...*

... Chega finalmente. Sosségo um pouco. Vem mais pálido. E' nova a côr dos seus cabelos! Os seus passos divergem noutros brilhos...

6 março.

Como posso sofrer tanto...

E porquê, meu Deus, porquê?...

Que terá a minha vida com a desse estranho?

Nada me prende a êle. *Ninguém me prende.*

Sou livre, perfeitamente livre. Se quiser partir amanhã, hoje mesmo – *posso partir*. Ninguém mo impede. E é por isso talvez que permaneço...

Mas não sei em verdade o que me atrai a esse homem. E' terrível: não o esqueço um minuto. Quando estou diante dêle, mesmo assim, não me logro esquecer de que estou diante dêle. Junto de qualquer pessoa, nós olvidamos a sua presença – *a sua presença é natural*. Pois o mesmo me não sucede em face do Lord – como se só por um prodigio fosse possível estarmos os dois frente a frente...

Cada vez duvido mais para onde caminho.

Chega-me uma sensação de fim, a prata
velha e rôxo.

.....

8 março.

- Quem é aquele homem? ah! quem é aquele
homem?...

Positivamente, nada sei.

Desejo investiga-lo a todo o custo.

Mas não ousa, como seria já natural, na
nossa intimidade, fazer-lhe uma pergunta directa.

Até aqui, a minha unica tentativa foi junto do
amigo de Paris que nos apresentou. Fiquei
petrificado. Respondeu-me só, ligeiramente, que
o conheceu por acaso – durante a viagem, de
Roma a Veneza, que tinham feito na mesma
cabine...

9 março.

Ainda procuro às vezes persuadir-me de que tudo isto é bem simples, bem real – que não existirá misterio algum nesse personagem – entretanto sinistro.

Ai, dura pouco a ilusão...

E começo a observar que, nas suas frases de quando em quando interrompidas, aparecem agora também, a intervala-las, palavras incoerentes, avulsas – palavras hirtas, mortas – que saltam, como escórias, na frase que vai pronunciando: raspadas, caindo secamente...

Depois, para aumentar o meu pasmo e o meu mêdo, as minhas dúvidas arripantes, eis ao que esta noite assisti:

Jantámos em casa da Marquesa de Santo-Stefano. Esta apresentou-nos alguns convidados que desconheciamos.

E eu ouvi, distintamente ouvi, a Marquesa, fazendo as apresentações, dizer.

– Lord *Roland* Nevile.

O meu amigo nunca protestou.

Roland e *Ronald* confundem-se, em verdade, na pronúncia inglesa. Emtanto, mesmo assim, não se me afigura natural o erro da estrangeira.

Pareceria bem facil dirigir-me ao meu amigo, a esclarecer o caso. Tentei-o ainda. Em vão... Ao preparar-me para lhe falar do *engano*, sentia-me tremer todo... e um sêlo de fôgo me cerrava os labios...

De forma que, hoje, nem mesmo estou certo do seu nome.

– Para onde vou, meu Deus, para onde vou?...

11 março.

Ontem, depois do almoço, estávamos ambos sózinhos no terraço do Hotel.

Bruscamente o Lord pôs se-me a falar de sensações de misterio e de mêdo... a perguntar-me as que eu já fremira...

A conversa deslisou, bem plausivel, neste campo – até que, de subito, destrambelhadamente, ás gargalhadas, concluiu assim:

– Eh! meu amigo... eh! eh!... por ventura... meu amigo... já experimentou tamanha glória?... Dormir num grande palácio deserto... ás escuras... e, antes de adormecer, á força de concentração... só com a sua vontade... ah! ah!... povoar de figuras as casas vasias... na treva... figuras de mêdo... *kesskrrrsssss...* mutiladas...guturais... farfalhantes... E’ belo! E’ belo!... Mas não o queira nunca... Tem um perigo... Que, reais em

demasia, as crisálidas se precipitem a cercá-lo... e
o esmaguem... esverdinhas... contorcidas...
contorcidas... rrrrrrrr...

Olhei-o atónito. Havia uma auréola
peganhenta em seu redór...

Depois, não sei quantas horas ficámos os
dois ali, silenciosos – face a face...

.....

XV

14 março.

Cada noite se me frisa melhor a sensação de «fim» – por inflexões arruivadas, agora. E creio mesmo, em bizzarria, que não sou já, sequer, eu proprio, mas apenas o embalsamamento de mim proprio.

Giro entre fluidos policromos.

Todo eu sou naufrágios embandeirados a negro. Comtudo, a meio destes feitiços e do meu pavor dia a dia mais electrico, esvai-se um iriado

capricho a esbater-me, dolorosa – porêm
transparentemente, aciduladamente,
frescamente...

Ah! mas ouvi-*lo* hoje, não me perturba só –
martirisa-me também: porque a sua voz começa a
ter sobre os meus nervos a mesma influencia que
o raspar da lixa em ferro – um calafrio osseo
semelhante aos que nos produzem os ácidos fortes
e os liquidos gelados passando-nos pelos dentes...

Outra singularidade:

As nossas conversas são todas em francês.
De resto, eu mal conheço a sua lingua. Vê-se bem
– é claro – que o Lord não é francês. Mas não tem
o acento inglês. De forma nenhuma. Nem outro
acentro estrangeiro que eu conheça: espanhol,
italiano, russo, alemão, oriental... A verdade é
esta: não fala, a bem dizer, com acento algum.
Conhece-se que é estrangeiro, mas não pela

pronúncia... por outra coisa qualquer: mais velada,
perdida...

E nunca o ouvi falar senão francês – *mesmo
com os seus compatriotas.*

A sua voz lembra-me uma sombra.

Com efeito, todo aquele homem me lembra
uma sombra...

.....

XVI

20 março.

Oh! o mêdo sepulcral!...

Estou perdido! Agora, sim, não me resta ilusão alguma – estou irremediavelmente perdido.

Foi ontem á noite quando, de subito, um jacto electrico lhe iluminou o rosto que, pela primeira vez, doido de pavor, não sabendo evitar um grito – observei que o seu queixo se parece frisantemente, numa curva subtil, mansa, inconfundivel, com o queixo da morta... *a unica parte que eu vi do rosto da rapariga mascarada...*

Que me vai acontecer, meu Deus, sempre ao lado deste homem – em estilhaços todas as esperanças, hoje, de lhe fugir um dia?...

22 março.

Lembrou-me esta manhã, em confusão, se o meu crime não o teria praticado antes *ê*le...

23 março.

E' certo – mais que certo: qualquer coisa de horrível, de alucinante, me encadeia a esse homem. Não sei bem o quê, ainda...

Vivo numa tortura incessante. Eu-proprio sou a minha angustia. E o meu terror, vou encontra-lo mesmo nos gestos das pessoas que me falam, nos olhos dos transeuntes.

Mas que vitória também! A minha dôr enclavinhou-se em Misterio – esculpe-me em desconhecido, alastra-me em destrambelho...

Assim, agora, defronte dos meus olhos, torcem-se picarescamente grandes cabos viscosos, duma materia arroxçada, em filamentos capilares. E nas minhas horas de maior pavor sinto, com efeito sinto, que vão comboios pequeninos na minha alma, puxados a cordel – e que as minhas entranhas se reduziram a um complexo sistema de rodas de vidro e marfim, pequenos discos multicolores, ponteiros exidados – tudo a girar, vertiginoso, por um inutil movimento de relojoaria...

De quando em quando, por entre as rodas dentadas, ressoam timbres agudos de campainhas electricas... acendem-se lampadas minusculas... fecham-se e abrem-se circuitos... e, mais

irrisoriamente, ascendem – inesperados, não sei
donde – finos repuxos de álcool colorido...

Vou nas ruas, disperso, atônito, conduzindo
dentro de mim, em laboração, o ridículo
maquinismo – quinquilharia afinal, brinquedo de
criança: mas de que eu tenho receio... um receio
laivado de riso, sarcasticamente...

E os nervos rangem me todos, como ossos...

.....
.....

Que hei de lastimar, portanto? O meu
Triunfo, seja o que fôr – embora maldito – é uma
certeza.

Tenho o que queria: a Sombra.

27 março.

Cada dia vivo mais em face do Lord. Pois é diante dêle que o meu tormento, em todo o caso, diminue – preso dos seus olhos.

Ontem falou-me dos seus dominios da Escóssia... um castelo imenso, entre bosques...

E era tão sombrio o tom da sua voz, referindo-se aos seus territorios... Parecia velar-lhe a garganta a sombra – talvez – das arvores seculares das suas florestas...

Escutando-o, lembrou-me, numa recordação visual, o meu Principado sugerido outróra.

29 março.

Mais e mais a bruma me ondula – bruma de tempestade, receando trovões.

Adivinho, inexprimivelmente, ao longe, avançar sobre mim uma sombra – uma grande sombra, aguda, triangular, em vertices repentinos...

30 março.

Voltam as obsessões de molduras – molduras douradas a ouro fôsko, onde agora porêm se enquadram telas... telas só... *telas ainda sem retratos...*

1 abril.

Procuo desenvencilhar-me numa ultima veleidade. Não tanto para fugir da loucura – quem sabe – como para medir melhor a força do meu Misterio.

Mas embalde tento lançar luz. Em tudo isto ha pequeninas certezas, reais, insofismaveis – que me confirmam o duvidoso, em maior significação.

Não me engano! não me engano! O Erro e a Sombra existem-Me.

Ao mesmo tempo prevejo que o mais fantastico, o maior, o mais sombrio, ainda me não foi descoberto.

Esperaremos...

Por mim, terminei. Vivo o meu fim. Sómente, quanto durará o meu fim?...

2 abril.

Há vestigios verdes nas telas vazias das molduras douradas.

4 abril.

Só bem-me, em ternura, recordações de infância – um pouco a rosear o meu mundo interior. Durmo menos agitadamente – como as crianças, com a cabeça debaixo dos lençóis.

Mas chegou-me um novo receio: o mêdo do luar. Amaldiçôo-o sem saber porquê...

6 abril.

Os arrepios que me sossobram juntaram-se todos numa agulha.

8 abril.

Ha duas noites que sonho grandes incendios em ruinas.

9 abril.

Apareceram retratos desconhecidos nas
molduras douradas.

.....
.....
.....
.....

16 abril.

Emfim – sei tudo!

Ah! por isso eu amaldiçoava o luar...

A verdade foi-me revelada quando os dois
conversando, ontem, parámos sob um raio de lua.

Ignoro como é que o adivinhei. Mas, de subito, o misterio desvendou-se-me numa certeza escarlata, iluminada a jorros – fatal, irreduzível.

Tambem, não podia deixar de ser assim. Aquele homem havia de ter, por força, qualquer relação com o meu segrêdo!

– *O LORD É A MORTE DA RAPARIGA MASCARADA.*

XVII

17 abril.

O «fim», a veludo negro e crépes –
consumou-se portanto.

Já não tremo.

Resvalei do meu mundo-interior.

Pararam as rodas e os ponteiros dentro de
mim – emmudeceram os timbres, apagaram-se as
lampadas.

Sei o meu caminho irremediavel...

Para que lhe tentar fugir?

Os meus passos, de hoje avante, só podem
ser os *seus* passos...

Embrenhei-me definitivamente.

Chego á grande Sombra.

– Mas aonde iremos... aonde?...

Será o ultimo Enigma.

Porque havemos de partir, por força...

.....
.....

Nas molduras secretas, emfim tranquilas
(elas outróra oscilavam sempre) os retratos
desconhecidos volveram-se o *seu* retrato –
uniformes, a verde. Era tambem fatal.

18 abril.

Em todo o caso, que pavor sem nome!...

19 abril.

Devíamos ontem jantar em casa da Marquesa de Santo-Stefano.

Porêm, á ultima hora, *resolveu* que ficássemos no Hotel – e hoje, no Passeio dos Ingleses, todos os nossos conhecidos nos voltaram as costas! Entre êles, o amigo de Paris que nos apresentara.

Mas parece nem o ter notado...

Sigo de abismo em abismo.

20 abril.

Saiu de madrugada.

Estava só no meu quarto, quando um maitre-d'hotel me veio chamar.

Contou-me que uma senhora estrangeira, numa grande agitação, procurava o PRINCIPE – que tinha a maior urgencia em lhe falar... Era um caso de vida ou de morte. Se êle não estivesse, ao menos supplicava que a ouvisse o seu amigo.

Corremos ao salão.

A desconhecida desaparecera...

.....

– O Principe!...

21 abril.

Suicidou-se ontem a Marquesa de Santo-Stefano.

Preveniu-me ao almoço que partimos hoje. Tomaremos o comboio na estação de Villefranche.

E' outra a força que me arrasta.

.....

.....
– *A sua morte! A sua morte! A sua morte!...*

XVIII

.....

Não atravessámos nenhum mar. A viagem foi toda de caminho de ferro. E não posso dizer quantos dias durou.

O expresso caminhava vertiginosamente, parando em raras estações – estações porêm que eu nunca descobri, olhando pelas vidraças.

Febril de quebrantos, disperso de agoiros, aturdia-me a impressão de que o comboio não marchava horizontalmente, mas verticalmente, desmoronando-se em nuvens que o peneiravam

através de estreitos póros – bem como ao meu corpo.

De resto, já sem mundo-interior, deportado dêle para sempre, só de muito longe (e a muito vago) sentia – e de mais longe posso referir aqui o que sentia. Apenas os *seus* olhos atuavam ainda a minha vida – os meus sentidos, as minhas recordações.

Fomos sempre face a face.

Chegámos, noite cerrada, a uma gare imensa – desta vez real, bem visível. Mas uma gare inexplicável: deserta, sem chefe. Pelo menos eu não vi nem chefe, nem soldados, nem carregadores...

Esperava-nos um grande automóvel cinzento, muito agudo. Subimos. Mais vertiginoso do que o expresso, o veículo marchou algumas horas. Durante o trajecto não trocámos

uma palavra. Creio até que nunca mais trocámos uma palavra.

A noite, densíssima – tão escura que oferecia resistencia ao proprio automovel...

Por fim, a carruagem estacou. De volta as trevas ainda. Emtanto, próximo, sentia-se – não se via, pressentia-se numa emanção de altura – a sombra dum grande edificio torreado.

Descemos. Atravessámos as ruas dum jardim – suponho. Sôbre uma escadaria, muito larga, de marmore negro – um lacaios, de libré toda branca, empunhava, mal aceso, um candelabro antigo.

Entrámos.

Numa sala de tecto elevadissimo, havia uma longa mesa posta para muitos convivas. Luzes baças, sempre.

Sentámo-nos. Mas não apareceu ninguem.

Bebemos Xerez. Trinquei um fruto.

Tinha desaparecido...

O mesmo laçao, hirto, silencioso, me guiou por escadas intermináveis e fundos corredores ao grande aposento de abóbadas onde escrevo estas páginas – á luz ondulante duma grossa vela de cêra...

.....
.....

– Onde estou, meu Deus, onde estou?... Para aonde me trouxeram... que vão fazer de mim... que pretendem de mim... a que me irão obrigar?...

Ha lembranças de pavor, ainda, na minha alma – tão funesta é a noite, tão cerrado o Enigma...

Arrepanham-me cabelos de feitiço.

Volvem-se estátuas de ferro os momentos.

.....
.....

Ólho em volta. Prescuto a penumbra.

Bailam sombras em todo o aposento:
sombras rasteiras, pesadas, sólidas, que esvoaçam
sem asas – e que a chama triste do cirio não logra
afugentar.

O leito espera-me ao fundo – abafado,
insondável – sob cortinas de damasco púrpura.
Lençóis de bretanha; colchas da Índia.

A’ direita, um grande armário de espelho.
Mas estremeço... ranjo de presságios... O espelho
está partido... estalado de alto a baixo...

Ha portas, seguramente de desvãos, que não
ousou abrir, em arrepios – bem como a grande
janela do fundo que uma tranca exagerada cerra...

Lá fóra, nas galerias, em todo o palacio – um
silencio de cathedral.

No quarto, uma atmosfera húmida – turvada
em olores de insidia, contundentes.

.....
.....

Resolvo-me num impeto...

Destranco a janela... abro as vidraças...

Uma lufada de vento – de vento, e de qualquer coisa menos fluida – vergasta-me o rosto... vai apagar o castiçal...

Debruço-me. Apenas a escuridão... Adivinho, emtanto, que uma grande altura se escôa abaixo de mim...

Devo estar numa torre...

Longe, o mar rugem... talvez... o mar, ou florestas que rumorejam... E' um clangor soturno, opaco – que, á distância, tanto pode ser do oceano como das bétulas.

– Que haverá defronte dos meus olhos? Que haverá a meus pés?...

Nem uma estrela que brilhe... uma luz esquecida...

Mas é bem certo que um grande espaço se abisma e se alastra em torno de mim.

Dir-se-hia que estou em pleno azul, suspenso – como na barquinha dum balão...

Longos minutos passo á janela.

Sempre a mesma treva, o mesmo rumorejar...

.....
.....

Reuno-me num esforço derradeiro de lucidez.

Com efeito, ninguém jamais viveu horas Maiores.

Soléne segrêdo!

- Onde estou? Que existe em cêrca de mim?
O que é que não existe?... que foi ontem? que será amanhã?...

Cingi a minha obra de Astro. Que mais posso esperar?

Deixo-me cair sobre o leito.

E só agora, nas trevas, sei que ha frescos – grandes frescos sombrios, obras-primas de claro-escuro – nas paredes que me envolvem. Sinto as suas figuras a projectarem-se no meu corpo – em relevo, por humidade...

.....

.....

- *Dormirá tambem?...*

.....

.....

Para escrever, acendo de novo a vela.

Inferno! Não sonhemos mais!

Urge acordar e salvarmo-nos.

Seja como fôr, seja o que fôr, seja *quem* fôr
– o resto dissipar-se-ha, e eu serei obrigado a
reconhecer-me: pois vivo, vivo, emtanto...

Palpo o meu corpo... acho-o todo... E o meu
coração lateja.

E' tempo de salvar-me. Ilusão! Ilusão!

Não sonhemos, embora – asseguremo-nos do
Triunfo. Infame aquele que, por um enleio,
deixasse perder tamanha vitória.

Breve, a manhã ha-de raiar. E eu saberei!
saberei! saberei!...

Tudo menos isso!

Ainda que esteja certo do que é o Príncipe.

Deixar perder tanto Ouro morto... deixar ruir
tanta Sombra... Não! Não!... Ao contrario...
Mergulhar nela indefinidamente... misturar-me a
ela... sê-la... sê-la a mais Resgate!...

- O' extases de Arminho! Luar crucificado...
Esfinges de Profundura...

.....
.....
Depois, tudo se esvai em frente desta
Maravilha. Logo, é esta que eu devo fixar a
sedições de Prata. Fixá-la, sim, encerrá-la em jade
– ópio coleante... profética volúpia...

.....
.....
Comigo – estas páginas do meu caderno
vermelho, secretas também, confiadas á Altura...

.....
.....
O proprio vento, ogivalmente, abriu a janela
de par em par.

As sombras cresceram – e agora o seu
cortejo, roçagando docéis, desfila em triunfo...

Nas galerias solitárias, a esta apoteose – ah!
por fôrça! progridem imagens de neblina violeta...
assim como ondeiam brocados nas salas
próximas, douraduras telintando o ar... e se
abatem tapeçarias... se desvendam reposteiros...

.....
.....

Passam cultos mortuários...

Sou funerais em Memphis...

.....
.....

... E a janela aberta, ampla, insondável, sobre
a noite – lagôa-pelúcia, orquidea velada do meu
Capricho...

.....
.....
.....

Vá! Leoninamente – dum jacto!...

O grande salto!... ao Segrêdo... na Sombra...
para sempre... e a Ouro!... a Ouro!... a Ouro!...

Lisboa e Paris,
Abril-Setembro 1914.

MISTÉRIO

a José Pacheco.

I

A sua dôr era tão grande que pondo a mão na sua frente sentia todo o seu esqueleto.

O omnibus que o conduzia resvalava agora barulhento de ferragens pela Avenida monumental, e êsse ruído acre, unindo-se às luzes imensas que o fustigavam zebrando-se através das vidraças telintantes, dava bem a expressão rítmica da sua alma actual. A sua alma de hoje era toda vidros partidos e sucata leprosa.

Disperso, o artista olhou em redor de si. Atentou no panorama que o envolvia e pôs-se a delirá-lo, seguindo-o na sua multiplicidade. Pois o cenário interior do auto-omnibus era inconstante: variava momento a momento em função da paisagem exterior. Ao dobrar as esquinas, os grandes prédios e as árvores atravessavam-no resvalando em semi-círculo, e os candelabros zig-zagueantes vergavam-se enclavinhadamente, penetrando em rodopio pelas janelas.

Depois, o transeunte que esperara o carro num portal e subira com o veículo a andar, trazia ainda consigo o quadro da porta aonde se incrustara; bem como a rapariga gentil e europeia que se assentara agora ao lado dêle, vibrava toda ainda de luar, perlada de movimento, pois correrá fugitiva do grupo das suas companheiras a trincarem, a rir, laranjas de Espanha – lá longe já

– e sôbre as quais, saudosa a alma, a lua de dezembro incidia écos de platina.

E no ambiente da mobilidade, olhando mais, êle distinguia, realmente distinguia á fôrça de concentração, gomos de ar que se entrechocavam e sossobravam em catadupas, vértices esbatidos de luz, calotes de côm, planos que ora volteavam ora se detinham, harmonizando-se bizarramente, e eram assim – com as coisas que sustentavam ou traspassavam – uma beleza nova talvez, em todo o caso bem digna dum pintor imortal.

Desviando a sua atenção para as formas materiais que tinha em sua volta, o artista via agora as oscilações arripiadas e berrantes dos bancos vermelhos da primeira classe deserta, e as fisionomias múltiplas dos passageiros cujos rostos se confundiam sucessivamente com os dos transeuntes que deslisavam pela rua, paralelos a

êles, e que eram só os seus próprios quando o veículo parava...

O movimento! o movimento! – o grande renovador que tudo multiplica, e vibra, e delira...

Porque era a sua desolação tamanha? Precisamente porque a sua vida era uma existência parada de alma e corpo – uma existência onde nunca sucedêra coisa alguma. *A sua vida era como se não existisse.* Por isso, uma tarde de ânsia, o artista tomara a decisão esbraseada de a procurar febrilmente, de a construir, por suas próprias mãos unguadas, á fôrça de aventura. E desde aí, elançara-se sôfrego sôbre o mundo, sôbre a vida em suma, transpondo, correndo, estrebuchando... Mas nada até hoje vencera erguer dela para si. O seu corpo e a sua alma pareciam ter a estranha propriedade de afastar as horas, assim como, inversamente, o

ímã atrai o ferro. Tudo girava em seu redor e fugia; só êle era sempre o centro da enorme circunferência. Deslocando-se em alma ou corpo, a querer aproximar-se do que lhe esvoava – ás horas o mesmo acontecia, de maneira que a sua posição era sempre a mesma relativamente ao que, cingindo-o, se lhe esgueirava em rodopio longinquo. Ele era aquêle que não tinha papeis nas suas gavetas, que podia mostrar a sua carteira a qualquer. Um criador. Por isso mesmo, quem sabe, não lhe existia a vida.

Orgulho! Orgulho! Mas em todo o caso o resgate, uma agonia tão sêca...

Entanto descera na grande praça. Chamou por si fortemente, e para maior ser a sua dôr, começara agora a vêr-se em toda a lucidez.

Que desconforto! A sua alma era uma casa enorme, no inverno, com a mobília atravancada,

forrada de sarapilheiras, e as janelas abertas por onde o vento se engolfava sibilante... e muito pó, sobretudo muito pó, em grandes rimas de livros e manuscritos.

Nada o atraía já nem o entusiasmava; as coisas raras que ainda não tivera positivamente, se acaso as aproximava, fugia-lhes na maior das desilusões, como ainda essa manhã fugira da rapariguinha loira com quem almoçara.

Depois – e era essa a ultima tortura – o descabro da sua alma, já ele o sofria fisicamente, traduzido por um torpôr constante, um sôno invencível – um desejo insaciavel de viver de olhos cerrados. E esse sôno, penetrando-o, era como que um alcool que o ruísse: não lhe entorpecia só o cerebro, embebedava-lhe todo o corpo. Pois esse sôno prostrado, êle sentia-o em

toda a sua carne. Toda a sua carne tinha vontade de fechar os olhos.

Turbilhões de pensamentos por a mínima coisa suscitados lhe sibilavam no espirito sempre redemoinhante, e mesmo quando em verdade não pensava em coisa alguma, sentia emtanto, nitidamente sentia, o seu cerebro a trabalhar. Apenas a sua febre lhe não chegava aos ouvidos. Martirio sem nome! Martirio sem nome!

Ah! se pudesse descansar emfim... E antevisionava um quarto de hospital, muito branco, aonde, para não mais se erguer, se deitasse num grande leito, muito branco tambem.

Outras vezes, fustigavam-no ideias despropositadas, sobretudo lembranças vagas, reminiscencias infimas que lhe ocorriam sem motivo. E assim, agora mesmo, de subito, lhe acudira a recordação bem nitida dum dia de chuva

da sua infância que vivera em uma praia do norte, no seu país. Chovera todo o dia, sinistramente, torrencialmente. O céu conservara-se noturno, houvera relampagos, trovões, muito vento – ah, um vento horrível que silvara desolador, arripiante, pelas ruas do pequeno jardim do chalet. Era já pelo outono. E as folhas sêcas, amarelas, as folhas mortas, haviam redemoinhado largo tempo, vergastadas sem piedade de encontro às vidraças.

Mas pela tarde amainara o temporal. Morrera o vento, cessara a chuva, tinha-se azulado o céu. E o sol, um sol triste, o sol nostálgico das tardes outonais, surgira amável, confortadoramente dourado. Então, com a velha ama de seu pai, fôra a comprar pão de milho, pão quente e loiro a sair do grande fôrno provinciano. E lembrava-se tão bem das ruas alagadas, das ruas estreitas e

cinzentas, friamente cheirosas á humidade penetrante do ar que o sol fraco iluminava...

Mas porque motivo, ai, porque motivo, lhe viera ao espirito essa tarde banal da sua infancia, só humida e chuvosa? Porque motivo? Porque na sua alma – descobriu com horror – êle tinha hoje a mesma sensação de desconforto estagnado: sim, na sua alma havia hoje a mesma humidade penetrante, esguiamente arrepanhada, que desolara uma tarde agreste da sua infancia...

Em voz débil, um mendigo suplicou-lhe uma esmola. Era um velho homem de barba florida, e alto, e heraldico, tiritante de frio. O artista levou a mão á algibeira. Tirou algumas moedas de cobre, estendeu-lhas. O velho homem agradeceu. E assim como muitas vezes chorara a infancia das pessoas idosas que estimava, uma piedade infinita começou agora a torturá-lo – piedade por todos os

que sofriam, e mesmo pelos que não sofriam: os felizes, os mediocres, toda a gente... Á força de egoísmo, sentia-se quasi morto de ternura compadecida.

Entre estes pensamentos esmagadores, chegou ao seu quarto. Era um vasto aposento num bom hotel, atapetado, confortavel, do qual emtanto êle desertava todas as horas que lhe era possivel. Pois quando, especialmente de dia, se encontrava nesse quarto, parecia-lhe que todos os móveis e os reposteiros o traspassavam, e que as proprias paredes, mimando esgares obscenos, cresciam sôbre êle a esmagá-lo. Uma noite acordara até horrorizado: a casa inteira endoidecera e, se não fugisse para o corredor, decerto que, numa loucura furiosa, as cadeiras e o guarda-vestidos de mogno o teriam estrangulado. Tratára-se apenas dum pesadelo, era claro, tão

estrambótico porêm que, embora medonho, o fizera rir sózinho ás gargalhadas quando acordara dêle.

Deitou-se logo e, antes de adormecer, pensou ainda: «Todo o meu sofrimento provêm disto: sou um barco sem amarras que vai bêbado ao sabor das correntes. Se conseguisse lançar ancoras... Mas aonde... aonde?...»

E na manhã seguinte, após um sôno seguido de dez horas, acordou morto de sôno para viver mais um dia igual e vazio da sua vida...

Logo de manhã lembrara-se: «Que sensação tão bizarra eu tive ontem ao colocar a mão na minha frente... Senti todo o meu esqueleto. Mas senti-o singularmente. Senti-o em sombra. É verdade: quando levei a mão à minha frente, senti que por debaixo dela se esgueirava a sombra

esguia do meu esqueleto. Era esta a expressão da dôr maxima, compreendi. Mas porquê... porquê?... E se eu enlouquecesse?....»

Muitas vezes o artista, para remedio da sua angústia, pensava no suicidio. E então dilacerava-o uma ternura infinita, uma piedade ilimitada por si proprio. Pois havia de se destruir, êle?... Sim, era essa talvez a salvação... Que tristeza!... E via-se alguém que atravessasse uma ponte transportando um fardo precioso e que, por não ter mais forças para o carregar, fôsse obrigado a lançá-lo ao rio, no ultimo desânimo, perto já do seu destino.

Emtanto por mais duma vez êle decidira, positivamente decidira, meter uma bala no coração. Chegara a comparar uma pistola. Mas por fim, até hoje, sempre renunciara á sua ideia numa

grande alegria – alegria porêm logo dispersada: É que, mesmo não se suicidando, havia de morrer mais tarde. *Ainda se, ao menos, o não suicidar-se lhe evitasse a morte...*

II

Sim, precisava ancorar porque era preciso viver para as suas obras.

Ha bem pouco recebera uma carta dum amigo íntimo. Em resposta aos seus lamentos, aos seus gritos de desolação, dizia-lhe este, depois de rodeios em que se desculpava por aconselhar tal remedio a uma alma genial como a sua, que talvez (estava mesmo certo) as horas se lhe erguessem, se lhe limpassem, se êle quisesse procurar uma companheira gentil, acariciadora, que o entendesse um pouco e a quem o artista dêsse a vida – isto é: que fôsse a razão, emfim, da sua existencia destrambelhada.

Porque era verdade: até hoje a sua vida fôra passada aos tombos e aos gritos. Afogueado, suado de alma, tendo visto todas as coisas mas nenhuma inteiramente conhecido – sentia-se uma criança que, na ansia de jogar com todos os brinquedos que ao mesmo tempo lhe houvessem dado, se lançasse sobre êles, mal tocando em cada, e logo farta, desencantada, por saber o que todos faziam, sem verdadeiramente ter brincado com nenhum...

Uma companheira... uma companheira... Uma noiva talvez... Sim, ás horas enternecidas, por vezes êle sofrera a nostalgia dumas mãos brancas que lhe apertassem os dedos... e duma bôca húmida que se vergasse para a sua... e de tranças louras bem cheirosas a mocidade e a amor...

... As ruas duma grande quinta; um ar sadio, aureolado – confiança, singeleza, paz...

Por isso, respondera ao amigo que fôra inutil pedir perdão pelo conselho. Oh, se essa companheira existisse... se a encontrasse... Sim, sim, talvez fôsse esse o remedio da sua vida...

Procurá-la?...

Ai, para quê, procurá-la...

Se fôsse como todos... Mas não. Êle, ao amor, exigia que fôsse amor. E o amor não existe.

Nem eram sequer lances de paixão, requintes estranhos ou perversões longinquoas que sonhava. Apenas isto: uma alma que conhecesse inteiramente e que tambem lhe soubesse toda a alma. Sendo assim, o maior affecto as uniria. E punha-se a antevisionar uma existencia quimerica: êle, o Artista, realizando pouco a pouco, sem febre, ungidamente, as suas obras

imortais, acastelando sonho após sonho – e em baixo, quando do alto da montanha olhasse, uma vida de aurora: uma companheira sincera, espontânea, pequenina e loira, a beneficiar-lhe a existência, a aquecer-lha... Braços nus e rosas brancas desfolhadas.

No fundo queria muito á vida. Eh! não o fossem imaginar alguém divagando por outras regiões, fechado numa tôrre de marfim erguida além-ceu. Simplesmente amava uma vida despida de tudo quanto nela o nauseava. Ora o que o nauseava era precisamente a vida de todos e de todos os dias...

Não, estava decidido, não fôra feito para a felicidade.

O remedio era outro: renunciar, vivendo, ou vencer, morrendo.

Já raras vezes procurara até vagamente essa companheira afectuosa. Mas fugira sempre apavorado do abismo que, ao aproximar se um pouco, se lhe deparara entre êle e a encantadora. De modo que a todas podia aplicar a frase que escrevera a uma: «Na tua vida, meu amor, eu não fui sequer alguém que passou, alguém que surgiu – fui um desaparecido».

A incompreensão!

Fôra esta a barreira em que sempre tropeçara e em que sempre havia de tropeçar – era irremediavel, demasiadamente o sabia.

De resto, essa barreira entrepunha se entre todos os homens – os perpetuos isolados. Apenas a *maioria* se contentava em trocar olhares, sinais vagos, de cada margem do abismo. E nenhuma destas almas diligenciava sequer aproximar-se da

outra, que existia além do precipício!... *Era como se fôsse impossível.*

Ao fim duma convivência de muitos anos, duma convivência quotidiana, jamais toldada, se os velhos esposos se olharem bem, se se descerem bem, encontrar-se-hão – ai, fatalmente se encontrarão – dois estranhos separados por mil ninharias: mil pequenas mentiras, mil deslialdades insignificantes. As suas almas nunca se souberam – mesmo que, sinceramente, êles tenham acreditado na sua amizade e no seu amor.

... É que a amizade, na vida-normal, não passa duma ideia falsa, dum preconceito a que pouco a pouco nos fomos adaptando. E o amor... Ora, uns laivos de literatura barata e de espasmos húmidos com que excitámos a convenção e a ungimos de pacotilha...

Aliás o artista concordava em como era difícil desvendar uma alma. Mesmo quando nós queremos dizer a nossa a um amigo querido – escapam-nos sempre alguns detalhes que não podemos explicar, talvez á falta de palavras, e que sentimos serem exactamente aqueles que a descreveriam em toda a luz. Estrebuchamos, debatemo-nos contra um denso véu que não logramos romper, *que só sossobrarria se o nosso interlocutor nos compreendesse por outra coisa – não por palavras.*

E eis porque ás vezes o artista receava: «Seriam as almas segredos?»

Ah, se ao menos sofresse... Sim, em ultimo caso, era possível que fôsse encontrar no sofrimento o sentido da sua vida – a raiz. Presentira-o quando uma noite, ao caminhar solitario por uma rua estreita, cheio de tristeza

sofrida, se descobrira muito mais feliz, com a existencia bem mais cheia e embelezada, do que ainda ha pouco, por uma grande praça, antes de lhe descer essa amargura. E talvez fosse justamente por esse motivo que, num requinte, embora sem premeditação, êle despresava – para os vincar de sofrimento e assim os tornar mais sensiveis – alguns raros instantes que, se os ampliasse, lhe poderiam seguir dourados. Assim, ainda essa tarde o ansioso de ternura, aquele que se lastimava por nada lhe suceder, renunciara á rapariga gentil que lhe sorrira no boulevard, tão expontanea e amovel... Em vez de lhe apertar as mãos, falara-lhe em fantasia, dissera-lhe um adeus sem caricia, deixara-a perder para sempre...

Mas é que, na realidade, êle nem mesmo sofria. Pois no seu espirito tudo se alterava diluido em literatura. Das suas dôres motivadas e das suas

tristezas imateriais, apenas trouxera obras-primas. Ora em face das maravilhas que umas e outras lhe suscitavam, logo claramente deixava de as sofrer para só as abençoar e admirar.

A sua dôr, emfim, era, quando muito, a melancolia que nos fica da leitura dum livro angustiante e imortal.

Sentia-se numa grande intensidade por essa tarde linda de inverno. A multidão pejava os boulevards europeus da grande capital – uma multidão bem contemporanea, ultra-civilisada e latina. E o artista que sempre se aprazera tanto no ondear da vida moderna, levado pela corrente, era quasi feliz. Subira-lhe ao cerebro, como um alcool de extase, toda a agitação urbana...

Esvaído num entusiasmo azul, á sêde de ventura, pôs-se a entre-sonhar, como que acordado entre nuvens de ópio. Achara finalmente a sua companheira d'alma – achara-a uma tarde rôxa de sol, nos jardins maravilhosos dum grande palacio rial acastelado e historico. Tudo fôra quimera... Conhecera-a por acaso e logo, ás primeiras palavras, fremira adivinhando-a... Depois, com o prosseguir das tardes carinhosas, pouco a pouco descera a sua alma – num assombro, numa irreabilidade... Não, não era engano! Descobrira-A enfim, tinha-A enfim ao seu lado!... Aquela alma saberia sonhar toda a sua, bem como já não guardava segredos para a dêle. Aurora! Aurora!...

E percorria, construindo-os, mil episodios gentis, banalmente quotidianos, até á realização inteira da sua ansia – divagava toda a paisagem

rural em que a sua felicidade desabrocharia, esboçava o perfil da encantadora, via as suas tranças, as suas joias, os seus pés nus na água fria dum regato, o seu rubor, os seus beijos e sorrisos, os seus véus, os seus dedos agrestes de unhas polidas, vermelhas...

Mas, de subitito, um ruído dissonante fê-lo despertar, e logo uma raiva estranha se apoderou do seu espírito. Pois como lhe havia de suceder alguma coisa, se tudo imaginava? Era, claro, o bastante haver sonhado dantemão um cenário, um enrêdo, uma figura – para jamais viajar esse panorama, viver esse episódio, conhecer essa personagem. Sonhos não se realizam. Ora êle sonhava tudo...

Não tinha repugnancias morais – só tinha repugnancias físicas e, nesse sentido, as maiores

repugnancias. Sabia-se capaz de roubar, mas não de matar.

Eram estes talvez os segredos da sua vida deserta; eis pelo que talvez a sua vida se restringia ao moral – isto é: ao irreal.

O mais perturbador emtanto era que, de tudo isto, trazia em verdade uma angústia invencível – mas ao mesmo tempo um orgulho de auréola, um orgulho imenso, tão cioso e dourado que talvez fosse êle até que lhe criasse todas as impossibilidades, imaginariamente.

De subito, sem saber como, encontrou-se num grande jardim tradicional e romantico. Foi-o percorrendo enternecido, a olhar naquele ar humido, sadiamente aromático, as crianças jogando a correrem afogueadas, de pernas nuas - e raparigas loiras lendo livros de versos ou, de

mãos enlaçadas, a falarem com os seus companheiros, jovens como elas. A gente-média, a gente feliz...

As crianças...

Era agora um turbilhão em seu redór. Perto, um órgão de Barbaria rouquejava musica. Aproximou-se; parou em frente dum carroussel infantil... O aparelho girava vertiginoso, numa alegria de feira, transportando um enxame de crianças a montarem a rir, bem convictas, elefantes e pombas, leões e abelhas, panteras e cisnes.

Ora o artista, quando olhava para a sua infancia, sofria uma saudade tão grande, um enternecimento tão comovido... Só nessa época indecisa êle fôra feliz – tivera tudo. E porquê? Percebera-o nitidamente nesse instante – tinha ali

o exemplo em sua face: É que, na infância, não possuímos ainda o sentido da impossibilidade; *tanto podemos cavalgar um leão como uma abelha...*

III

Noite a noite o sofrimento do artista se fôra exacerbando. Mais do que nunca, sentia agora uma necessidade atroz de aportar. Pois num ultimo tédio, olhando a existencia, vinha-lhe a sensação incoerentemente bizarra, de que as horas o arrastavam consigo na sua carreira alucinante, e de que êle entretanto permanecia sempre no mesmo tempo...

Se se descia bem, se se media bem, achava-se numa grande amargura sem fôrças para se vencer. De modo que era este o seu futuro – conformára-se – : ir-se habituando instante a

instante á ideia do suicidio. Uma vez, era fatal, chegar-lhe hia a força de se destruir, de ser vencido, já que não podia vencer – em suma, de pôr termo aquela situação intoleravel, humida, estagnada, viscosa...

E foi, desde aí, só esta a sua esperança. Mas, esperança triste que fazia por olvidar, esquecendo-se a si proprio, anestesiando-se com a vida diaria...

Como todas as tardes, lá divagava êle, solitario, pelas grandes ruas...

De subito, num gesto expansivo, alguém lhe estendeu a mão... Era um conhecimento banal, a quem nada o ligava, que ha muito não via – mesmo com quem raras palavras tinha trocado ainda...

.....

... E á noite, cedo, ao encaminhar-se para sua casa, a pé, o artista ia relembrando as agradáveis horas que passara com esse estrangeiro distante. Como fôra encontrar nêle uma alma aberta, e ampla, e intensa...

Tinham pouco falado de arte, imediatamente resvalando, numa subita intimidade, para a descrição das suas próprias almas. E que pontos de contacto logo acharam entre si! Como o artista, também o estrangeiro delirava em grandes ideais – e em grandes torpôres, grandes nauseas. Ás vezes, confessara-lhe até, assaltava-o um desejo esbraseado de enlouquecer a fim de pôr termo á sua vida, de qualquer forma, e não pensar mais nela. O suicidio repugnava-lhe – quisera sempre tão orgulhosamente á existencia... E, doido, existiria – embora morto na ansia, tranquilo, morfinizado, visto que por convulsionada que

fôsse a sua loucura, nunca o seria tanto como a sua vida de aspiração. O artista concordava com êle. Endoidecer – que vitória!... E posera-se a falar de si. Contara-lhe como se sentia vogando ao sabor da corrente, barco sem amarras, ébrio de ouro sobre a agua profunda, lodacenta, amarga. Descrevera-lhe a sua angústia. Dissera-lhe do segrêdo eterno das almas. E o estrangeiro observara:

– É desolador, é horrivel. Duas almas, por mais liais, por mais unidas, separa-as sempre um turbilhão de pequeninas coisas que se aglomeram em uma nuvem impossivel de varar. *Mas, ai, quem sabe se é por isso mesmo que elas existem...*

Emfim, emfim, tinha achado um belo companheiro – êle que ha tanto não encontrava um homem. E a convivencia entre os dois prosseguiria...

Esteve uma semana sem o ver. Durante ela a sua angústia foi a mais dolorosa. Parecia lhe realmente tocar um limite.

Endoidecer! – ah, se conseguisse semelhante triunfo...

Numa obsessão, o seu cérebro imaginoso, o seu cérebro literario, logo começou a trabalhar essa ideia – depressa fantasiando um homem que, no desejo de enlouquecer, saísse á rua e desfechasse de subito um tiro sobre a primeira criatura que passasse e êle não conhecesse. Escolheria mesmo uma rapariguinha galante, suave e loira, porque se escolhe sempre em todas as circunstancias. Assim haveria um pouco de ternura na tragedia. Ora esse homem, matando alguém que nunca encontrara, cometera um acto injustificado – isto é: *um acto de loucura*. Seria

preso. Explicaria o seu crime: fôra para endoidecer, praticando uma acção incoerente, que assassinara – e juntaria a razão enternecida porque escolhera a sua vítima. Á primeira vista este homem deixava de ser um doido: houvera um motivo no seu crime – querer endoidecer. Mas, por amor de Deus, tal motivo melhor vinha provar ainda a sua loucura: só a um doido podia ocorrer semelhante ideia. E enfim o assassino seria dado por irresponsavel, seguramente, e encerrado em um manicómio...

Porêm, na verdade, depois de se ver em tal situação encruzilhada, este homem era ou não era um doido? Misterio. Pois êle chegara a essa situação *coerentemente louca*, por um raciocinio bem seguido, bem voluntario e bem certo.

Emtanto, colocando-se dentro da sua personagem, o artista logo concluiu que esse

homem, *ainda que não fôsse um doido*, havia de enlouquecer, sem dúvida – pelo menos após a sua entrada no manicomio – na ansia de se descer e atingir se tinha ou não vencido.

Sim, tamanho rodopio afogueado havia de silvá-lo, que fatalmente as ideias se lhe emmaranhariam até sossobrar no azul, num ultimo crepusculo...

... E de todo este estranho devaneio, é claro, só restou ao artista o assunto para uma das suas complicadas novelas. Aliás sucedia-lhe sempre o mesmo – com as suas divagações, e as suas tristezas, as suas dôres. *Por isso nunca se tomara a serio.*

O sofrimento fisico em que se lhe convertera ha muito a desolação moral, era agora requintadamente torturante: Ainda o mesmo

alcool, o mesmo sôno em toda a sua carne. Mas outróra essa vontade impossivel de dormir, que era a febre da sua alma angustiada, espalhava-se-lhe pelo corpo inteiro. Emquanto que hoje, entre a carne sonolenta, havia pequenas porções, intervalos nitidos, bem despertos. O que mais o ennastrava de angústia pois, destrambelhadamente, lhe vinha enclavilhar em torpôr excitado a ansia abatida desse quebranto infernal.

Correram alguns dias. De novo encontrou o estrangeiro.

Uma bela convivencia se ia agora prolongando entre os dois; quasi todas as tardes passavam algumas horas juntos – e uma vez o amigo disse-lhe para vir jantar com êle, a sua casa. Habitava com a familia, o pai e duas irmãs, uma

linda propriedade nos arredores da capital assombrosa. Queria-lhe lêr um poema, e mostrar-lhe os seus livros e as flores da quinta. Tanto insistiu que o artista, preferindo recusar, aceitou.

Pelo caminho foi-se lembrando que era essa a primeira vez que alguém o levava a jantar em sua casa, com a sua família...

IV

... E agora, ás tardes perfumadas, êle revia etéreamente todo aquele sonho, hoje bem real, junto da sua companheira afectuosa, no jardim singelo da «vila» isolada que os noivos tinham vindo habitar num país do sul – o país do artista, um país luminoso....

Maravilha! Maravilha!

Quando o amigo lhe apresentara a sua irmã mais velha, quem lhe dissera que naquele corpinho lindo e fútil estava a realização do seu sonho?... Mas logo depois, pouco a pouco, irrealmente, de enlevo em enlevo, fôra descobrindo naquela alma A que nunca esperara

encontrar – a velada subtil! Até que, de quimera em quimera, erguera enfim a realidade, salvando a sua vida na aventura desigualável. E hoje – vitória azul! – tinha *alguem*: alguém que sabia inteiramente quasi, alguém que não era um estranho, um desconhecido astral; alguém que por seu turno o compreendia já sem segrêdo.

Auréola! Auréola! Lançara pontes sobre o abismo insuperavel – conquistador iriado da sombra: e pela vez primeira, duas almas estavam ali, sim, face a face, libertas do misterio!...

O esforço de romper uma ténue rêde aurea, e seria inteira a sua gloria...

.....

Ah! como se encontrava radiosamente feliz, hoje...

Tinha concavos de mãos brancas, sadias, onde mergulhar os seus dedos ansiosos, e uns

labios dourados para morder – toda uma carne sensível a divagar. Sentia vida dentro de si, êle que sempre vivera em morte. *Tinha*, finalmente, êle que nunca tivera. Pois agora, ao fremir sobre o corpo gentil da amante precoce, daquela pequenina esposa que se lhe entregava com toda a carne velada em rubor, ondeante de rosas – um orgulho infinito o ascendia porque, nas suas mãos, em extases e lirios, oscilava, realmente oscilava, não só um corpo – como outrora, nos abraços desiludidos – mas também uma alma. E, vibrando esse corpo, emmaranhava ao mesmo tempo essa alma – sim, possuía-a carnalmente, em ansia iriada, num espasmo de luar, numa agonia fluida, num arrepio de auréola esbatida, subtil de transparencia sonora ...

Noite a noite o triunfo era mais nitido, era mais sensível. Emtanto alguma coisa faltava ainda

– uma pequena luz – para chegar ao fim: ao além, que ele entrevia definitivo de Oriente, e musical, ecoando timbres esguios de arômas ritmisados.

Sim! Sim! Erguera-se! Deixara de ser um estranho: coisa alguma o isolava dessa alma estremecida! Companheiras ideais, heroicas e profundas, reciprocamente se haviam aprendido aquelas duas almas. E era-lhe ainda mais caricioso saber dalguem que o conhecia sem segrêdo, do que ter varado enfim o misterio dalguem.

Ai, como êle sofrera outrora nos seus grandes momentos de ternura maguada, á ansia de se lançar – pobre coisa, triste coisa – nos braços dalguem que, *sem palavras*, o entendesse um pouco, sentisse um pouco a sua dôr. E em face da incompreensão total, mesmo de certos amigos liais que na verdade o estimavam e que, não obstante, tão a miudo o feriam – quantas vezes não

sufocara um desejo feroz, um desejo perverso, de lhes atirar com a sua alma como quem arremessasse com um globo de ouro, telintante de luzes... E então, que êles ainda lha poluissem – que lha pisassem, ah, que lha pisassem!...

Hoje porêm, vencera. Irrealidade! – tinha o que sonhara! Tinha uma doce companheira a cujos braços débeis se podia confiar silencioso e que, em silencio, adivinhava os segredos da sua alma – as pequeninas coisas veladas que se não sabem dizer, – emfim: alguém que lhe *sentia* toda a alma como se *sente* uma obra genial.

Pela primeira vez não estava só. Com efeito, como nunca existira em relação a ninguém, andara sempre só – mesmo na companhia dos seus camaradas se sentira sempre um ausente. Apenas vivera um pouco mais acompanhado, no estrangeiro, em grandes periodos de isolamento,

devido á concentração do seu espirito, tanto mais intensa quanto menos o atingia a vida diaria, e que por isso o lembrava melhor a si proprio, o fazia viver um pouco mais dentro de si. Hoje, como existia em relação a outra alma, *como achara a sua alma perfeita*, vivia enfim realmente acompanhado.

Muita vez o artista pressentira que lhe faltava qualquer coisa que os outros possuíam. Ignorava o quê. Emtanto, fôsse o que fôsse, tinha a certeza que se resumiria num ponto de referencia. Pois bem: hoje preencherá esse vácuo. Eis tudo.

E mesmo, em verdade, só agora é que se conhecia – *por haver alguém que o conhecia*. Triunfara. Deixara de ser um isolado – mas realmente; não como os outros, hipocritamente.

Nessa atmosfera cariciosa e tépida o seu corpo destrinçara-se – porque era assim: êle tivera

sempre a sensação de que o seu corpo andava ennastrado, contorcido, embaralhado.

Se se divagava, logo via, numa ascensão, como se lhe substituíra o cenário d'alma. Amanhecera dentro de si numa antemanhã gloriosa. Todas as nuvens se haviam desacastelado, deixando o sol raiar sobre o oiro. Um montão de coisas cinzentas se desmoronara em ruínas de azul. As sarapilheiras tinham voado, descobrindo móveis de marfim e prata...

Depois, êle percorria-se hoje em largas avenidas, enquanto que, outróra, dentro de si apenas tropeçava por bêcos e saguões.

Tambem lhe não vinham já desejos de se entender no chão, ao comprido, nas ruas das grandes capitais, como dantes – talvez por ser essa a posição dos mortos sob a terra.

A sua alma que fôra sempre um canal estreito, viscoso e mefítico – ou, quando muito, um pantano aluarado – era hoje uma tôrre branca erguida a meio do mar.

A sua vida enfim, lançara amarras – fundeara numa baía de festa, cheia de sol, embandeirada, ruidosa, imensa, ondeante de mastros e velas.

Tudo era horizonte em seu futuro.

.....

A «vila» que os noivos tinham vindo habitar, engrinaldava bem uma felicidade milagrosa como aquela. Assemelhava-se a um desses sensatos «cottages» ingleses e, por fóra, revestia-a um manto de glicínias. Um jardim afectuoso, muito verde, todo relvado e aromático, cingia-a num círculo de frescura e saúde. Em volta, um grande

isolamento. Apenas, a uma centena de metros, fronteiramente quasi, uma outra «vila» habitada por um poeta doido e o seu enfermeiro. Um jardineiro e uma criada velha serviam os dois noivos.

Emtanto, a capital adivinhava-se ao longe num tumultuar de luzes, pressentida num vago éco a movimento e a civilização que melhor vinha frizar ainda a tranquilidade e o isolamento da moradia encantada.

.....

Sim, sim! – tivera um termo a sua vida.

Pois toda existencia futura êle a percorria do presente em bonança: arômas novos, novos sons, outras côres, no mesmo fundo eterno a ouro e a azul. Sem mais estrebuchar, ir-se-hiam criando as suas obras, lisamente, em paz, só em febre ideal,

– e nunca lhe faltaria um ombro dócil para recostar a sua fronte sagrada.

Estava prestes agora a fulgir o ultimo triunfo – a comunhão inteira daquelas duas almas. E era tão grande a felicidade do artista, tão sonhada que lhe vinha até um desejo singular de morrer com a companheira das rosas. Mas esse desejo logo se dispersava, claramente, numa ansia de vida, num júbilo de mãos frias que lhe ennastravam os dedos.

Emtanto, com as ideias de morte também uma dúvida – longinqua dúvida – o assaltara: *Poder-se-hiam, em verdade, abater todas as barreiras entre duas almas?...*

Ia sabê-lo essa noite. Sim, essa noite – estava certo – havia de atingir o além da sua felicidade: a ténue rêde de ouro que, embora

translucidamente, ainda separava as duas almas, voaria emfim dispersa.

Por isso era a sua gloria ilimitada quando, ao recolher, subindo para o seu quarto, entrelaçara o corpo agreste da amante aureoral e a mordera na bôca, confundido com ela na mesma sombra...

V

A loucura do poeta que vivia próximo, era a loucura tranquila e etérea dum naufrago do irreal. Assim os seus amigos, compadecidamente, lhe tinham evitado o manicómio, isolando-o naquela vivenda carinhosa e aprazível.

Emtanto, essa noite passou-a êle muito agitado. Numa grande vibração, só queria vir á varanda do seu quarto – e debruçava-se olhando o espaço.

Seriam umas tres horas, erguera-se mesmo do leito e de novo correra á varanda. De subito – segundo o enfermeiro devia contar no outro dia –

esgasearam-se-lhe os olhos, todo o seu corpo oscilava e, apontando na «vila» fronteira a janela do quarto dos noivos, tinha soltado um grito estridente. Depois, num delírio, contara que vira sair por essa janela uma chama, uma grande e estranha chama, ou antes: uma forma luminosa que galgara o parapeito e que, num espasmo arqueado, numa ondulação difusa, ascendera, voara perdida...

.....

Na manhã seguinte, como fôsem onze horas e os patrões não dessem sinal de si – êles, tão matinais – a velha criada decidiu ir acordá-los. Bateu á porta, chamou-os, gritou... Não obtendo resposta, dispôs-se a entrar. Mas, coisa bizarra, a porta estava fechada por dentro, quando, habitualmente, êles a deixavam entreaberta para o

ar circular. Então, num pavor, correu a dizer o caso estranho ao jardineiro que, por seu turno, subiu ao quarto dos noivos. Chamou. Como ninguem lhe respondesse deliberou por ultimo forçar a porta, cuja chave tinha ficado no trinco, do lado interior...

.....
.....

No grande leito, serenamente, dormiam os amorosos. Apenas os seus corpos estavam rigidos e frios. Mas nem um sinal de violencia, uma beliscadura.

Pelo quarto, nenhum vestigio de luta. Tudo no seu lugar. As joias sobre o toilette. Nem uma arma. Nem mesmo um frasco que pudesse ter contido um liquido venenoso. Coisa alguma, emfim, coisa alguma. Nem um rastro, uma

pêgada. A porta ficara fechada por dentro. A janela, entreaberta. Mas a janela rasgava-se á altura dum segundo andar. Fôra impossivel encostar-se-lhe uma escada sem deixar vestigios, sem amachucar as glicinias.

E em todo o decorrer das diligencias policiaais, apenas se averiguou que o poeta doido tinha passado essa noite numa agitação desabitual e que afirmara ter visto pela madrugada, galgar a janela do quarto dos mortos uma chama, uma grande e estranha chama, ou antes uma forma luminosa que, num espasmo arqueado, numa ondulação difusa, ascendera, voara perdida...

Triunfo? Quebranto?

– Misterio, perturbador misterio...

.....

Lisboa – Agosto de 1913.

O HOMEM DOS SONHOS.

a José Paulino de Sá-Carneiro.

O HOMEM DOS SONHOS

I

Nunca soube o seu nome. Julgo que era russo, mas não tenho a certeza. Conheci-o em Paris, num Chartier gorduroso de Boul'Mich, nos meus tempos de estudante falido de medicina.

Todas as tardes jantávamos á mesma mesa, de forma que um dia entabolámos conversa.

Era um espirito original e interessantissimo; tinha opiniões bizarras, ideias estranhas – como estranhas eram as suas palavras, extravagantes os seus gestos. Aquele homem parecia-me um mistério. Não me enganava, soube-o mais tarde: *era um homem feliz*. Não estou divagando: era um

homem inteiramente feliz – tão feliz que nada lhe poderia aniquilar a sua felicidade. Eu costumo dizer, até, aos meus amigos que o facto mais singular da minha vida é ter conhecido um homem feliz.

O mistério, penetrei-o uma noite de chuva – uma noite muito densa, frigidissima. Eu começara amaldiçoando a vida, e, num tom que lhe não era habitual, o meu homem apoiou:

– «Tem razão, muita razão! É uma coisa horrível esta vida – tão horrível que se não pode tornar bela! Olhe um homem que tenha tudo: saude, dinheiro, gloria e amor. É-lhe impossível desejar mais, porque possui tudo quanto de formoso existe. Atingiu a máxima ventura, e é um desgraçado. Pois ha lá desgraça maior que a impossibilidade de desejar!...

»E creia que não é preciso muito para chegarmos a tamanha miséria. A vida, no fundo, contém tão poucas coisas, é tão pouco variada... Olhe, em todos os campos. Diga-me: ainda se não enjoou das comidas que lhe servem desde que nasceu? Enjoou-se, é fatal; mas nunca as recusou porque é um homem, e não pode nem sabe dominar a vida. Chame os mais belos cosinheiros. Todos lhe darão legumes e carnes – meia duzia de especies vegetais, meia duzia de especies animais. Mesmo, na terra, o que não fôr animal ou vegetal é sem duvida mineral... Eis o que demonstra bem a penuria inconcebivel da Natureza!

»E quanto aos sentimentos? Descubra-me algum que, no fim de contas, se não reduza a qualquer dêstes dois: amor ou odio. E as sensações? Duas tambem: alegria e dôr. Decididamente, na vida, anda tudo aos pares,

como os sexos. A proposito: *conhece alguma coisa mais desoladora do que isto de só haver dois sexos?*

»Mas voltando ao campo material. Arranje-me um divertimento que não seja a religião, a arte, o teatro ou o esporte. Não me arranja, asseguro-lhe.

»Com certeza o que existe de melhor na vida é o movimento, porque, caminhando com uma velocidade igual á do tempo, no.lo faz esquecer. Um comboio em marcha é uma máquina de devorar instantes – por isso a coisa mais bela que os homens inventaram.

»Viajar é viver o movimento. Mas, ao cabo de pouco viajarmos, a mesma sensação da monotonidade terrestre nos assalta, bocejantemente nos assalta. Por toda a banda o mesmo cenário, os mesmos acessórios:

montanhas ou planícies, mares ou pradarias e florestas – as mesmas côres: azul, verde e sépia – e, nas regiões polares, a brancura cegante, ilimitada, expressão-última da monotonidade. Eu tive um amigo que se suicidou por lhe ser impossível conhecer outras côres, outras paisagens, além das que existem. E eu, no seu caso, teria feito o mesmo.»

Sorri, ironicamente observando:

– Não o fez comtudo...

– Ah! mas por quem me toma?... Eu conheço outras côres, conheço outros panoramas.

Eu conheço o que quero! Eu tenho o que quero!

Fulguravam-lhe os estranhos olhos azuis; chegou-se mais para mim e gritou:

– Eu não sou como os outros. Eu sou feliz, entenda bem, *sou feliz!*

Era tão singular a sua atitude, tão especial o tom da sua voz, que julguei estar ouvindo um louco, e senti um desejo infinito de pôr termo á conversa. Mas não havia pretexto. Tive que ficar, e, a partir dêste momento, o homem bizarro, sem se deter um instante, fez-me a seguinte admiravel confissão:

– «É bem certo. Eu sou feliz. Nunca disséra a ninguém o meu segrêdo. Mas hoje, não sei porquê, vou-lho contar a si. Ah! supunha nesse caso que eu vivia a vida?... Triste ideia fez de mim! Julguei que me tivesse em melhor conta. Se a vivesse, ha muito já que teria morrido dela. O meu orgulho é indomavel, e o maior vexame que existe é viver a vida. Não me canso de lho gritar: a vida humana é uma coisa impossivel – sem variedade, sem originalidade. Eu comparo-a á lista dum restaurante onde os pratos sejam sempre

os mesmos, com o mesmo aspecto, o mesmo sabor.

»Pois bem! Eu consegui variar a existencia – mas varia-la quotidianamente. Eu não tenho só tudo quanto existe – percebe? –; eu tenho tambem tudo quanto não existe. (Aliás, apenas o que não existe é belo). Eu vivo horas que nunca ninguem viveu, horas feitas por mim, sentimentos criados por mim, voluptuosidades só minhas – e viajo em países longiquos, em nações misteriosas que existem para mim, *não porque as descobrisse*, mas porque as edifiquei. Porque eu edifico tudo. Um dia hei de mesmo erguer o ideal – não obtê-lo, muito mais: construi-lo. E já o entrevejo fantastico... e todo esguio... todo esguio... a extinguir se em altura azul... esculpido em vitória... resplandecendo ouro... ouro não, mas um metal mais aureo do que o ouro...

»De resto, é evidente, faltam-me as palavras para lhe exprimir as coisas maravilhosas que não existem... Ah! o ideal... o ideal... Vou sonhá-lo esta noite... Porque é sonhando que eu vivo tudo. Compreende? *Eu dominei os sonhos*. Sonho o que quero. Vivo o que quero.

»As viagens maravilhosas que tenho feito! Vou-lhe contar algumas... A mais bela é esta, porque foi a mais temível:

»Eu estava farto de luz. Todos os países que percorrera, todos os cenários que contemplara, inundava-os a luz do dia, e, á noite, a das estrelas. Ah! que impressão enervante me causava essa luz eterna, essa luz enfadonha, sempre a mesma, *sempre tirando o mistério ás coisas*... Assim parti para uma terra ignorada, perdida em um mundo extra-real, onde as cidades e as florestas existem perpetuamente mergulhadas na mais densa

treva... Não ha palavras que traduzam a beleza que experimentei nessa região singular. *Porque eu via as trevas*. A sua inteligencia não concebe isto, decerto, nem a de ninguém...

»Era uma capital imensa... Os boulevards rasgavam-se extensissimos, *sempre ascendendo*, ladeados por grandes arvores; a multidão pejava-os girando silenciosa, e os veículos – os trens, os grandes omnibus, os automoveis – rodavam isocronamente num clangôr soturno. *E todo aquele silencio se reunia em musica*. Ah! que estranho calafrio de mêdo me varou, delicioso e novo, o corpo dispersado! Em face dos meus olhos abria-se uma vida misteriosa, emfim, porque a luz a não iluminava!... Espectaculo soberbo e pavoroso! Eu via a treva!... Eu via a treva!... No recanto duma rua perdida encontrei dois amantes a morderem-se nas bôcas. Ai, como

deviam ser grandiosos aqueles beijos profundos na suprema negrura das trevas densissimas!... Mais longe assisti a uma scena de sangue: cruzavam-se estiletos, havia gritos de dôr... Nunca vivi um momento mais temivel do que esse... E, pelos arrabaldes, os vinhedos carregados de frutos, os trigais maduros, as seáras e os pomares que o vento balanceava... toda a vida, em suma, toda a vida, na escuridão impenetravel!... Que triunfo! Que triunfo!...

»Glória maior foi talvez a que atingi na minha viagem a um mundo perfeito onde os sexos não são dois só... Pude vêr labirintos de corpos entrelaçados a possuirem-se numa cadeia de espasmos contínuos, sucessivos e actuais, que se prolongavam uns pelos outros em fuga distendida... Infinito! Infinito! Era, ruivamente era, o cantico aureoral da carne, a partitura

sublime da voluptuosidade que freiriam todos esses sexos diferentes vibrando em turbilhões... A vida a deslizar em ondas... a vida a deslizar em ondas!...

»Narrar-lhe todas as minhas viagens seria impossível. No entanto quero lhe falar ainda doutro país.

»Que estranho país esse... Toda duma côr que lhe não posso descrever porque não existe – *duma côr que não era côr*. E eis no que residia justamente a sua beleza suprema. A atmosfera dêste mundo, não a constituía o ar nem nenhum outro gás – não era atmosfera, era musica. *Nesse país respirava-se musica*. Mas o que havia de mais bizarro era a humanidade que o povoava. Tinha alma e corpo como a gente da terra. Emtanto o que era visível, o que era definido e real – era a alma. Os corpos eram invisíveis,

desconhecidos e misteriosos, como invisíveis, misteriosas e desconhecidas são as nossas almas. Talvez nem sequer existissem, da mesma forma que as nossas almas talvez não existam também...

»Ah! que sensações divinas vivi nesse país!... O meu espírito ampliou-se... Tive a noção de perceber o incompreensível... Hei de talvez lá voltar um dia, a esse país sem igual, a esse país d'Alma...

»Em suma, meu amigo, eu viajo o que desejo. Para mim ha sempre novos panoramas. Se quero montanhas, escuso de ir á Suissa: parto para outras regiões onde as montanhas são mais altas, os glaciares mais resplandecentes. Ha para mim uma infinidade de scenarios montanhosos, todos diversos, como ha também mares que não são mares e extensões vastissimas que não são montes nem planicies, que são qualquer coisa mais bela,

mais alta ou mais plana – enfim, *mais sensível!* O mundo para mim ultrapassou-se: é universo, mas um universo que aumenta sem cessar, que sem cessar se alarga. Quer dizer, não é mesmo universo: é mais alguma coisa.

»No círculo espiritual, também para mim não ha barreiras – e tenho sentido, além do amor e do odio, outros sentimentos que lhe não posso definir, é claro, porque só eu os vivo, não havendo assim a possibilidade de lhes fazer entender nem por palavras, nem por comparações. Sou o unico homem que esses sentimentos emocionam. Logo seria desnecessario ter uma voz que os traduzisse, visto que a ninguem a poderia comunicar. Aliás o mesmo acontece com as horas mais belas que tenho vivido. Só lhe posso dizer as que de longe se assemelham ás da vida e que por isso exactamente são as menos admiraveis.

»Agora passo-lhe a esboçar algumas voluptuosidades novas.

»Um corpo de mulher é sem duvida uma coisa maravilhosa – a posse dum corpo esplendido, todo nu, é um prazer quasi extra-humano, quasi de sonho. Ah! o misterio fulvo dos seios esmagados, a escorrer em beijos, e as suas pontas loiras que nos roçam a carne em extases de marmore... as pernas nervosas, aceradas – vibrações longinquas de orgia imperial... os labios que foram esculpidos para ferir de amor... os dentes que rangem e grifam nos espasmos de alêm... Sim, é belo; tudo isso é muito belo! Mas o lamentavel é que poucas formas ha de possuir toda essa beleza. Emmaranhem-se os corpos contorcidamente, haja beijos de ansia em toda a carne, o sangue corra até... Por fim sempre os dois

sexos se acariciarão, se entrelaçarão, se devorarão – e tudo acabará em um espasmo que ha de ser sempre o mesmo, visto que reside sempre nos mesmos órgãos!...

»Pois bem! Eu tenho possuido mulheres de mil outras maneiras, tenho delirado outros espasmos que residem noutros órgãos.

»Ah! como é delicioso possuir com a vista... A nossa carne não toca, nem de leve, a carne da amante nua. Os nossos olhos, só os nossos olhos, é que lhe sugam a bôca e lhe trincam os seios... Um rio escaldante se nos precipita pelas veias, os nossos nervos tremem todos como as cordas duma lira, os cabelos sentem, dilatam-se-nos os musculos... e os olhos de longe, vendo, vão exaurindo toda a beleza, até que por fim a vista se nos amplia, o nosso corpo inteiro vê, um estremeção nos sacode e um espasmo ilimitado,

um espasmo de sombra, nos divide a carne em ansia ultrapassada... Atingimos o goso maximo! Possuímos um corpo de mulher só com a vista. Possuímos fisicamente, mas imaterialmente, como também se pode amar com as almas. Neste caso são mais doces, mais serenos, mas não menos deliciosos, os espasmos que nos abismam.

»Ha ainda uma outra voluptuosidade que, por interessante, lhe desejo esboçar: é a posse total dum corpo de mulher que sabe unicamente a um seio que se esmaga.

»Emfim, meu amigo, compreenda me: Eu sou feliz porque tenho tudo quanto quero e porque nunca esgotarei aquilo que posso querer. Consegui tornar infinito o universo – que todos chamam *infinito*, mas que é para todos um campo estreito e bem murado.»

Houve um grande silêncio. Pelo meu cérebro ia um tufão silvando, e as imagens fantásticas que o desconhecido me evocara – rodopiantes, pareciam querer no entanto definir-se em traços mais reais. Mas logo que estavam prestes a fixar-se, desfaziam-se como bolas de sabão...

O homem disse ainda:

– A vida é um lugar comum. Eu soube evitar esse lugar comum. Eis tudo.

E mandou vir conhaque.

Estive dois dias sem o vêr. Quando o encontrei de novo á mesa do restaurante, notei uma expressão diferente no seu rosto. Confessou-me:

– Já conheço o ideal. No fim de contas é menos belo do que imaginava... E o meu amigo que tem feito?

Pusémo-nos a falar de banalidades. Eu quis ainda levar a conversa para a sua vida sonhada, mas todos os meus esforços permaneceram inuteis.

Sáimos. Acompanhou-me até casa. Deu-me as boas noites. Depois, nunca mais o vi.

*

* *

Largo tempo meditei no homem estranho: meses e meses a sua recordação me obcecou perturbadoramente. Quis também fruir o segrêdo do dominador dos sonhos. Mas embalde. Não os consegui nunca imperar e, breve, renunciei á quimera dourada.

Desde aí, a minha loucura foi toda ela de esparzir luz, ainda que só luz crepuscular, sobre o misterio admiravel.

E um dia finalmente, um dia de triunfo, eu pressenti a verdade.

Que vinha a ser aquele homem? Segrêdo! Segrêdo! Eu dêle ignorara sempre tudo. Muita vez me acompanhou a minha casa – e eu jamais conhecera onde fôsse a sua casa. Afigurára-se-me russo; porêm não mo dissera nunca.

Alto, extremamente alto e magro. Grandes cabelos encrespados, dum loiro triste, *fugitivo*; e os seus olhos fantasticos de azul, com certeza os olhos mais estranhos que me iluminaram algum dia. Só os posso evocar nesta incoerencia: eram dum brilho fulgurante – *mas não brilhavam*.

A sua voz de calafrio, ressoando abafada e sonora, parecia vir duma garganta falsa que não existisse no seu cõrpo. Quando se erguia e caminhava, os seus passos ágeis, silenciosos, longos, davam a impressão total de que os seus

pés, em marcha aerea, não pousavam no solo: a sua marcha era indecisa – e eis aqui o mais bizarro – como indecisas e brumosas igualmente eram as suas feições. Os seus traços fisionomicos dir-se-hiam inconstantes, sendo quasi impossivel abrangê-los em conjunto: um grande pintor teria uma real dificuldade em fixar na tela o rosto movel do homem dos sonhos. Quem longas horas o tivesse na sua frente, não o ficava emtanto conhecendo: aquele rosto fugitivo não se aprendia em longas horas.

Emfim, da sua fisionomia, do seu andar, dos seus gestos, da sua voz, ressaltava esta impressão: o desconhecido era uma criatura de bruma, indefinida e vaga, irreal... *Uma criatura de sonho!* – passou-me esta ideia pelo espirito como um relampago de claridade. Sim, o meu homem era perfeitamente comparavel ás personagens que

nos surgem nos sonhos e que nós, de manhã, por maiores esforços que empreguemos, não conseguimos reproduzir inteiramente materializadas, porque nos faltam pormenores do seu desenho: se os olhos nos lembram, esquecemos a expressão da boca; se sabemos a côr estranha dos cabelos, fugiu-nos o tom fantastico dos olhos. Em suma, é-nos impossivel reconstruir o conjunto da personagem indecisa que entrevimos sonhando. As suas feições escapam-nos – tal como escapavam as feições do homem bizarro.

Queria dizer: *o desconhecido maravilhoso era uma figura de sonho* – e entretanto uma figura real.

Mas foi precisamente quando, envaidecido, eu suscitara já esta longinqua claridade, que o segredo admiravel se me volveu em ideia fixa.

Temí quasi endoidecer, e não sei o que teria sido do meu pobre cerebro que a asa do misterio roçára, se por fim não conseguisse mergulhar mais fundo o abismo azul:

Se o homem dos sonhos era uma figura de sonho, mas, ao mesmo tempo, uma criatura real – havia de viver uma vida real. A nossa vida, a minha vida, a vida de todos nós? Impossível. A essa existencia odiosa êle confessára-me não poder resistir. *Demais, nessa existencia, a sua atitude era a duma figura de sonho. Sim, duma figura irreal, indecisa, de feições irreais e indecisas. Logo, o desconhecido maravilhoso não vivia a nossa vida. Mas se a não vivia e entretanto surgia vagamente nela, é por que a sonhava.*

E eis como eu pude entrever o infinito: O homem estranho sonhava a vida, vivia o sonho. Nós vivemos o que existe; as coisas belas, só

temos fôrça para as sonhar. Enquanto que êle não.
Êle derrubara a realidade, condenando-a ao sonho.
E vivia o irreal.

Poeira a ascender quimerizada...

Asas d'ouro! Asas d'ouro!...

Paris – Março de 1913.

ASAS.

a Alfredo Pedro Guisado.

ASAS

I

Já se me gravava frisantemente a recordação daquele extraordinario personagem, quando uma noite, no café, Inácio de Gouveia mo apresentou em indiferença.

Não pudera, com efeito, esquecer mais a inexplicavel criatura esguia, de longos cabelos mordoirados, rosto liturgico, olhos de inquietação – que, alta madrugada, eu vira a primeira vez, perto de Notre-Dame, solitaria e extatica. Mas não, como seria admissivel, contemplando a Catedral na bruma violeta da ante manhã de outono – estrambóticamente, ao contrario, de

costas para ela, a olhar o céu, abismada, num enlevo profundo...

Parei alguns minutos examinando o desgraçado. Contraía-se-lhe o rosto, os olhos palpitavam-lhe em bizarras divergências, enclavinavam-lhe o corpo bruscos estremeções – como se na verdade presenceasse, no espaço, qualquer scena emocionante!

Encontrei-o de novo, poucos dias volvidos, na praça Vendôme.

Mais discretamente, porque era na agitação das cinco horas, o meu desconhecido indagava sempre a atmosfera: hoje, numa atitude mais serena, enternecida a côr de rosa – descendo, em frágil suavidade, o olhar, instante a instante, sobre as mulheres de luxo que saíam dos automoveis...

E vira-o ainda, uma última vez, no jardim do Luxemburgo – então apenas absorto nas correrias das crianças.

Foi pois com íntima curiosidade que o saudei, na frase infalível do «muito prazer em conhecê-lo», – sincera, por exceção.

Sabia agora que era um vago artista russo, conhecido distante de Gouveia: «Petrus Ivanowitch Zagoriansky» – «salvo erro», avisara-me em português o romancista.

Este, por sinal, breve se despediu – e os dois ficámos sós.

Maravilhosamente se entabou a nossa conversa, – parecíamos já antigos companheiros. E toda a noite eu ouvi, suspenso, as palavras do russo.

Que zebrante intensidade, que síntese de oiro!

Em face dêle, a convulsionar a beleza das suas frases *novas*, vinha-me a sensação destrambelhada de que o artista não falava só com a sua bôca, mas com todo o seu corpo...

Amiudaram-se, a partir daí, os nossos encontros. Uma intimidade quotidiana, mesmo. E hoje, recordando essa época da minha vida, afinal tão próxima, ela evoca-se-me em laivos de sonho, de beleza e pasmo – de inquietação, misteriosamente.

Não estou escrevendo uma novela – apenas fixando um episódio bem real, por secreto e perturbador. Assim, nem me esforçarei por dar um seguimento dramático á minha narrativa. Ela resvalará mais do que livre, desarticulada – apoiando-se quasi estritamente na reprodução das nossas conversas.

Logo de início eu confessara ao estrangeiro já o conhecer de vista – e ter-me impressionado muito o seu aspecto aureolado e a sua estranha atitude, olhando o espaço, em Notre-Dame e na praça Vendôme.

Lembro-me que Zagoriansky, dessa vez, apenas sorriu num dos seus inolvidáveis sorrisos *triangulares*, acrescentando qualquer coisa que não percebi – como que uma onomatopeia hirta: decerto uma palavra russa iludindo a resposta.

Mas, poucos dias depois, quando lhe falei demoradamente da minha Arte e lhe narrei os planos dalgumas novelas – o meu companheiro, mudando de atitude, baixando enfim os olhos, principiou sem ser rogado:

– Solénemente, é admirável. Desistira de encontrar alguém que o pensasse. O meu amigo, em suma, é um artista – um Artista! Tudo quanto

me acaba de sugerir – protesto-lhe – é uma Apoteose á minha vibratilidade. Que triunfo! Pela primeira vez acho alguém com quem saiba falar da minha Arte, decisivamente. Não digo que me compreenda. Longe disso. Mas vai sentir-me um pouco. E’ já muito. Verá...

E pôs-se, ainda em confiança velada, a dizer-me os seus fins, as suas teorias últimas:

«– Nervos! Nervos!... Oh, o horror do Mesmo! Para que sempre fazer identico, se tantas coisas Outras nos envolvem?... Ao excessivo e ao diverso – em Marchetado e Ruivo!...

»Lembrava-se de mim – contou-me – de me ter visto olhando o céu, como louco, embevecido... E’ que enredava então um dos meus poemas Novos onde sugestionaria toda a beleza insuspeita do Ar. Do Ar, sem dúvida, meu

amigo – o Grande Insidioso que tudo contorna e prolonga, esparze vibratilmente...

»Notre-Dame – incrustação medieval!
Abobadas do templo, rosaceas dos vitrais, cornijas e telhados – tudo, tudo, pelo espaço... Mas são degraus de trono, degraus de trono – outras tantas catedrais projectadas na atmosfera: sucessivas; ao Infinito! A atmosfera: um espelho de Fantasmas! E cada figura, cada ogiva, cada rendilhado – se traduz lá, vagueando-se, se projecta lá em insinuações envolventes de contorno. Pois o ar tudo rodopia, amolda e alastra, anela, diverge insondavelmente... Para além da nossa existencia real, outra se influe, existe – suave: a das formas aereas, continuas, que emmolduramos. Quem sabe até se elas não irão ser, ultrapassando o Vácuo – as almas subtis, voláteis, dos corpos doutros mundos?...

»E eis qualquer coisa que a minha Ansia estrebuchou fixar!... Translucidez-Espectro... Visões de Nós-proprios... e dos templos... dos palacios... das tôrres... das arcarias... Ah! eu não vibro só os monumentos nas suas linhas imutaveis, nativas, rudes – a pedra. De ha muito absorvi senti-los a bem mais Imperial nos seus moldes incorporeos de ar – transmitidos, flexiveis, impregnantes...

»As grandes catedrais! Notre-Dame... Que altos relevos de Espaço... que maravilhosas intersecções de planos... Planos multiplos e livres, *desdobrados*, que se enclavinham, se transmudam, sossobram, turbilhonam!...

»Eu quero uma Arte que interseccione ideias como estes planos!

»Oiça bem! oiça bem! Quero uma Arte interceptada, divergente, inflectida... uma Arte

com força centrífuga... uma Arte que se não possa demonstrar por aritmética... um Arte-geometria no espaço... Sim! sim! uma Arte a três dimensões... no espaço... no espaço... *Areas e Volumes!*»

Em vertigem, dificilmente me guiara por este rodopio. E abismava-me. Emfim! – era toda uma Imaginativa nova...

De resto, havia nas suas frases uma desconexão aflitiva, um destrambelho fugaz – e, nos seus olhos, um esplendor *fumarento*, a bôca amarfanhando-se-lhe em um rictus de sombra.

Prosseguiu:

– Urge também, meu amigo, que um Artista de génio saiba individuar, *animar*, a Atmosfera... quando a rompem grandes expressos, e os afileamentos dos dirigíveis, as hélices, os volantes, as rodas das oficinas, os braços dos guindastes –

tanta beleza dura! – ... quando a entalham
basílicas, memórias, ruínas no Egito...
debilmente, se a afagam mão esquivas de mulher,
e as correrias loiras das crianças, nos jardins...

Mais tarde, havia de me tornar:

« – Acredite-me, cada vez melhor me
convenço de que a atmosfera é uma fonte
inexgotável de beleza inúmera. Convém que nós,
os artistas, aprendamos, hora a hora, a devassa-
la... Saber a Distancia! compreender o Ar... o
espaço, que nunca é imóvel – e vibra sempre,
coleia sempre... A mínima oscilação, só por si,
vale um motivo de Arte – é uma beleza nova:
zebrante, rangente, desconjuntada e emersa...
Fantasie um corpo nu, magnífico, estendido sobre
colchas da Índia, em um atelier de luxo... Mas de
volta, meu amigo, de volta, tudo será esse corpo –
só a beleza purificada desse corpo!... Sossobrará o

resto, desarticular-se-ha em redór, focado o ambiente nessa apoteose – alabastros de convergencia!... Depois é o proprio corpo que, de tanto haver concentrado, se desmorona em catadupas de oscilações afiladas, loiras, viciosas... Abrem os seios gomos de ar crispados, as pernas derrotam colunatas – agitam os braços multiplas grinaldas; os labios palpitam inscrustações de beijos... Tudo se abate de Beleza! E o corpo é já um montão de ruinas, de destroços de ar, que ondeiam livres, em vórtice – e se emmaranham, se entrecruzam, se desdobram, se convulsionam... *Todo o ar vive esse corpo nu!*

»E nas grandes oficinas... o giro ácido das rodas... os volantes... os embolos... as correias de transmissão... o oscilar de complicados maquinismos... Outros tantos movimentos de ar – fogos de artificio, é verdade, fogos de artificio de

Ar!... Hélices, espirais, ramos de parábola, estrelas, hiperboles mortas – turbilhonando, zig-zagueando, entregolfando-se... Magia contemporanea! Europa! Europa!...

»Nos teatros, então, se uma dançarina multicolor volteia – repare – a atmosfera toda se colore em cêrca, abismando-se em despojos policromos que veem tingir as nossas proprias mãos, os rostos dos espectadores – como o farfalhar dos vidrilhos...

»Pois é tudo isto, tudo isto, em suma (e as inflexões das espadas) que devemos – Hoje! – adivinhar e sugerir em Alma.»

Por mim, gritei-lhe, como da outra vez, o meu espanto e o meu culto em face das teorias sublimes Ele estranhava que eu as soubesse compreender tão longe – embora os meus nervos

e o meu genio. Mas breve se convenceu da minha sinceridade – dia a dia em maior confiança.

*

* *

Ha dez ânos que Petrus Ivanowitch levara a sua familia – sua mãe e sua irmã – a abandonar Moscou, depois da morte de seu pai, e a estabelecer residencia em Paris.

Desde o princípio das nossas relações me quisera, á viva força, mostrar em sua casa – onde, por sinal, conheci mais tarde Sergio Warginsky e me deixei apresentar de novo a sua mulher – ainda muito formosa – que noutros tempos, em Lisboa, conhecera em circunstancias tão diversas.

Uma sensação de enlevo devia trazer da minha primeira visita, pois logo de entrada se me frisou um ambiente de ternura e disvelo a cercar o Artista. As servidoras fieis do seu genio, aquela

mãe e aquela irmã – advinhava-se num relance: Sofia Dmitriévna, uma senhora de porte aristocrático e magníficos cabelos brancos; Marpha Ivanovna, uma linda rapariga cheia de vida – alta, robusta, musculada. O tipo completo da beleza forte.

Meses depois, ambas elas, notando como Petrus preferia o meu convívio, começaram a pedir a minha opinião: mostrando-se muito receosas pela sua debilitada saúde – e, ainda mais, pela intensidade excessiva do seu gênio, as complicações do seu espírito, toda a estranheza do seu porte. E, um dia, contaram-me que o meu amigo sofrera outrora uns ataques misteriosos, terríveis, que os médicos não souberam nunca diagnosticar: como que uma bizarra e sinistra epilepsia nova. Há seis anos, essas crises não se repetiam. Mas fôra justamente desde então que se

manifestara um maior desequilíbrio em todos os actos do Artista – em todas as suas palavras, e nas suas opiniões.

Busquei sempre sossega-las. Só hoje vejo bem como se fundamentava esse temor.

Não era, com efeito, apenas nas suas conversas de arte que Zagoriansky se exprimia inquietadoramente: em maravilhas, sem dúvida – e destrambelhos reais, não obstante. Se me dizia, por ventura, qualquer particularidade da sua alma, a estranheza e o vago persistiam. De resto, as nossas conversas nunca se alastraram neste plano. Uma natureza muito concentrada. Mas sempre que o russo se abriu comigo – foram tão singulares como as suas teorias artísticas as suas anotações psicológicas, os traços mais frisantes do seu character.

Por exemplo, jurou-me uma noite:

– Se eu quisesse, meu amigo, contar a minha vida, em voz alta, a mim próprio – eu mesmo não acreditaria. Ah! desenvolveu-se sempre em erro a minha existencia... Se lhe entrasse em pormenores, «literatura» suporia. E, no entanto, a verdade irrisoria... Menos crível, porêm, é que todos os personagens da minha vida – os mesquinhos até, na aparência – tenham procedido, afinal, sempre de acôrdo com a minha vida. *Encontrei sempre quem devia encontrar.* Ninguém nunca procedeu comigo como procederia com outrem – mesmo os que não me conheciam... Tanto que chego a lembrar-me, em verdade, *se não serei só eu, mas muitos* – isto é: *todos os personagens da minha vida...*

Estampara-se uma dôr tão grande no seu rosto – embora uma ironia estridente a repassasse – tamanha tristeza lhe velara a voz e o brilho dos

seus olhos – que estremecei, por êle, uma piedade sincera incluída em um vago receio, talvez...

Breve fui notando os bruscos silêncios que havia nas suas frases, os súbitos olhares perdidos, *soltos*, que frequentemente, conversando, lançava em redor, sem se calar – numa desatenção repentina, inexplicável e assustadora.

De quando em quando, fazia-me agora estrambóticas constatações:

– Já reparou no cheiro do petróleo? É muito curioso... Lembra-se?... Dir-se-hia um aroma *com crôsta*... Sim, um aroma duplo: um tom aromal, primeiro, grosso – revestindo um tom mais agudo, esféricamente...

E, outras vezes:

– Não amei nunca. Mas tenho a certeza que, se um dia amasse, o meu amor seria um grande sôno. Então, á mulher que ardentemente quisesse,

eu diria: «Meu amor, meu amor, tenho sôno de ti!»

– Recordam-me a cada instante sabores que nunca experimentei... Gostos maquinados, com rodizios, em complexos movimentos... Gostos-transformações de energia, quero crer...

– Houve uma época da minha vida em que só inventava obsessões. *Inventava-as*, não as tinha. O mais perigoso era que, tempo volvido, já não conseguia destrinçar se essas obsessões eram apenas artificiais, criadas pela minha imaginativa de Artista – ou verdadeiras loucuras que, alguma hora, teriam dilacerado o meu espírito, e hoje, vacilantemente, resumavam... Lembro-me bem das minhas incertezas quanto a esta obsessão dupla que, em lucidez, sabia não ser mais do que o assunto rebuscado duma novela que tencionara compôr: um homem que, por uma parte, se

convencera de que o seu pensamento era translucido, e assim, todos saberiam o que êle pensava – *os propios animais* – as suas ansias, as suas desilusões ... e, por outra parte, num crescendo aflitivo, fôsse descobrindo pouco a pouco, em todos os rostos, a mesma expressão; os mesmos tiques, os mesmos tregeitos... Embalde fugiria, de olhos cerrados, em uma nausea de mêdo... E essa expressão irremediavel, obcecante, enfadonha, sempre a mesma – iria por fim encontrá-la nos propios objectos, nas coisas inanimadas – *nos arômas até*.

Mas bem mais inquietadora, por dolorosa e íntima a confissão estiolante de certa manhã febril.

Visitara, com êle, um pintorzeco indiferente que vivia num pequenino quarto, trepado ao

ultimo andar dum hotel do Odéon. E, á saída, na rua:

– Como o invejo... – divagou o Artista –. Nunca viverei num quarto como esse... Só isto, sintetisa bem, quem sabe, a minha dôr... Foi outro o meu destino... Houve sempre tapetes na minha sorte... Não poderei nunca viver... *A dôr de ter sabido sempre onde ia dormir!*... Duvido que pense tambem assim... Mas como eu quisera ser aquêlo quarto... Reparou?... Aquêlo quarto é uma garôta de Paris... Não logrei nunca misturar a mim a gentileza... Jámais recebi uma carta que não esperasse... Sequidão! Sequidão!... Se ao menos, como certo amigo distante, principiasse a amar uma morta... Embalde... E, solitario, passeio com os meus galgos de fantasia... A's vezes, julgo até que se deu comigo esse episódio – que me narraram, sem duvida... Ausencia!

Ausencia!... Ela estaria descalça, uma noite de luar, junto do lago, a pedir-me que lhe lançasse água nas mãos e sobre os braços nus... Depois, teríamos misturado os dedos na mesma água... E hoje – que suavidade! – parecer-me-hia, decerto, que essa água fôra o unico beijo que trocáramos... Meu lindo espirito de sêda, todo bordado a côr de rosa... Mas este mesmo outôno é ilusão!...

Ouvi-o em sobressaltos. Não me surgira nunca tão vincado o destrambelho das suas frases – bem real, por desgraça: de forma alguma um artificio de «poseur» – tão dolorida e flagelada a expressão.

Breve porém mudou de assunto, e as suas ideias de novo se focaram lucidamente.

Por minha parte, acostumado ao seu espirito, tirara já para mim esta conclusão egoísta: um grande desequilibrado, talvez – mas, pelo excesso

do seu desequilíbrio, um genio robusto. E, sem remorsos tranquilisava a sua familia.

Com efeito, olvidando os meus vagos temores, nem me lembrei nunca do seu fim, no meu habitual scepticismo – a não ser, remotamente quando uma manhã me entrou pela casa a gritar:

– Meu amigo! Meu amigo! Creio que descobri hoje, emfim, o segrêdo da minha existencia: *Sou todas as mãos esguias de mulher com as unhas pintadas!...*

Não era dum «blagueur» – portanto esta frase seria dum louco, mais tarde ou mais cedo.

Mas fôra tão bela, tão loira e perturbante – que logo esqueci o perigo, e, em verdade, admirei só o Artista...

II

Foi só nos últimos tempos que Petrus Ivanowitch falou comigo, em desassombro total, das suas ansias de Artista – da sua obra, realmente. Até aí, em verdade, apenas se referira a pontos de vista gerais, ás suas opiniões teóricas – mas nunca aos seus versos, a não ser de muito longe.

Por mim, nem por sombras duvidava do seu genio – cria nêle a ferro e fogo. Emtanto, a minha certeza apenas repousava na sugestão inolvidavel do seu espirito – nas suas frases de chama, e nos seus gestos, no brilho dos seus olhos – em todo o seu perfil, é claro. De resto, inabalavelmente, melhor do que a Obra mais perfeita, isto incidia

um Artista imortal. A ponto que eu, de facto, antes de reflectir a sangue-frio, tinha bem funda a impressão de que ouvira já muitos dos seus versos.

Das suas obras, falou-me a primeira vez quando, expressamente para êle os apreciar, verti em francês alguns excerptos dos meus livros e dos admiraveis trabalhos de Fernando Passos. Zagoriansky maravilhou-se. Pasmava-o como, num país tão diverso, surgira qualquer coisa de vagamente semelhante, – garantia – ao espirito velado das suas obras. Certas frases de Fernando Passos, sobretudo, inquietavam-no. Manifestou-me grandes desejos de conhecer um dia o Artista. Mas eu só lhe pude mostrar o seu retrato.

Falou-me pois do seu poema – um livro em que trabalhava ha muitos ânos.

Não tinha titulo:

– O seu título – confiou-me – será, quando muito, um compasso de música e alguns traços a côr.

Dividir-se-hia – ajuntou – em várias partes, em várias composições. Mas todas elas, soltas, haviam de se reunir astralmente, *hipnoticamente* (foi os termos que empregou) em um só conjunto. E não me disse mais nada essa noite.

Porém, algumas semanas volvidas, anunciou-me que lhe parecia estar próximo a tocar o limite do seu livro. Com efeito, não o publicaria antes de obter a Perfeição – «esse fluido».

Queixou-se-me:

– Até hoje, não existe uma Obra de Arte perfeita. As maiores, são excerptos. E eu quero o meu Poema íntegro! Tão incorrigível que lhe não possam tirar uma letra sem se desmoronar.

Insinuei-lhe:

– Emtanto, meu amigo, convem não excedermos a tortura. A Perfeição é qualquer coisa de muito relativo – factor demais, estreito, do criterio pessoal.

– Não ha criterios pessoais. Ha Ouro! – insurgiu-se o russo.

– Muito bem! – teimei ainda – Dado que assim seja, unicamente como é que o meu amigo vai medir que atingiu a Perfeição?

A resposta foi imediata:

– Não lho posso garantir, por enquanto. Mas – tenho grande fé – no minuto em que a dobrar, sabe-lo-hei talvez *fisicamente*. A agua, quando ferve, levanta-se em espuma. Desta forma concluímos que está em ebulição. Pois bem: qualquer coisa de paralelo acredito muito que se dará com o grau abstracto que pretendo atingir. Sim, afigura-se-me, em positivo se me afigura,

que no instante de alcançar a perfeição, algum fenómeno físico (talvez como que um subito *ajustamento*) se dará defronte dos meus olhos... na atmosfera... ou quem sabe até se nas páginas onde estão escritos os meus poemas...

– Um ótímo assunto de novela! – encolhi os ombros, sorrindo, a pedir outro café.

.....
.....

– Uma arte fluida, meu amigo, uma arte gasosa... Melhor, meu amigo, melhor – gritava-me Zagoriansky no seu gabinete de trabalho, aonde pela primeira vez me recebia – *uma arte sobre a qual a gravidade não tenha acção!*... Os meus poemas... os meus poemas... Mas ignora ainda! Coisa alguma prenderá os meus poemas... Quero que oscilem no ar, livres, entre-golfados – transparentes a toda a luz, a todos os corpos –

subtis, imponderaveis!... E hei de vencer!... Não atingi a Perfeição, por enquanto... Bem sei, restam escórias nos meus versos... Por isso a gravidade ainda actua sobre êles... Mas em breve... em breve... ah!...

De subito, acalmando-se, sentou-se numa grande poltrona magenta.

– Não lhe disse nunca, afinal, as características principais da minha Obra. Hoje, porém, julgo dever abrir-me lisongeiamente consigo, desvendar-lhe os meus segrêdos... Creio estar prestes a chegar, emfim – e o meu amigo encontra-se preparado, pelo seu espirito e pela minha influencia, a *saber*... Oiça: não escrevo só com ideias; escrevo com sons. As minhas obras são executadas a sons e ideias – a sugestões de ideias – (e a *intervalos*, também). Se lhe ler os meus versos, o meu amigo, não entendendo uma

palavra, *senti-los-ha* em parte. E será idêntico ao seu, o caso do surdo que os saiba ler – *mas não os possa ouvir*. A sensação total dos meus poemas só se obtém por uma leitura feita em voz alta – ouvida e compreendida *de olhos abertos*. Os meus poemas são para se interpretarem com todos os sentidos... Têm côr, têm som e arôma – terão gosto, quem sabe... Cada uma das minhas frases possui um timbre cromático ou aromal, relativo, *isócrono*, ao movimento de cada «circunstância». Chamo assim as estrofes irregulares em que se dividem os meus poemas: suspensas, automáticas, com a sua velocidade própria – mas todas ligadas entre si por ligações fluidas, por elementos gasosos; nunca a sólido, por ideias sucessivas... Serei pouco lucido. Emtanto, como exprimir-me doutra maneira?... Espere... Talvez... A minha Obra não é uma simples realização idiográfica, em

palavras – uma simples realização escrita. E’ mais alguma coisa: ao mesmo tempo uma realização musical, cromática – pictural, se prefere – e até, a mais volátil, *uma realização em arômas*. Sim, sim, a minha obra poder-se-ha transpôr a perfumes!... Poder-se-ha transpôr, será tudo isto, bem entendido, quando estiver completa... Finalmente, voltando ao seu caso: ouvir as minhas composições sem entender a lingua em que estão escritas, valerá quasi pelo mesmo do que conhecer uma obra de teatro só pela leitura – ignorando a sua realização estética...

Divagava por força o meu amigo... Eu escutara-o preso das palavras mágicas, turbilhonantes – em arrepios a Ouro. Mas não logrei por certo diluir uma cristação de dúvida, um vago ar incrédulo, pois o Artista, de subito revolvendo-se, correu a uma gaveta da enorme

secretária de pau-santo – ao fundo do gabinete – puxou-a, e dela tirou um caderno azul que brandiu aos meus olhos:

– Terá a prova! – exclamou –. Vou-lhe ler alguns dos meus poemas, *em russo!* O meu amigo depois me contará a impressão sincera da leitura.

E pôs-se a folhear o livro, nervosamente. Admirei-me por sinal – recordo-me – que um Artista tão refinado, tão exquisito, escrevesse os seus trabalhos num vulgarissimo caderno de estudante, de capa lustrosa, daqueles que se vendem por noventa centimos nas galerias do Odéon.

– Ler-lhe-hei primeiro uma das minhas composições mais simples: uma demonstração de ritmos, apenas.

Escutei...

Um assombro! Dissonancias de capricho entrechocavam-se suavemente, e eram outros tantos arfejos rendilhados, dimanando-se em mil tons – sobre um fundo violeta inalteravel, numa evocação de perfumes lisos, setinosos...

Inutil, com efeito, saber as palavras para reagir o sortilégio dessa pequena obra-prima!

Disse todo o meu espanto, toda a minha convicção...

Num entusiasmo crescente, Petrus Ivanowitch foi-me declamando inumeras poesias. A todas eu experimentava beleza – em umas melhor do que noutras, claro. E o russo acrescentou depois que tinham sido justamente as mais complexas que eu melhor advinhara.

Lembro-me, acima de tudo, do pasmo que me causou certa peça onde havia rodas multiplas trabalhando em vertigens de côr, num

embaralhado e convulsivo movimento, e onde eu, atónito, ia descobrindo as mais elegantes curvas – hélices, espirais, ramos de hiperbole – soltas, expandidas livremente, num fôgo de artificios de sons, a girandolas. Era, em verdade, todo um maquinismo de precisão, movido por mágica – secretamente, em subitas arrogancias hialinas... estrépitos de cristais...

Por ultimo, Zagoriansky hesitou. Ia a fechar já o caderno. Mas decidiu-se, anunciando em frenesi:

Poema brilhante.

Ah! eu não sabia ainda coisa alguma! Caíu por terra a minha admiração em face dos outros poemas... Descreverei, aliás, facilmente, toda a maravilha assegurando, em perfeita lucidez, isto só:

– *Tive que cerrar os olhos desde os primeiros sons.*

Não pude sustentar – foi certo! – o brilho coruscante, as scintilações magneticas induzidas nas palavras misteriosas que os meus ouvidos escutavam. Não divago. Alcanço bem o que afirmo. Mera sugestão, talvez. Mas foi assim: os meus olhos não resistiram abertos. E desafiaria aquêle que lograsse ouvir o Milagre *sem os fechar.*

Era toda uma nova Arte – diademada e ultima, excessiva e secreta, opiante, inconvertivel, cujo divino criador estava ali, na minha frente!

Ergui-me semi-louco, finda a leitura. Beijei o Artista... E Petrus, em verdade iluminado por uma aureola, gritou-me, excedido:

– Vê... vê... Não lhe dissera?... Uma Arte gasosa... poemas sem suporte... flexiveis... que

se podem deslocar em todos os sentidos... Uma Arte sem articulações!... *Uma Arte correspondente ás formas aéreas que as realidades incrustam!*... Sons interseccionados, planos cortados, multiplos planos – ideias inflectidas, subitas divergencias... Tudo se traspassará, se esgueirá, perpetuamente variavel, ondulante – *mas, em sumatorio, sempre o mesmo conjunto!*... Sim, sim, quero realizar em varios dos meus poemas – e, sobretudo, na junção total – como que uma soma de factores arbitrarios. *Mas uma soma exacta de factores diversos!*

E, para exemplificar, traduziu-me então o pequeno excerpto que adiante publico – aonde, conforme explicou, só pretendia suscitar uma impressão indecisa a Vago, entre tenuissimos apoios na realidade. Qualquer coisa impossivel de abranger, escapando-se como azougue: lençol de

agua movediço, ânfora doiro quebrada – por isso mesmo, flébeis ressaibos de Além. E a certeza, embora, sempre defronte – em marco...

A simples tradução literal que deste excerpto me fez, sugestionou-me em tais quebrantos que não me despedi sem lhe arrancar a promessa de mo deixar traduzir – ou, melhor, interpretar em português.

Efectivamente, com enormes dificuldades, segundo os seus conselhos, terminava dias depois a versão que publico mais longe – onde quasi não existe uma palavra do original, mas que, assim mesmo, reproduz tanto quanto possível, numa língua estrangeira, a sugestão do texto russo: pelos mesmos sons e movimentos, os mesmos timbres cromáticos, as mesmas consonancias...

Mais tarde, insistindo em interpretar outras das suas obras, porquanto o artista se mostrara

muito satisfeito com a minha tentativa – Petrus Ivanowitch escusou-se sempre. Só me permitiu que trasladasse uma composição dos dezoito ânos – «Bailado» – que não pertencia ao seu volume, e escrevera, ainda estudante de Direito, quando vivia só em Paris, num Hotel da rue des Écoles. Daí, por sinal, o estranho e admiravel fecho do poema.

A partir dessa noite, muitas vezes lhe perguntei pelo seu livro – insurgindo-me contra os excessos da sua tortura. Urgia, com efeito, publicar essa maravilha, destinada por força a fazer uma revolução em todas as Artes.

Ele quasi sempre, em desânimos ou entusiasmos, me volvia:

– Ainda é cedo... ainda é cedo... Ainda não triunfei... A gravidade ainda actua sobre a minha obra... De resto, creio faltar pouco... Estarão

mesmo já «perfeitos» muitos dos meus poemas – todos até, pode ser, considerados isoladamente. Mas a soma não está certa... Ha ainda escórias no conjunto...

Uma tarde porêm, não o vendo ha três dias, notei-lhe uma expressão nova no rosto – um ar febril em todo o seu aspecto. Dir-se-hia que emagrecera visivelmente nessas poucas horas.

Interroguei-o. Confessou-me:

– Ah! meu amigo... meu amigo... E' que avancei muito desde que nos separámos... Hoje, sim, *creio* nos meus pressentimentos! Estou certo de atingir, breve, a Perfeição – o impossivel de Esquiveza! Mas é estranho. Na minha glória, crispa-se afiladamente um vago remorso...

– Nervosismo, sem dúvida.

– Esperaremos...

Seguiu-se uma semana de calma relativa, em que evitou referir-se á sua Obra. Apenas, durante ela, uma noite, aludindo á sua ânsia de Artista, me falou do receio que tivera sempre de ver estiolar o seu genio á força de intensidade. E contou-me que desviava os olhos muitas vezes, para o não pôr em vibração – acarinhava-o, beijando-se nos espelhos, – falava a sós com êle – dizia-lhe «meu amor» – tratava-o, enfim, com os disvelos das mãis que se levantam, noite alta, no inverno, para aconchegar a roupa dos seus filhos...

Descreveu-me tambem a agonia perdida de fixar toda a riqueza que lhe atravessava o espirito – no ciume escoante, simultaneo, de se não poder concentrar em uma só ideia:

– Veja... veja como é terrível, meu caro!... O ciume dum homem que não lograsse nunca possuir só a mulher que tivesse entre os braços –

por que, no minuto da posse, a recordação duma outra, de muitas outras, se lhe interceptaria estridentemente... Um horror... um horror...

E foi a primeira vez que mandou vir absinto – êle, que bebia só xaropes...

... Até que principiou a faltar todas as noites no Café aonde, por hábito, ha muito nos encontrávamos...

Eu corria a sua casa, a ver se adoecera...

Recebiam-me, em lágrimas, sua mãe e sua irmã: «Doente não, com efeito. Mas fechava-se horas esquecidas no seu gabinete, recusando comer – num desassossego continuo, a passear, como as feras...»

As proprias supplicas de Marpha, que êle atendera sempre, eram hoje inuteis. Gritava-lhe por detrás da porta:

– Trabalho! Trabalho!... E’ o ultimo esforço!...

Só duma vez conseguí romper o seu isolamento.

Acolheu-me em júbilo – quando me preparava para sustentar a sua rudeza... quem sabe até se um dos seus funestos ataques de colera, que já tivera ensejo de presencear...

Exclamou:

– Sim! Sim! E’ bem verdade! Chego a passos largos... Não me enganara... Não me enganara... Sabe-lo-hei positivamente, materialmente, visivelmente... Alvejo já, não sei em quê, uma modificação muito vaga - *molecular*, presumo... Poucos dias mais, e – emfim!... A Perfeição!

Depois, falou comigo alguns momentos – natural. Roguei-lhe que não descuidasse a sua saude – mas deixei-o defronte duma grande

chávena de café fortíssimo, onde despejara meio frasco dum estranho liquido rôxo aromatisado...

Preveni sua irmã. Esta teve um suspiro, e pareceu não dar grande importancia ao facto. Mas, ao mesmo tempo, notei pelo seu rosto uma palidez momentanea... um singular constrangimento em toda a sua attitude...

Despedi-me – confesso – muito preocupado. Breve porêm, no meu eterno egoísmo, desapareciam essas inquietações. E, em verdade, durante os oito dias que saí de Paris não me lembrei, sequer um instante, da minha ultima visita ao russo – da sua perigosa situação.

Na manhã seguinte ao meu regresso, dormia ainda quando alguém bateu brutalmente á porta do meu quarto.

Fui abrir, disposto a esbotefear o intruso... e, atónito, deparei com Zagoriansky! – um

Zagoriansky terrível: de cabelo em desalinho, olhos injectados, gravata desfeita; brandindo na mão o caderno de capa azul que continha o seu Poema.

Em lágrimas e gritos raspados – mal lhe abri – começou, arquejando:

– Loucura... loucura... A Perfeição!... O maximo de esquiviza... Mas era assim... era assim... Alcancei-A! *A gravidade não actua mais sobre os meus versos*... Para que me queixar?... Doido... doido... Em todo o caso, o minuto infinito!... Não lhe dissera?... Havia de o saber perpetuamente... *tinha que o ver!*... Pois foi tal e qual – meu pobre amigo – tal e qual!... Quando viera de ajustar a ultima palavra, houve um estalido seco, um baque surdo – um ruído de arfejos, a escoar-se... subtil... Olhei as folhas...

Todos os meus versos, libertos enfim, tinham resvalado do meu caderno – por vãos mágicos!...

E desfolhava-me o livro...

Hirto, oscilou-me então um arrepio de gêlo... As fôlhas, brancas... Apenas, intacto, o frontespicio onde se liam o nome do Poeta e uma data. Em cada página, só o número da folha e alguns borrões vermelhos que, inexplicavelmente – conforme já reparara – sujavam, de quando em quando, o texto escrito numa anilina violeta muito pálida.

– Meu amigo... meu amigo... No espaço!... Os meus poemas... no espaço... ah! ah!... entre os planetas!...

E o resto foi um rodopio de gargalhadas espumosas, contundentes, alucinantes...

.....
.....

.....

Cinco dias mais tarde, doido de fúrias, Petrus Ivanowitch, apesar da imensa dôr de sua família, era internado numa casa de saúde, próximo de Meudon, onde puseram ainda assim muito dificuldade em o receber, devido á misteriosa violência dos seus ataques – crises estranhas, convulsas, espasmódicas, desconhecidas por todos os alienistas: como que um feitiço medieval... um «envoûtement» de missa negra...

Procurou-se por toda a casa, por todo o jardim, o caderno em que o Artista escrevera a sua Obra. Debalde... Restava só esse outro, idêntico – *mas com as páginas limpas...*

Horas perdidas, eu e Marpha nos debruçámos sobre êle, a estudá-lo, a querer-mos convencer que era outro – outro que o louco decerto comprara, depois de ter destruído o que

continha a sua Obra... *Convenceremo-nos...* como se não fosse a evidência...

E, no entanto, as manchas de humidade que existiam na capa do primeiro caderno, lá se encontravam também na daquêle – assim como os borrões vermelhos... entre êles o que, mais alastrado, existia na página 22 onde estava escrito o excerpto que traduzi com o titulo de «Alêm»... E era tudo quanto escapara duma obra genial!...

... As noites inquietantes, confusas – repito – que eu e Marpha sofremos, olhando, defronte de nós, esse caderno vasio, aberto inutilmente... tendo que acreditar, *e não podendo acreditar...*

Um sonho quasi... uma obsessão...

Camarate – Quinta da Vitória.

Outubro de 1914.

“ALÊM” E “BAILADO”

DE

PETRUS IVANOWITCH ZAGORIANSKY

(Fragmentos)

a *M.^{lle}* Marpha Ivanovna Zagoriansky, irmã do
Poeta – estas interpretações portuguesas são
comovidamente dedicadas.

I

ALÊM

1.

*Erravam pelo ar, naquela tarde loira,
eflúvios róxos d’Alma e ansias de não-ser.*

*Mãos santas de rainha, loucas de
esmeraldas, davam arôma e rócio á brisa do
crepusculo.*

O ar naquela tarde era Saudade e Além.

.....

*E as asas duma quimera, longinquamente
batendo, a ungi-lo d'irreal...*

.....

*Lufadas de folhas mortas, todas cheirosas a
sombra...*

.....

*Um ar que sabia a luz e que rangia a
cristal...*

.....

*E muito ao longe, muito ao longe, as casas
brancas...*

2.

*Na grande alcôva da vitória, toda nua e toda
ruiva, eu tinha-a finalmente estiraçada sobre o
leito fantástico da Côr.*

Linda espiral de carne agreste – a mais formosa enchia para mim os olhos de mistério, sabendo que eu amava as ondas de estranheza...

E os seus braços, de nervosos, eram corças...

E os seus lábios, de rubros, eram dôr...

.....
No jardim, os girassois não olhavam para o Sol...

.....
Verguei-me todo sobre ela...

A hora esmaeceu...

O ar tornou-se mais irreal...

Houve um cortejo de estrelas...

.....
Em face daquela glória, que tumultuava tão perto, que me ia sagrar enfim, os meus olhos eram esforço – e a minh'alma um disco d'ouro!...

.....
.....
*A louca acerava as pontas dos seios, para os
tornar mais acres, para me ferir melhor.*

*E os meus lábios d'ansia, sofriram já da
saudade dos beijos que lhe iam dar...*

.....

Ao longe sempre as casas brancas...

3.

*... E foi então quando eu já me sentia
entrelaçado d'Ouro, sagrado d'alêm-Côr,
quando era todo encanto em laivos de infinito –
que o instante abateu e me desencantei...*

*Sobre o seu corpo de equilibrio – uivos
d'horror! uivos d'horror! – cabriolante se
elancara a teoria arripiadora dos angulos
agudos, zombando estridentemente dos
redemoinhos e das curvas...*

Gumes brutais, turbilhões silvantes, linhas quebradas destruidoras – tudo sulcavam! tudo sugavam!... A limpidez! A limpidez!...

– Pavor sem nome!...

E uma gaiola picaresca de losangos veio descendo guturalmente a desnudar-lhe a carne nua – de toda a côr, de todo o som, de todo o arôma; encerrando-a, a girar em volta dela numa vertigem monstruosa de círculos enclavinados, impossíveis!...

Toda a beleza, em estilhaços, gritava-me que lha salvasse...

E o meu olhar – que saudade! – não lhe podia valer...

.....

As casas brancas não perdôam! As casas brancas não perdôam!...

4.

Triste de mim, sem dôr, a oscilar, ainda todo vibrante... queria mentir a mim mesmo, queria voltar – mas tudo me resvalava...

A' força de ilusão, volvi-me uma grande mentira: fui Príncipe sem rei, iluminado a luz falsa – luz que não soava, e era ôca, deserta e media...

– Para quê? Para quê?...

Breve o meu corpo tombava na terra firme, anoitecido em Alma – e tudo ruia ao meu redor: asas de insónia, galeões dourados, torres de prata, zimbórios d'oiro... Tudo ruia – mas tudo ruía em sortilégio, noutras ruínas: o oiro, em seios perdidos; a prata, em glória abandonada...

.....

Só as ruínas das casas brancas, eram ruínas de casas brancas!

Paris – Janeiro de 1913.

II
BAILADO

1.

Tudo horizonte... só horizonte...

Ruido brusco de silencio...

– O horizonte é Forma que rocía...

*Puseram na minha febre compressas de
madrugada...*

Agua fria! Agua fria!

*Como o silencio range... e tine... e tine... em
listas d'Ouro fustigante, serpentinas...*

*Efemero Ouro que se volve em labareda a
perverter...*

Apoteose!

*Cisnes de brasa, em mar de Som, arfam o
mar, zebradamente...*

*O mar é um seio a vibrar...
(E o seio golfa, endoidecido).*

Oriente! Oriente!

*Lá longe, ha elmos...
Singram castelos de miragem...
Ascendem espiras... vertiginam hélices...
Grifam-se timbres de cristal...*

E o mar sossobra em luz que Sente...

(Luz singular!

E' luz que eu espasmo!)

Divirjo em lira, iriadamente...

2.

*A grande esfinge platinada, da luz do sol faz
sombra-Estátua.*

Põi-se-me a Alma...

*...Agora é noite perdida de mêdo azul e
longe intenso...*

Retinem perfumes dum país longinquo...

Em volta da esfinge tudo é inconstancia...

Abismam-se garras...

Sepulcram-se gumes...

E quebram-se espadas...

.....

*De subito, esvai-se um meteoro a
silvar...*

.....

*Olha o carro do Triunfo, ascendendo o
Capitólio...*

Olha o rastro leonino...

Olha o bergantim rial...

.....

Olha a ogiva, olha o pórtico...

Olha a cruz da catedral...

.....

*(– Aonde pasma a grande Fera?
– A Fera já não Ilude.)*

*Em jorros de asas a crescer, alteia-se o
orgão santo...*

O altar-mór vibra de lindo...

O turibulo inunda o Som...

– Nossa Senhora da Côr!

A nave sagra-se em ansia...

Ergue-se o cálice-Auréola...

*E a hostia da comunhão, comunga nos seios
doidos...*

.....
O Imperador foi sagrado!

(Festivais da coroação).

3.

Guinchos de luz...

– Luz maquilada... –

Asas perdidas no Sol-posto...

*... Depois é tudo paz, e os ramos de palmeira
baloçam loiramente a musica e o ar...*

Oasis...

Laivos fugazes...

Madeiras insidiosas...

4.

*Lá volta o Oiro fustigante, todo tigrado de
Orgulho.*

*A chama subtilisa-me, e o crepusculo é um
espelho...*

(Vitoria!

– O Gêlo não me condensa).

.....
*Longinquamente vermelho, vem-me um
ressaibo a Combate...*

Nevoeiro... nevoeiro...

Batismo de dôr-Astral...

.....
*E a neblina começa a encrespar-se em
flócos...*

A neblina volteia...

A neblina é caudal...

– A neblina não oculta!

A neblina Desvenda!...

5.

*Indícios de Alma, lá longe, sobre o Oiro
fustigante...*

Mãos postas... Ressurreição...

.....
*E agora desço a escadaria, toda a ascender
em além-Sombra...*

Mas a descida só me exalça:

Sou eu, um Só – e difusão!

*Em nostalgias-Docel,
Tenho saudades-Pekim,
Reminiscencias – Brocado...*

*Pressinto um grande Mistério...
Alvejo-me em côr e som...
Arnezes, lanças, Rogerio!...*

*Mas ai, o sonho é real: exprime-se em
nitidez!*

E como existe... passou!...

*Saudade transmigradora, vem fixar-me o
instante!*

– A minha alma é Sonora!...

.....

(Rue des Écoles, cinquante).

Paris – Março de 1913.

EU-PROPRIO

O OUTRO.

a Carlos Franco.

EU-PROPRIO O OUTRO

Lisboa 1907 – outubro, 12.

Sou um punhal d'ouro cuja lamina embotou.
A minha alma é esguia – vibra de se elançar.
Só o meu corpo é pesado. Tenho a minh'alma
presa num saguão.

Não sou cobarde perante o mêdo. Apenas
sou cobarde em face de mim proprio. Ai! se eu
fôsse belo...

Envergonho-me, de grande que me sinto.
Sou tão grande que só a mim posso dizer os
meus segredos.

Nunca tive receios. Tive sempre frio.

novembro, 1.

As janelas abertas continuam cerradas...

novembro, 13.

E' lamentavel como me érro continuamente.
Em mim e entre os mais.

Eu fiquei sempre, nunca fui – mesmo quando
me perdi.

A's vezes ainda me decido a partir. E parto.
Mas nunca venço seguir. Se não é por culpa minha
– é por culpa dos outros, que me acenaram.

E' que êles, se me acenaram, foi por
julgarem que eu nunca os seguiria – *foi para
sofrerem*. E como afinal parti atrás dos seus
gestos, desencantaram-se de mim, fugiram
escarnecendo-me. Tombei-lhes.

Só me é permitido ser feliz, não o sendo.

dezembro, 2.

E' inacreditável!

Quasi todos se contentam consigo próprios –
bastam-se. E vivem, e progridem. Fundam lares.
Ha quem os beije.

Que nausea! Que nausea! *Não se ter ao
menos o genio de se querer ter genio!...*

Miseraveis!

dezembro, 30.

... E as janelas abertas, sempre... sempre
fechadas...

Encalhei dentro de mim.

Nem me concebo já.

Roma, 1908 - junho, 20.

Cidades! Cidades!

Fustigo-me de movimento. E' como posso
melhor cerrar os olhos.

Corro Europa há seis meses... Não me detenho uma semana. Assim me logro fugir...

.....

Mas ai, depressa me alcanço...

Paris, 1908 – outubro, 12.

Ruínas cinzentas de estatuas douradas; esfinges rôxas, cegas; troncos sem degraus – e a grande escadaria de mármore atapetada de serapilheiras!...

– Mas para que me hei-de olhar assim, para quê?... Esta ansia de me descer é que me entardece. E contudo sinto-me tão orgulhoso ao varar-me...

Ah! se eu fosse quem sou... Que triunfo!...

outubro, 13.

Afinal, é só isto: *sobejo-me.*

novembro, 15.

Serei uma nação? Ter-me-hia volvido um país?...

Pode ser.

O certo é que sinto Praças dentro de mim.

novembro, 16.

E' isso! E' isso!

Volvi-me nação...

... Grandes estradas desertas... arvoredos... rios... tôrres... pontes... muitas pontes...

Não me posso preencher. Sobejo-me.
Chocalho dentro de mim.

dezembro, 14.

O meu espirito resvalou.

Ultrapassei um limite.

Encaro-me friamente e sou quasi feliz.

dezembro, 22.

O sossêgo... o sossêgo...

Paris, 1909 - janeiro, 5.

Hoje encontrei-*o* pela primeira vez.

Foi no Café. De subito, vi-*o* na minha frente... O Café estava cheio. Por isso *se* veio sentar na minha mesa.

Mas eu não o vi sentar-se. Quando o vi, já êle estava diante de mim. Ninguem nos apresentara, e ja conversavamos os dois...

Como é belo!

E o ar de triunfo que ilumina o seu rosto esguio, macerado?... Tombam-lhe os cabelos longos aos anéis. E' ruivamente loiro. Tive vontade de o morder na bôca...

Aquele, sim, aquele é que me saberia ser.

janeiro, 10.

Agora todas as noites nos encontramos. Largas horas passamos juntos.

Não sei quem é nem donde veio.

Compreendemo-nos mal. Nunca estamos de acôrdo. Instante a instante êle me vexa, me sacode. Emfim, *me coloca no meu lugar.*

Não pensa em cousa alguma como eu penso.

E' todo doutra côr.

A sua companhia tortura-me. Mas busco-o por toda a parte. Quando êle falta aos encontros

que marcamos – o que muitas vezes sucede – desce-me uma tristeza infinita.

Mas, coisa curiosa, até hoje nunca o vi *chegar*. Quando dou pela sua presença, já *êle* está em face de mim.

Outras vezes vem muito tarde. Quando aparece finalmente, eu sinto-me muito fatigado, extenuado, – como se viesse de executar um grande esforço.

Nunca ouvi os seus passos.

Disse-me que era russo. Mas eu não o acredito.

janeiro, 18.

As nossas conversas resvalam por todos os assuntos. Mas falamos especialmente das nossas almas. Desvendo-lhe toda a minha. E *êle* parece acreditar-me.

Os seus dedos são tão longos... tão longos...

fevereiro, 27.

Pela primeira vez, desde que o conheço, estive uma semana sem o ver.

Só então pude medir bem o que me liga a êle.

Não é afecto, embora chegue a ter desejos de o beijar. E' odio. Um odio infinito. Mas um odio doirado. Por isso o procuro. E vivo em face dêle. Porque é verdade: agora, só *vivo* em face dêle.

março, 12.

O meu amigo vai se na realidade tornando insuportavel. Faz de mim um juguete. A cada momento me manifesta o seu desdem.

As suas opiniões são cada dia mais revoltantes e mais belas.

março, 28.

Deram-me hoje as piores informações a respeito do meu amigo.

abril, 3.

Entretanto como êle é grande!

Será perverso – mas vale bem mais do que os outros.

E' todo intensidade, é todo fogo.

Em frente dêle reconheço o que eu quisera ser: *o que eu sou erradamente.*

Nêle, não me sobejaria.

As suas opiniões, no fundo, são as minhas.

Simplesmente, eu não me quero convencer do que penso. Tenho orgulho. Eis talvez o que lhe falta.

Sou maior do que êle. *Mas êle é belo.*

E' belo como o ouro e grande como a sombra.

As janelas abertas, abriram-se-me nêle.

abril, 15.

Matá-lo ? . . .

abril, 30.

Devo reagir. Sinto a minha personalidade abismar-se.

Pouco a pouco a minha alma se vai afeiçoando á sua.

Eu tenho o génio de o admirar. Isso me pode perder.

Ao menos, sejamos nós-proprios.
Soframos, mas sejamos nós-proprios.
E eu já nem creio nos meus sofrimentos...

maio, 5.

Fala-me muita vez das suas amantes. Mas eu
nunca vi as suas amantes.

Não sei onde êle móra.

maio, 18.

Nunca posso esquecê-lo. Lembram-me
sempre as suas palavras.

Só o que nunca me lembra é o som da sua
VOZ.

Quanto aos seus passos, ainda os não ouvi.

junho, 12.

Decididamente vou-lhe fugir. A medida está cheia.

junho, 19.

Emfim! Desfez-se o encanto... Parto esta manhã.

Lisboa, 1909 - junho, 20.

Eis me de regresso. Mas como são diferentes as coisas em volta de mim...

junho, 22.

Os meus amigos acham-me muito mudado. Dizem-me que eu tenho outra voz, outras atitudes, outra expressão fisionomica.

Venho para casa cheio de mêdo.

Olho-me a um espelho...

Horror!

Descubro no meu rosto, caricaturizado, o rictus de desdem do *seu* rosto.

Falo alto...

E pela primeira vez me recordo do som da sua voz...

Ando no aposento, em passos largos...

Trêmo todo!

Pela primeira vez oiço os seus passos...

junho, 30.

É preciso curar-me desta obsessão.

julho, 1.

Meu Deus! Meu Deus! Já não tenho os mesmos gestos, os antigos pensamentos. Todo eu mudei. Todo eu ressoo falso...

E todos me estranham... todos fogem de mim...

Todos... Como os abomino... Como os acho inferiores...

Êle, sim, êle é grande! Êle é que é o maior.

julho, 20.

Que alucinação de tortura!

Não me sei já defender.

Falo. E de subito as minhas palavras divergem.

O que eu digo, é êle quem o pensa...

julho, 25.

Sento-me á minha banca de trabalho.

Vou começar uma obra que ha muito tempo medito.

Traço as primeiras linhas.

Ergo-me desiludido.

Não posso admitir as minhas ideias.

Elas parecem-me vulgares.
Não creio na minha obra.

Duvido se serei um artista.
O *outro* é que tem razão.
Se eu fôsse um artista seria belo.
E teria os dedos longos.
E seria pálido.
E esquecer-me-hia sempre das horas.
Rasgo tudo o que escrevera.
Sobem-me nauseas de mim.

julho, 26.

Dantes, beijava-me nos espelhos.

agosto, 2.

Hoje escrevi algumas páginas.
Nestas, acredito.

São verdadeiras obras de arte.

Leio-as em voz alta num orgulho de auréola...

.....

Mas depressa me enraiveço.

E rasgo-as também.

Não são minhas.

Se o não tivesse conhecido, nunca as escreveria...

agosto, 6.

Êle usava um estranho anel d'ouro na mão esquerda.

Um dia contou-me que o achara no mar, em criança.

E foi roubado por marinheiros, numa escuna.

agosto, 20.

Em meu redór tudo são destroços de mim.
Fios d'oiro me puxam para um abismo.

agosto, 25.

Mas eu não quero! não quero! não quero!...

setembro, 2.

A verdade, a verdade temível, é esta: Hora a
hora resvalo de mim-proprio. Transbordo.
Como sofro...

setembro, 8.

Mistério!

Não lhe deixei o meu endereço; não lhe disse
para aonde vinha, e hoje – hoje, sim, em minha
casa! – recebi um telegrama seu. Chega amanhã.

Maldito!...

setembro, 9.

Eis como as coisas se passaram:

Decidira fechar-me em casa, dando ordem
aos criados para não abrirem a ninguém.

Mas um pavor horrível me assaltou.

Saí...

E de súbito *êle* caminhava ao meu lado!...

setembro, 10.

Que vai ser de mim? Que vai ser de mim!?!...

setembro, 15.

Êle não me deixa nunca...

setembro, 18.

Os meus sentidos começam-se a modificar.
Os sons rangem-me noutros aromas. Sinto as
côres noutras direcções. A luz já me trespassa.

setembro, 26.

O que eu tenho lutado!

setembro, 27.

Ah!...

setembro, 28.

O fim!...

Já não existo. Precipitei-me nêle.

Confundi-me.

Deixámos de ser nós-dois. Somos um só.

Eu bem o pressentia; era fatal...

Ah! como o odeio!...

Foi-me sugando pouco a pouco.

O seu corpo era poroso. Absorveu-me.

Já não existo.

Desapareci da vida.

Enquistei-me dentro dêle.

Ruínas!

outubro, 2.

O mais doloroso é que êle não sabe que me absorveu porque não me admirava.

Se me admirasse, seria eu quem o absorveria.

outubro, 6.

Quero fugir, quero fugir!...

Haverá tortura maior?

Existo, e não sou eu!...

Eu-proprio sou outro... *Sou o outro... O Outro!...*

.....

outubro, 8.

Para onde êle vai, vou eu tambem. Mas eu nunca sei para onde êle vai...

Os seus espasmos são os meus. Mas só êle possui.

Os seus ideais são os meus. Mas só êle os não realiza.

Como libertar-me?...

outubro, 12.

Malvado !...

outubro, 17.

Tudo menos isto! Tudo menos isto!

.....

.....

.....

S. Petersburgo, 1910 - janeiro, 13.

Emfim – o triunfo!

Decidi-me!

Mata-lo-hei esta noite... quando *Êle* dormir...

.....

.....

Lisboa, novembro de 1913.

A ESTRANHA MORTE DO
PROF. ANTENA.

a Côrtes-Rodrigues

A ESTRANHA MORTE DO PROF. ANTENA

Mesmo entre o publico normal causou grande sensação a morte do Prof. Domingos Antena. Não tanto – é claro – pela irremediavel perda que nêle sofreu a Sciencia contemporânea, como pelo mistério policial em que a sua morte andou envolvida.

Êsse automovel-fantasma que, de subito, surgira e logo, resvalando em vertigem, se evolara por mágica, a ponto de ser impossivel achar dêle um indicio sequer, embora todas as diligencias – e mesmo a prisão dalguns chauffeurs que puderam entretanto fornecer alibis irrefutaveis – volveu-se logicamente matéria-prima ótima, demais a mais roçando o folhetim, para os diarios, então, por coïncidencia, privados de assunto emocional.

Depois, a figura do Prof. Antena era entre nós popular. O seu rosto glabro, pálido e esguio, indefinidamente muito estranho; os olhos sempre ocultos por oculos azuis, quadrados, e o sobretudo negro, eterno de verão e de inverno, na incoerencia do feltro enorme de artista; e os cabelos longos e a lavallière de sêda, num laço exagerado – tudo isto grifara bem o seu perfil na retina paspalheira da multidão inferior das esquinas. Emtanto jámais um dito grosseiro, dessa lusa grossaria, provinciana e suada, regionalista, que até nesta Lisboa – central, em vislumbres – campeia á rédea solta (e mesmo refina democraticamente) o atingiu nas ruas ou nas praças, pelos quais êle era silhueta quotidiana. Pois ao invés dos sabios convencionais e artistas castrados que fogem ás multidões, á Europa, ao progresso, num receio gâgá de ruído e agitação –

o Prof. Antena era, pelo contrario, onde mais se aprazia, sobretudo nas horas maravilhosas de criação. Com efeito um grande sabio cria – *imagina* tanto ou mais do que o Artista. A Sciência é talvez a maior das artes – erguendo-se a mais sobrenatural, a mais irreal, a mais longe em Além. O artista adivinha. Fazer arte é Prever. Eis pelo que Newton e Shakespeare, se se não excedem, se igualam.

De resto nada ha que torne alguém mais lisongeiro ao povo do que a lenda – e em volta do Prof. Antena nimbava-se um véu aureo de Mistério. A tradição sabia que esse homem excentrico, se debruçara mais duma vez sobre qualquer coisa enorme, alucinante – que o seu laboratorio seria melhor, entre aparelhos bem *certos*, a gruta dum feiticeiro, do que o atelier dum mero cientista. Os periodicos heroificavam-no

popularmente nas suas manchettes, dia a dia – e, por ultimo, as curas extraordinarias, laivadas de milagre, que êle fizera pelos hospitais graças á sua perturbadora aplicação dos raios ultra-violeta – tinham acabado de o sagrar aos inferiores, em humanitarismo.

Eis pelo que a sua morte desastrosa causou funda emoção. O caso foi assunto durante semanas por toda a cidade, por todo o país – discutido, prescrutado.

Como é que eu, o seu discipulo mais querido – hoje, meu Deus, o seu herdeiro – e a unica testemunha da tragédia, não *vira* coisa alguma, não conservara sequer na memória um detalhe que pudesse identificar o automovel que o esmagara?... Demais, no local do desastre, a estrada fazia uma curva e o macadam era avariado. Logo o veículo não pudera,

normalmente, resvalar em bolido... Eu protestava, é certo, com o horror do momento que me cegara. E essa razão teve que ser aceite. Mas em verdade, apesar do meu nome impoluto, dos laços estreitos, filiais, que me ligavam ao Mestre, não sei se suspeições teriam caído sobre mim, caso o atropelamento não fôsse evidente. Evidente; emtanto muito singular: pois além do craneo esmigalhado, das pernas decepadas, ferimentos *reais*, ainda que duma violencia fenomenal – outra ferida houve quasi inexplicavel: uma ferida perfurante, cónica, a meio do ventre, que dir-se hia, feita por uma broca triangular, girando vertiginosamente a rasgar-lhe as entranhas com a sua ponta de diamante.

Aventou-se ainda, por outro lado, que o automovel conduziria bandidos trágicos á Bonnot, fugitivos de qualquer sangreira. Mas crime algum

se cometera essa manhã. Logo a sherlockholmesca hipótese foi posta de parte. E como o inexplicável se não explica, mas tem que ser admitido – a estranha morte do Prof. Antena ficou aceite como um atropelamento banal. E breve ninguém falava já do facto – tudo olvidado na queda dum ministério...

O meu nome escreveu-se frequentes vezes nos periodicos, durante o inquerito. Muitos reporters me procuraram, e os correspondentes dos jornais estrangeiros. Mas eu só lhes respondia com os meus lamentos, as minhas lágrimas, e a descrição sucinta, sempre igual, da catastrophe: um automovel enorme, fechado, de subito surgindo na curva, em bolido, e sem tocar a sereia – um ruído de ferragens, nuvens de pó... e na estrada, esmigalhado, o cadáver do Mestre...

.....

Pois bem, hoje, quasi um ânno decorrido sobre o desastre, eu venho falar emfim. E venho agora só, porque só agora possuo nas minhas mãos documentos que, irrefutavelmente, autenticam a minha narrativa – documentos que fornecem pelo menos uma hipotese admissivel, uma forte hipotese, ao estranho desfecho que se vai conhecer. No momento da tragedia ser-me-hia impossivel contar a verdade – todos me farão, de resto, essa justiça após me haverem lido. Um louco, no meu caso, teria falado. Isso mesmo definiria a sua loucura. Homem sensato, calei-me. A prova maior da sensatez está em ocultarmos a realidade dos factos inverosimeis. A verdade é só para ser dita ocorrendo nela circunstancias muito especiais. Eis o axioma máximo.

Mas entrando propriamente na matéria.

Eu proponho-me fazer hoje a simples exposição verídica da morte do Mestre, e a seguir interpreta-la segundo os documentos que achei entre os seus papeis. Esses documentos ficam, bem entendido, á disposição de quem os queira examinar directamente. Por infelicidade são muito incompletos. Duma memória prodigiosa – e, demais a mais, como nenhum artista, cioso dos seus segredos – o Prof. Antena limitava-se com efeito a assentar nos seus cadernos, além de fórmulas e esquissos, apontamentos telegraficos – por vezes indecifráveis – onde condensava as suas ideias, os raciocínios que o deviam guiar a determinadas conclusões. Eram estes apontamentos que, desenvolvidos, mais tarde lhe serviam de base para os volumes elucidativos que publicava sobre cada uma das suas descobertas – ou mesmo das suas buscas: volumes que hoje

formam uma preciosa biblioteca da mais surpreendente leitura – biblioteca a que, por nossa desgraça, falta um volume: o maior, o mais Fantástico. Se assim não fôra, hoje a humanidade teria avançado de mil séculos – haveríamos, quem sabe, descoberto enfim o Mistério...

Entretanto sejamos lucidos e breves.

Para a melhor exposição, arrumarei assim a minha narrativa: Restabelecerei primeiro a verdade sobre o desastre. Depois, num apanhado, condensarei – tanto quanto possível ordenada e claramente – todos os apontamentos dispersos encontrados entre os papéis do Mestre, os quais, reconstituídos nas suas lacunas, *ajustados*, reflectidos em conjunto – além das coisas assombrosas que nos entremostram – nos fornecem, senão uma explicação definitiva, categórica, pelo menos, como já dissemos, uma

forte hipótese sobre a estranha morte do Prof. Antena.

*

* *

Uma manhã de abril do ano passado, no dia 20, para precisar – procurando o mestre, como quotidianamente fazia, foi-me entregue uma carta pela sua velha criada. Abri-a admirado, e mais surpreso fiquei ao ler as suas poucas linhas:

«Não me procures antes de te chamar. Preciso estar só, inteiramente só, durante algum tempo. Mas sossega. Tu serás o primeiro a saber. Adeus, e desculpa. Segrêdo absoluto.»

«P. S. – Espera a cada instante notícias minhas, e corre logo que eu te avise.»

Acostumado às suas estranhezas, dobrei a carta, guardei-a e retirei-me...

Entretanto, nos dias que sucederam, não me pude esquecer o caso. Sobretudo uma forte curiosidade me assaltara. Para que seria aquêlê isolamento tão súbito e tão contrario aos seus habitos – para quê? Decerto alguma nova descoberta... Mas conhecendo-o bem, como não havia outro remedio, resignei-me a esperar...

Aliás, não podia haver dúvida – tratava-se com certeza dalguma nova descoberta porquanto eu lembrava-me de que nos ultimos tempos, especialmente desde o começo do âno, o Mestre parecia absorvido por qualquer problema novo em que não deixasse de se concentrar. Pequenas distracções, respostas vagas e, nos ultimos dias, certo ar de triunfo, de *ansiedade*, que lhe iluminavava o rosto – tudo indicava que o seu

genio breve nos iria surpreender em qualquer maravilha nova...

Emfim, decorridas duas semanas, alta madrugada, a campainha de minha casa retiniu muito aguda. Era um telegrama urgente: «*Vem sem falta 6 horas*» – dizia-me nêle o sabio. Ansioso, não tive tempo para mais do que me vestir e aquecer uma chavena de leite...

Ás 6 horas em ponto batia á sua porta. A velha criada, já a pé, abriu:

– O senhor manda-o esperar na sala – disse.

Nova bizzarria. Pois, habitualmente, eu, mal chegava, sem mesmo perguntar coisa alguma, logo me dirigia ao laboratorio, instalado num grande pavilhão, a meio do jardim.

Entretanto, tagarela, a velhota, em ares de caso, acrescentava cochichando:

– Ih Jesus... Sabe lá... Aquilo vai em duas semanas que não sai do casarão – era como a boa mulher designava o laboratório –. Só para comer. E mesmo assim... Até nem me deixa lá ir chamá-lo!... Imagine, mandou pôr uma campainha. Olhe, quer ver...

Ao mesmo tempo carregava num botão colocado na saleta de entrada.

Um minuto decorrera, quando o Mestre se precipitou abraçando-me.

Estranhei-o. Nesses quinze dias que estivera sem o ver, êle mudara muito. Talvez tivesse emagrecido. Mas não fôra essa a mudança principal – antes esta, muito bizarra: A expressão do seu rosto deslocara-se, não se transformara, *deslocara-se*. Era muito estranho, mas era assim. E os olhos, através dos óculos, fulguravam-lhe num outro brilho, nimbados em auréola.

Gritou-me:

– Ah! Emfim!... Emfim!... Ainda não sei, ainda não sei positivamente, mas tenho a confiança máxima. Vais ver! Vais ver!... Nem tu calculas...

Todos os meus trabalhos – pacotilha!... O mais assombroso segrêdo! O Mistério-Maior!... Por ora ainda te não digo nada... Vem comigo... Estou prestes a vencer... ou a ser vencido... Só então direi tudo... Vem... Quero-te ao meu lado no Instante Supremo. Para isso te chamei. Prometera-te: tu serás o primeiro a *saber* – o primeiro!... Espera-me um momento.

Saíu, e reapareceu envolto numa ampla peliça. Era já em Maio. E embora a manhã estivesse bastante fresca, admirou-me que em vez do seu sobretudo negro, quotidiano, envergasse essa peliça exagerada que, de resto, nem lhe

conhecia. Nas mãos, calçava grossas luvas de castor, cinzentas. Um *cache-col* muito extravagante lhe envolvia o pescoço, tapando-lhe o queixo.

Mal chegámos á rua, o Professor parou examinando o espaço. Teve uma hesitação. Depois puxou da algibeira por um objecto que me pareceu um relógio – consultou-o... E, de súbito resolvendo-se, pegou-me bruscamente por um braço arrastando-me sem dizer uma palavra. Só então notei – e pasmo hoje como só então notei – que os vidros dos seus eternos óculos azuis, quadrados, eram doutra côr: um amarelo sujo, muito bizarro; uma côr repugnante *que metia mêdo*. É verdade: ao olhar com mais demora os vidros dos seus óculos, foi esta a impressão que me oscilou, destrambelhadamente. A côr não me soube a côr. Os meus olhos sentiram-na, não

vendo-a, mas tacteando-a. Sim, a sensação que essa côr que eu vira me transmitiu ao cérebro, foi uma sensação de tacto – olhá-la, era como se tacteassemos qualquer coisa viscosa. E só das estranhas lentes – atingi – provinha a mudança que eu notara no rosto do Mestre: eram elas que deslocavam a sua expressão fisionómica.

Durante o nosso passeio, varias vezes êle tornou a consultar o seu relógio – que, num momento, eu pude descobrir não ser um relógio. Faltou-me o tempo para o examinar com a devida atenção. Apenas observei que o seu mostrador era rôxo e que os algarismos das horas estavam substituídos por traços de côr. Não me atrevi a fazer perguntas sobre o estranho objecto, porquanto o Prof. Antena já me prevenira de que não me responderia a coisa alguma. Demais, não ia eu saber tudo dentro em pouco?...

Entretanto, fôsse como fôsse, o misterioso relógio devia servir de qualquer forma para a orientação – pois segundo o sábio o consultava, assim eram dirigidos os nossos passos.

Caminhámos durante duas horas. Estávamos longe da cidade, numa estrada dos suburbios, pouco frequentada. Contudo já dois automóveis nos tinham cruzado. O Mestre avançava silencioso: apenas, de quando em quando, um monossilabo... Largara-me o braço. Eu seguia um pouco atrás dêle...

O meu estado de alma era interessantíssimo. Sentia-me como que hipnotizado, seguindo magneticamente o seu rastro. Se quizesse parar enquanto êle caminhava, mover-me quando se detinha – ser-me-hia impossível. Os meus passos eram uma função dos seus passos. Um arrepião me varava todo o corpo, como se fossemos para um

grande perigo. Uma nuvem de Misterio nos arrastava – pressenti...

De subito, um frio incoerente me gelou os dedos... E a manhã dum Maio formosissimo, já alta, volvera-se mais do que tépida...

.....

Agora dobravamos uma curva estreita da estrada. Em volta de nós, um grande silencio... Até que, ao longe, as badaladas dum sino aldeão marcaram as dez horas... E de repente – ah! o horrivel, o prodigioso instante! – eu vi o Mestre estacar... Todo o seu corpo vibrou numa ondulação de quebranto... Ergueu o braço... Apontou qualquer coisa no ar... Um rictus de pavor lhe contraíu o rosto... As mãos enclavinharam-se-lhe... Ainda quis fugir... Estrebuchou... Mas foi-lhe impossivel dar um passo... tombou no chão: o craneo esmigalhado,

as pernas trituradas... o ventre aberto numa estranha ferida cónica...

Petrificado, eu assistira ao misterio assombroso – sem poder articular uma palavra, esboçar um gesto, fazer um movimento... Uma agonia de estertor me ascendeu grifadamente... Julguei-me preste a soçobrar tambem morto, esfacelado... Mas de subito pude desenvencilhar-me – e soltei então um grande grito: um uivo despedaçador, apavorante...

.....

Acudiram primeiro dois trabalhadores que mourejavam perto – os quais, em grossa vozearia, logo começaram amaldiçoando os automoveis... Decorridos momentos, um pequeno grupo rodeava o corpo...

Entretanto eu cobrara algum sangue-frio. E vendo que de forma nenhuma poderia dizer a

verdade – a alucinadora verdade – decidi num relance aceitar a explicação do automovel, tanto mais que na estrada havia fundos sulcos de pneumáticos, seguramente vestígios dos veículos que, algum tempo antes, nos haviam cruzado.

Foi-se chamar a guarda fiscal ao posto que ficava próximo, e eu contei a versão que até hoje se acreditou: Um grande automovel, de subito surgindo vertiginosamente na curva da estrada, um barulho de ferragens, nuvens de poeira... e um cadáver...

.....

O resto é bem conhecido: o transporte para a morgue, o grande enterro, o ruído da imprensa, as investigações policiais improficuas...

Outros pormenores entretanto não vieram a publico. Ei-los:

Após a remoção do cadáver, eu, ainda mal feito, corri a casa do Mestre, a prevenir a velha criada do triste acontecimento e a dispôr o que fôsse necessario. Ao bater á porta, a boa mulher veio-me abrir palida de susto... toda a tremer... Contou-me que havia um grande barulho no casarão, que tinha querido ir ver o que era... mas que recuara cheia de mêdo, pois vinha de lá um temivel bafo de calor...

Sem ouvir mais, numa ansia, corri ao laboratorio. E efectivamente um misterioso ruído – como que zumbido de abelhas fantasticas – chegava do interior. Não hesitei um segundo... Abri a porta, cuja fechadura ofereceu uma resistencia desusada... entrei...

Sôbre uma mesa, ao meio do pavilhão, estava assente um aparelho que eu nunca vira. Esse aparelho, em funcionamento, é que provocava o

estranho ruído e, decerto, abrasava o ambiente. Era como que um pequeno motor cujo volante fôsse substituído por uma hélice formada por um sistema de três ampolas de vidro. As ampolas continham uma substancia rôxa e *dardejavam em tórno de si um halo de luz negra*. Não divago. Os raios luminosos projectados eram efectivamente negros. Eu me explico melhor: O laboratório estava iluminado por lampadas electricas, achando-se corridas as cortinas pretas que revestiam todas as janelas. Pois bem: em tórno do aparelho havia um halo de outra luz, *não de sombra, de luz* – emtanto, não posso exprimir-me doutra maneira: de luz negra. Sim; *era como que um jacto de ágata negra*. Com efeito, este mineral ainda que negro, é brilhante – de forma alguma sombrio. Pois o mesmo se dava com essa luz aterradora – *com essa luz fantasma*. E na auréola

negra, luminosa, grifavam-se, como faíscas, crepusculos rôxo-dourados, num estrépito agudo. Depois, – requinte de Misterio – as ampolas em movimento não projectavam luz apenas: dimanavam simultaneamente um perfume denso, opaco e sonoro, e um som arrepanhante, *fumarento*. De espaço a espaço, em écos circulares, produziam-se também surdas detonações.

Receei cair fulminado pelos estranhos fluidos, sufocado pela temperatura infernal – e não sei em verdade o que me sucedera se não vencesse o sangue-frio de correr ao comutador electrico que fornecia a corrente que accionava o aparelho. Fechei-o... Imediatamente a máquina parou... Olhei as ampolas. A substância roxa evolara-se – *como se só o movimento a criasse*.

.....

Quanto ao instrumento de precisão que o sábio várias vezes consultara durante o nosso passeio, foi achado em estilhaços numa das suas algibeiras do colete – bem como despedaçados ficaram os seus extravagantes óculos. Assim, de tudo quanto se me afigurava ter tido uma certa relação com o desastre alucinador – apenas me restavam três ampolas vazias e uma máquina que, em si, nada oferecia de extraordinário.

Entretanto a mim proprio jurara descobrir alguma coisa. E desde que me achei na posse da herança do Mestre – ansiosamente logo me lancei á busca de qualquer traço que me pudesse descortinar um pouco, muito pouco que fôsse, do Enigma formidável.

Hoje enfim – restabelecida antes toda a verdade – venho publicar os resultados das minhas buscas, pelos quais se verá como

lógicamente, ainda que distantemente, se pode referir o Misterio á simples realidade scientifica.

Ei-los:

*

* *

«E' desolador como sabemos pouco de nós. Tudo é silencio em nossa volta. O que é a vida? o que é a morte?... Donde *somos*, para onde viemos, para onde vamos?... – Misterio. Nuvens. Sombra fantastica... E o homem de sizo não crê nos espectros!... Mas não seremos espectros, nós proprios? O Misterio?... Olhemo-nos: O Segrêdo-Total, o Misterio Maior, somo-nos nós, em verdade... Ah! diante dum espelho, deviamos sempre ter mêdo!... Deixemos o futuro, esqueçamos Amanhã – sonhadores heroicos de Além. Emtanto olhemos o passado – tentemos vará-lo, saber ao menos quem fomos Aquêm.»

Eis como o Prof. Antena que, a par de todos os grandes sábios roçara já, mais duma vez, o espiritismo, o magismo – orientou os seus trabalhos, por um rasgo admiravel de lucidez, neste sentido novo: Não tentar romper o futuro das nossas almas, além-Morte – antes sondar primeiro o nosso passado, aquêm-vida. Na realidade afigura-se mais lógico, mais *fácil*, e mesmo mais interessante, conhecermo-nos primeiro em Passado do que em Porvir, – já que ignoramos um e outro.

O que foi deixou vestígios.

E assim, partindo desta verdade aceite como axioma, o Mestre começou procurando esses vestígios.

– Onde os buscar?

– Dentro de nós, decerto.

Ora, dentro do nosso misterio total, o que será mais fantastico? A inteligencia – melhor: a imaginação. Não ha dúvida. Pois como é que o nosso cerebro, de forma alguma querendo admitir o inexplicavel, ao mesmo tempo sabe acumular fantasia sôbre fantasia – a cria mesmo, involuntariamente, a toda a hora? Se o nosso cerebro só admite o que vê, o que sente – *o que é* – como se concebe então que, ao mesmo tempo, saiba sonhar o que não existe? Sim, como é que não *havendo* fadas, nem encantamentos, nem deuses, nem milagres – os homens souberam *realisar* todas estas irrealidades?...

De que se acastela a verdadeira Arte?

– Da fantasia.

– A que se reduz o génio?

– Ás faculdades criativas. Quer dizer: á fantasia desenvolvida no mais elevado grau.

Sim, sim, se a nossa razão só pode admitir o que se palpa, como se lembrou de idealisar o que se não palpa?

Ha, sem duvida, aqui uma incoerencia perturbadora...

Incoerencia? Talvez só aparente. Vejamos: Nós conhecemos um dia certo panorama donde depois nos afastámos. Como já o conhecemos, mais tarde, *longe dêle*, sabemos relembra-lo. Isto é: vê-lo imaterialmente, *mas porque já o vimos materialmente*. Nem doutra forma se conceberia que fôsse. Ora, sendo assim, porque não havemos de supôr - em paralelo, e com muitos visos de verdade - que uma origem semelhante terá a imaginação?

Nesta ordem de ideias, a fantasia não será mais do que uma soma de reminiscências. Simplesmente de longes reminiscencias de coisas

que nos não lembramos de ter visto – mas que tudo, em realidade, nos leva a crer que vimos, pois as sabemos *rever*. Aliás, eis disto a prova máxima: *a imaginação não é ilimitada*. O artista que queira executar uma obra só a pode ascender dentro dum numero muito restrito de Artes: ou será um pintor, um poeta, um escultor, um musico ou um architecto. Por mais distante que se eleve o seu génio, ser lhe-ha vedado altear uma obra que se não reduza a um poema, a um edificio, a uma partitura, a uma estátua, a um quadro. Se a imaginação fôsse livre, – isto é: se fôsse meramente imaginação, se não fôsse factor de coisa alguma – não deveriam existir estas restrições. O artista accumularia *outras obras, doutras Artes* – e só em verdade caberia o epiteto de genial, àquele que triunfasse deslumbrar-nos com uma Nova Arte.

De resto, mesmo fóra da arte, na simples vida de aspiração, tudo se limita a três ou quatro numeros de cada ordem – tudo se sintetisa. Sonhem-se os espasmos. Mas até o maior onanista, não saberá evadir-se, criando um extase novo – que não seja extase, mas outra coisa qualquer, excessiva, total; emfim: mais arrepiadamente doutra côr, *duma côr que ainda não o tivesse sido.*

Portanto, para concluir: A fantasia, a *propriedade* mais misteriosa do homem e aquela que melhor o distingue dos outros animais, é factor de qualquer coisa, visto que se restringe – e, *apoiadamente*, deverá ser factor de reminiscencias. Logo:

«Só podemos imaginar aquilo que vimos ou de que nos lembramos. Se vimos, a fantasia chama-se memória. Se apenas

nos lembramos sem nos recordamos de o ter visto – é nêsse caso a fantasia pura.»

«O homem que mais reminiscencias guardou – será aquele cuja fantasia mais se alargará. Génios serão pois os que menos se esqueceram.»

Aceite esta hipotese tão verosimil, imediatamente nos é licito concluir que antes da nossa vida actual, outra existimos. A fantasia cifrar-se-ha nas lembranças vagas, longinquas, *veladas*, que dessa outra vida conservámos. E sendo assim, nada nos repugna tambem propôr que a nossa vida de hoje não será mais do que a morte, do que o «outro-mundo» da nossa existencia da véspera.

– Mas como passaremos duma vida para a outra vida, atendendo que numa conservamos longinquoas reminiscencias da anterior?

Segundo o Mestre, tudo residiria numa simples adaptaçãõ a diversos meios. Os orgãos da nossa vida A, em funçãõ do tempo – ou de qualquer outra grandeza – ir-se-hiam pouco a pouco atrofiando relativamente a essa vida; isto é: *modificando*. Até que a mudançã seria completa. Entãõ dar-se-hia a morte para essa vida A. Mas, ao mesmo tempo, esses orgãos haver-se-hiam adaptado a outra existencia, tornando-se sensiveis a ela. E quando assim acontecesse, nasceriamos para uma vida B. Quer dizer:

«As almas teem idade. E as varias vidas – pois nada nos indica que tenha limite o seu numero – nãõ serãõ mais do que os vários meios a que sucessivamente,

e conforme as suas idades, as almas se afeiçoarão.»

Lembre-mo-nos em paralelo:

Os batraquios, animais terrestres na sua generalidade, fôram primeiro larvas adaptadas ao meio aquatico. Mudaram de forma, mudaram de orgãos. Tiveram guelras, teem pulmões. Vivem, bem visivelmente para nós, duas vidas diversas em meios diversos. Logo, nem por isso é muito arrojado formularmos a seguinte hipotese:

«Não somos mais, na vida de ontem e na de hoje, do que as sucessivas metamorfoses, diferentemente adaptadas, do mesmo ser astral. O homem é uma crisálida que se lembra.»

Esta hipotese proposta, vamos tentar, senão demonstrá-la, pelo menos *apoiá-la*.

Busquemos dentro de nós os fenómenos mais frisantemente misteriosos, procurando vê se *acertam* com a hipótese em questão. E, grosseiramente, sem ir mais longe, olhemos os sonhos, a epilepsia. Haverá porventura alguma coisa mais inquietante do que as visões reais – ou melhor: destrambelhadamente reais – que nos surgem nos sonhos, e de que os ataques de epilepsia, que são como que uma morte temporaria, um mergulho fóra-de-nós?...

Os sonhos...

Admitamos como provado que o homem guarda reminiscencias duma outra vida – duma outra metamorfose – anterior a esta. Se guarda reminiscencias, isto significa que conservou vislumbres de sentidos, de *orgãos* dessa outra vida. (Tambem entre os batraquios urodelos, as guelras primitivas deixaram vestigios nos cripto-

branquios – os folhetos branquiais, o espiráculo – e subsistem mesmo, funcionando a par dos pulmões, nos perennibranquios, singulares animais perturbadoramente adaptados a duas vidas simultâneas).

Durante o sôno, os nossos sentidos actuais anestesiam-se. Mas os crepusculos de sentidos doutróra permanecerão acordados visto que não devem ser sensíveis ao sôno desta vida, que não é a dêles. Entretanto nos nossos sentidos contemporâneos adormecidos, estagnaram imagens da nossa vida presente, e – por outro lado – êles não se acham inteiramente anestesiados. Contudo, a sua intensidade não será tão grande que sufoque os vestígios de sentidos doutróra, como quando estamos acordados, e assim uns e outros trabalharão em conjunto. Daí, toda a incoerencia dos sonhos, o destrambelhamento da

realidade, visto que as sensações serão meras sombras de sensações estagnadas, interpretadas por vislumbres de sentidos doutra vida, transmitidas ao nosso cerebro pelos nossos sentidos actuais morfinizados, *vacilantes*. Ou, talvez mais claramente: Durante o sôno, os nossos sentidos adormecidos trabalharão accionados por sentidos doutra vida. Donde, uma soma de parcelas arbitrárias, cujo resultado se traduzirá na incoerencia, na *falta de medida*, na fantasmagoria dos pesadêlos.

Muitas vezes, quando sonhamos, temos a sensação nitida de que estamos sonhando, e, se o sonho é terrível, fazemos um violento esforço por despertar. Isto nada mais significará do que a luta dos nossos sentidos reais anestesiados, contra os vislumbres de sentidos-fantasmas em actividade.

Lembrar-nos-hemos tanto melhor do que sonhámos – quanto mais perfeita tenha sido durante o sono a morfinização dos nossos sentidos. «Não sonhar», indicará que os nossos sentidos de hoje adormeceram inteiramente, e assim não pudémos guardar reminiscencias do que oscilaram os vislumbres dos sentidos doutróra.

E, paralelo a este ultimo, se apresentará o caso da epilepsia.

Nos epilepticos, a adaptação dos órgãos á existencia actual, por qualquer circunstancia física, será intermitente – haverá lacunas desta vida. O epileptico, durante as suas crises, regressará a uma vida anterior – nada emtanto nos podendo contar, de coisa alguma se recordando (nem do intervalo que houve na sua vida presente) pois a adaptação dos seus órgãos á vida de ontem,

e a respectiva desadaptação á vida de hoje, teriam sido inteiras. Assim, não conservaria durante o ataque nenhuns pontos de referencia que lhe permitissem, nesta, lembrar-se do que viveu na outra.

Nada nos prova, de resto, que haja só duas existencias. Pelo contrario: tudo faz pressentir que se viva uma série delas, uma série mesmo infinita – muito melhor: uma série talvez circular, fechada; donde se conceberia sem grande esforço a imortalidade da Alma.

E, sempre conforme os apontamentos do Mestre, a loucura não seria mais do que uma adaptação prematura e imperfeita a uma existencia vindoura. Aliás é muito admissivel que já fremam em nós crepusculos de sentidos duma vida imediatamente futura, como outróra – na de ontem – já vibrariam indicios dos desta, de hoje.

E assim se explicaria o singular fenómeno do *já-visto*: Por vezes temos a sensação de já havermos presenciado, não sabemos *donde*, certo scenario em que nos agitamos *agora* pela primeira vez.

Com efeito podia muito bem suceder que na nossa metamorfose de ontem, mais provavelmente na velhice desse periodo, existissem já embriões de sentidos futuros sensíveis ao nosso meio actual – os quais teriam sido longinquamente impressionados por essa paisagem, e dela guardado fantasmas de reminiscencias que hoje, ao depara-la, bruxoleassem.

«Assim – escreve o Mestre – eu, olhando para trás de mim, tenho a noção nítida, recordo-me com efeito, da *côr* de certas épocas e, muito frisantemente, da *côr* do periodo romantico –

tempo em que terei sido velho na minha vida de ontem».

Outro ponto primordial ha a examinar – por cujo exame será possível formularmos algumas hipoteses sobre certas circunstancias da nossa vida imediatamente anterior.

Vejamos:

Na existencia actual não vivemos só nós. Entretanto o unico ser dotado de fantasia é o homem. Isto é: o homem é o unico ente que guarda reminiscencias, a unica crisálida que se lembra.

Porque será assim?

Duas hipoteses nos é licito propôr:

Na vida de ontem haveria seres de varias especies – cada uma delas *morrendo* diferentemente, isto é: desadaptando-se da vida *A* e adaptando-se á vida *B* diferentemente.

Conservaria porêm vislumbres de sentidos dessa vida *A*, uma unica espécie, que na vida *B* acordaria em homem.

Contudo esta segunda hipotese se afigurava ao Mestre bem mais provavel e bem mais interessante:

Nessa vida anterior haverá apenas um ente – *mas muitas mortes*. Conforme se tiver morrido na vida *A*, assim se nascerá para a vida *B*. E o ente que nessa vida *A* morrer mais perfeitamente, será na vida *B* o menos perfeito. Logo: «*Não foi o mesmo o destino dos seres dessa existencia q'pós a sua morte quanto a ela*».

E eis o que muito bem nos viria explicar a origem da fantástica concepção humana de Inferno e Céu – o céu para os que procederam bem, o inferno para os que procederam mal. Ela não residiria mais do que na adaptação

inconscientemente feita como hipótese, duma verdade consciente sabida na outra vida e de que, nesta, tivéssemos conservado pálidas reminiscências. Sim. Na vida de ontem, saberíamos que o nosso porvir na de hoje. variaria conforme existíssemos a de então. E assim, identicamente, teríamos suposto – ao desenvolvermo-nos na vida actual – que o nosso destino em Amanhã, seria diverso segundo procedéssemos em Hoje; escolhendo como factores das varias sortes o bem e o mal. Ora, em verdade, ser bom ou mau é uma orientação, uma *tensão* diferente do espirito, – o que, duma maneira muito lógica, poderia diversamente influir na adaptação dos nossos órgãos á existencia vindoura, e no seu respectivo desafeiçoamento quanto á presente:

«Na vida anterior á nossa haverá pois um único ser, o qual morrerá mais ou menos perfeitamente, terá nesta vida determinado destino, conforme lá agiu, *foi* – este «foi», é claro, de forma nenhuma traduzindo ter sido bom ou mau, ideias que só significarão alguma coisa aos nosso sentidos de hoje.»

A fantasia compõe-se de reminiscencias. Se o homem fantasiou destinos diversos para depois de si, é porque nêle existem lembranças dalgum facto real, paralelo.

Eis donde se chega a todas estas conclusões, e eis pelo que o Prof. Antena reputava a segunda hipótese a melhor apoiada.

Entretanto ainda se não agitou o lado mais inquietador do problema.

Aceite a hipótese das vidas sucessivas – e, de resto, preocupando-nos apenas com a de hoje e

com a de ontem – onde se localizarão essas vidas, quais serão os seus *meios*?...

«*Essas vidas existem sobrepostas, bem como os seus meios*» – parece ter concluído o sábio. Unicamente os seres adaptados a uma vida, seriam insensíveis a outra. Assim não a poderiam ver, não a poderiam sentir, embora ela os traspassasse, os entrecruzasse.

– Mas essas existencias não preencherão antes os vários astros?

Era muito admissível. Simplesmente o Mestre punha em dúvida a existencia de vários astros. Conforme as suas notas (ignoraremos sempre, por desgraça, em virtude de que maquinismo de raciocínios, de que observações ou de que experiencias, êle chegara a imaginar tal sistema do universo) os astros não seriam mais do que vários *estados* do mesmo tempo – ou melhor:

da mesma grandeza indefinida – e as vidas: a idade, os diversos periodos de metamorfoses, do mesmo ser psiquico que sucessivamente se fôsse adaptando a um e outro estado dessa grandeza.

Não nos julguemos em plena fantasia. Olhando em volta de nós, logo topamos com factos paralelos – longinquamente paralelos, mas em todo o caso comparaveis. Pois não existem ao nosso redór, sobrepostos, três meios: o sólido, o liquido, o gasoso? E não existem individuos especialmente adaptados, pelo menos a dois dêsses três meios?

Muito bem. Admitamos por momentos que um peixe não teria orgãos sensiveis á vida terrestre – que, assomando á tônia de agua, os seus olhos não avistariam nem os promontórios nem as falésias, e que o seu corpo seria poroso e transparente a tudo quanto pertencesse a essa vida.

Supunhamos que, em relação ao meio aquático, o mesmo se dava com os seres terrestres. E eis como teríamos duas vidas misturadas, emaranhadas – mas cada uma delas vivida exclusivamente, *existindo* exclusivamente para determinados indivíduos.

Que, na verdade, assim acontece. Apenas todos nós nos vemos uns aos outros, e vemos ou sentimos os meios onde nos não podemos agitar. Aceite-se porêm que esses meios que nós presenceamos são, ainda que diferentes, da mesma ordem; outros no entanto existindo de outras ordens, entre as quais as diferenças serão máximas, nenhum dos seres a um dos meios de certo grupo adaptado sensível a um meio doutro grupo – e teremos a realização da hipótese do Mestre. Supunhamos ainda, para a completar, que assim como um sapo, no estado de larva, é um ser

aquaticamente adaptado, e, no período adulto, um animal terrestre – também um mesmo núcleo psíquico vivendo originariamente uma vida *A* num meio α , se iria adaptando sucessivamente aos meios β , γ , δ , existindo nêles as vidas *B*, *C*, *D*; cada um desses meios, é claro, tornando-se-lhe sensível em função das suas metamorfoses; isto é: da sua idade.

Ha mais porê. Existe outro paralelo bem melhor, bem mais frisante – a vida vegetal.

Os vegetais *vivem*. E entretanto nenhum sentido, nenhum órgão, possuem propriamente igual aos dos animais – a bem dizer nem o seu meio é o mesmo, visto que uns e outros se aproveitam de elementos *diversos* dum mesmo meio. Os vegetais não vêem seguramente a nossa vida, não a sentem. A prova está em que lhes falta por completo o instinto da conservação. *Não*

fogem quando nos propomos colhê-los. A nossa vida «atravessa» a sua vida, mas êles nunca a adivinham.

Pois bem. Porque não ha de suceder o mesmo comnosco?

Porque não hão de viver em volta de nós outros seres, nossos parentes – nossos antepassados, nossos vindouros – que nos verão, nos sentirão, não sendo por nós nem vistos nem presentidos?

E' avançar muito decerto assegurar o contrário. (Mesmo sabemos tão pouco, tão infinitamente pouco, que nunca devemos, em verdade, garantir coisa alguma).

E, sendo assim, nada nos repugnaria, comparando, propôr que as doenças que nos matam seriam apenas as *colheitas* que de nós

fariam seres doutra vida e dos quais não fugiríamos, á falta de os saber adivinhar.

«De resto – anotara o Mestre em parentese – todas estas comparações com o reino vegetal, devem abranger tambem os minerais. Nada nos prova, com efeito, que êles não vivam. Apenas não viverão uma vida como nós a compreendemos. Não viverão isoladamente. Mas podem viver em conjunto: *terão idade em conjunto*. E cada «tempo» dessa idade representar-se-ha por uma especie mineral».

Emtanto, cumpre não esquecer: tudo isto são meras comparações, apenas grosseiros paralelos. Pois, em verdade para todos nós – animais, vegetais ou minerais – o *meio* é realmente um mesmo conjunto: apenas muito diversas as adaptações, os processos de utilizar esse meio.

«Todos formaremos um conjunto. Podermos-nos-hemos até, quem sabe, vermos-nos todos uns aos outros – pelo menos os superiores em complexidade organica vêm os inferiores. Haverá porêem vários conjuntos. Cada um destes conjuntos é que não poderá, *naturalmente*, varar o Misterio de nenhum outro».

E foi essa a extraordinaria empresa a que o Prof. Antena se decidiu meter ombros, embora todas as barreiras!...

Não nos é desgraçadamente possível saber como êle chegou a um resultado pratico – pois, segundo veremos, a sua estranha morte parece não significar mais do que esse resultado atingido, ainda que debalde. Mas pelos seus papeis, conhecemos em teoria o que buscou vencer:

Admitido como verdadeiro o sistema das vidas sucessivas entrecruzadas, cada uma delas

apenas sensível ao conjunto de seres que a existisse – aquele que, não obstante, tivesse conseguido *artificialmente*, duma existência, tornar os seus órgãos sensíveis a outra, poderia, da sua, viajar nessa outra.

Seria o caso do vegetal que, continuando a ser vegetal, fôsse ao mesmo tempo animal. Nós não sabemos, não *sentimos*, o que será a existência duma árvore. Conseguíssemos vivê-la, *não nos esquecendo de nós*, e conhece-la-híamos. «Não nos esquecendo de nós», isto é: não deixando de ser nós-proprios, visto que, dada a transformação completa, da mesma maneira ignoraríamos tudo – porque só conheceríamos então a nossa vida de vegetal...

Paralelamente – e segundo a hipótese do sábio – um epileptico, durante a crise, baixou a um outro mundo. Mas como os seus órgãos,

momentaneamente, se desadaptaram por completo deste, – êle não pôde, ao regressar, dizer-nos o que viveu no outro. *Viajou-o de sentidos vendados.*

Em resumo – o Mestre propunha-se ao seguinte: adaptar os seus sentidos a uma outra vida (á nossa vida imediatamente anterior), conservando-os ao mesmo tempo despertos na de hoje. Verdadeira ambição de Deus, a sua!

Entretanto publiquemos ainda estas curiosas notas, extraídas quasi textualmente dos seus cadernos.

«Suponha-se mesmo que existem varios astros e que, em cada um dêles se localizará uma vida e um meio. Pois nem por isso cairia por terra a hipotese dos mundos sobrepostos.

« – Como assim?» objectar-se-ha. «Entre os astros haveria nesse caso distancia – e não se

vence distancia sem movimento... - Perdão... Mas quem nos diz que o movimento existe? Podemos acaso ter essa certeza? De forma alguma... E veem até de muito longe as dúvidas a tal respeito – já Zenão d'Elea negava a sua existencia. De resto o mais provavel, o quasi certo – é que o movimento, o tempo, a distancia (ou melhor: as medidas do tempo e da distancia), serão apenas sensações proprias aos nossos órgãos actuais, *sensações que os definem*: e a realidade das coisas uma outra sensação; bem como a sua irrealidade. Porquanto no Universo, nada será real nem irreal, *mas outra coisa qualquer* – que só saberia o individuo perfeito que se adaptasse duma só *Idade*, a todas as vidas, vivendo-as universalmente. E a esse triunfador, em verdade, caberia o nome de Deus».

«Depois, nesta hipótese da sobreposição dos meios, não será um belo apoio o conhecido fenómeno do *já visto*? Se as existências se cristalisassem *separadas*, longínquas entre si, se a distancia fôsse uma realidade – presumivelmente nós não lograríamos entrever com vislumbres de sentidos prematuros (por transparencia brumosa, decerto) o que se estiliasse numa outra vida, e assim chegados a ela, reconhecermos ás vezes, em ténues lembranças, sombras, paisagens, crepusculos».

«Em pequeno – aponta ainda o sabio – colocando-me em face dum espelho, estremecia não me conhecendo, isto é: apavorado do meu mistério. Entretanto a sensação que me oscilava – descubro agora – não era verdadeiramente esta. Parecia-me antes, não que me desconhecia, mas que já soubera outróra quem *fôra* – e que hoje me

esquecera, sendo impossível recordar-me por maiores esforços que empregasse.

«E isto só vem apoiar a teoria das reminiscências – logo das vidas sucessivas, pela qual se chega a conceber a eternidade da Alma. Aliás, devemos com efeito ser espiritualmente eternos – e um indicio reside em que, pensando no nosso Além, nos chega sempre por ultimo esta sensação: Ainda que a morte fôsse o aniquilamento total, ficaríamos embora *sabendo* qualquer coisa – por nada termos ficado sabendo, *por nada termos sentido vêr*».

.....

*

* *

Eis tudo quanto me foi possível extraír dos vagos apontamentos do Mestre. Daqui para

diante, apenas nos será lícito fazer suposições sobre êles.

Estas notas, já antigas de alguns anos, deve-as o Prof. Antena haver meditado, *ajustado*, descido profundamente nos últimos tempos. E decerto encontrou provas autênticas para as suas teorias – não tornando desde aí a assentar coisa alguma porquanto, embrenhado no assunto, e decidido a trabalhá-lo até ao seu limite, isso lhe seria dispensável. Com efeito êle só se utilizava dos seus cadernos, quando, ocupando-o a resolução de determinado problema – ideias lhe surgiam sobre qualquer outro que só mais tarde agitaria.

Seguro do seu sistema, buscou demonstrá-lo; isto é: penetrar numa outra vida – na nossa vida imediatamente anterior, segundo todas as

probabilidades. Como o tentaria, em prática?
Segrêdo...

Em outros maços de papeis existem séries de calculos e de formulas quimicas que provavelmente se relacionaram com a busca da maravilha. Os calculos porêm são indecifráveis na sua maioria, e as formulas de impossivel leitura, visto que a par de simbolos conhecidos, muitos outros figuram que não podemos identificar. A formula que mais se repete é esta:

$$W^3 Y^2 X N^4 R_0 . \alpha$$

Sem duvida referiam-se tambem á descoberta as estranhas ampolas encontradas em movimento no seu laboratorio e o misterioso relógio que, durante o passeio tragico, parecia orientar os seus passos. Nada mais sabemos.

Ora em tudo isto – afirmei logo de começo – residiam as provas da verosimilhança da

extraordinaria morte do Prof. Antena – cuja verdade só hoje estabeleci.

Vejamos por que maneira:

Muito facilmente – se aceitarmos que o Mestre venceu o Misterio, como em verdade essa morte fantastica nos parece indicar.

Sim. Mantendo-se sensiveis a esta vida, os seus órgãos teriam com efeito acordado noutra vida. Nesse instante Absoluto, o corpo do Mestre deixara de ser poroso, insensivel, invulneravel a essa existencia. Mas quando isso sucedeu, qualquer coisa desse mundo o teria varado – como ao epileptico descido a outra vida durante a sua crise, qualquer coisa da nossa poderia esfacelar (um automovel, o volante duma máquina) se nós não *vissemos* o seu corpo e não o resguardassemos.

Assim – talvez apenas por um acaso desastroso, – o Prof. Antena, ao *vencer*, surgisse na outra vida entre uma Praça pejada de veículos, entre uma oficina titânica, no meio de maquinismos vertiginosos, alucinantes, que o tivessem esmagado.

(É claro que os termos que utilizo são nimimamente paralelos – pois nessa existencia nem haveria maquinismos nem Praças, mas quaisquer outras coisas. Quaisquer coisas *novas* que, da nossa vida, pela primeira vez teria presenciado o grande Mestre).

Tal é a hipótese que pela minha parte proponho. Quem entender que formule outras – mesmo que retome as suas teorias e praticamente as busque verificar. Para isso as publiquei. Seria um crime ocultá-las. Elas rasgam sombra, fazem-nos oscilar de Misterio, como nenhuma outras.

Incompletas, embaraçadas, são entretanto as mais assombrosas...

... E na memória do Prof. Domingos Antena, devemos sempre relembrar, atónitos, Aquêles que, por momentos, foi talvez Deus – Deus, Êle-Proprio: que realisaria, um instante, o Deus que nós, os homens, criámos eternamente.

Lisboa,

Dezembro 1913 e janeiro 1914.

O FIXADOR DE INSTANTES

A Guilherme de Santa-Rita

O FIXADOR DE INSTANTES

O Instante! O Instante!

Não sei como os outros que desconhecem o meu segrêdo, a minha arte, podem viver da vida. Não sei.

Eu morria de saudade quando uma noite de quimera venci, realmente venci á força de ansia, achando a mais bela das artes perdidas. Porque eu não creio ter descoberto a minha arte. Apenas a reedifiquei. Foi uma reminiscencia longinqua – donde, ignoro – de muito longe, de além-sonho talvez, que me ensinou o segrêdo. Acordei-o, não o fui. E tenho, é bem certo – posso gritar – tenho nas minhas mãos a vida que a todos, aos mais felizes, aos mais ricos, esguiamente foge, se desfaz sem remedio dôr após dôr.

Viver momentos radiosos, ter corpos aureos, bôcas imperiais, e a glória ungir-nos em auréolas que ascendem - é isso ser feliz? Mentira! Pois tudo passa, esvôa tão rapido como o tempo. E sofremos da saudade: da saudade do que foi, a menos cruel porque já passou, da saudade do futuro - que desconhecemos - da saudade do presente, que sentimos bem o que é, e por isso se nos torna a mais contorcida de angustia.

O homem felicissimo, em verdade, é um pobre recebedor de contas pelas mãos do qual, diariamente, milhões se precipitam e que no emtanto vê os seus filhos morrerem á fome. Assim por entre os dedos do homem venturoso a beleza caminha, é certo, mas não permanece; minuto a minuto se esgueira em rodopio alucinante. E mesmo que a beleza volte, se esse homem tiver alma, fôr um artista, os olhos de sombra se lhe

marejarão de lágrimas - saudoso do que passou e não mais tornará, *só porque já foi.*

A vida, sim, a vida é uma estrela encantada e multicolor da lanterna-mágica da minha infância. No lençol que estendíamos e sobre o qual o meteoro fantástico se projectava inconstante, golfando novas formas, novas côres, eu, não podendo crer na sua mentira, enclavinava as minhas mãos fascinadas, tentando em balde fixar sobre o pano, palpar, entrelaçar a maravilha que vertiginosamente se escoava, e era só luz a tingir-me os dedos, luz movediça - ilusão desfeita...

Tal como a vida. A vida não se pode tactear: é brilho só, imagem fugitiva apenas. Pois o que foi não se pode reproduzir: nem com os mesmos beijos, o mesmo sol, os mesmos estrebuchamentos. E um segredo não se repete.

Como seria grande aquele que lograsse *realisar* a vida! dar forma, persistencia, a todos os momentos belos, fulvos de angustia - em todo o caso grandes, sensíveis - que alguma hora existisse!... Para tal a vida criaria novas dimensões; seria altura, vertigem, ela que é só superfície...

Erguer a vida, sim, erguê-la em ameias de ouro e bronze, engrinaldá-la de mirtos se quiséssemos, e podê-la, podê-la enfim tocar... dar resistencia ás bolhas do gás fantastico, á espuma loira do champagne - *ter tido e ter!* Glória maxima! Apoteose!

Pois bem - vãos de triunfo! - eis no que reside o meu segrêdo; é essa a minha arte, a arte perdida que admiravelmente venci!

Sim! eu acastelo a vida em ansias eternisadas. Ergo dela aquilo que me sentiu - ou belo ou doloroso, ou real ou falso!

E se uma tarde me varou esmaecidamente a sensação de ter esquecido um grande amor que nunca sofri – esse instante bizarro, perturbador de errado, eu soube-o fixar: esculpi-o, tenho-o. Sei vê-lo, resenti-lo, como quem folheia um livro já lido, *mas que pode tornar a ler*.

Graças ao meu segrêdo eu folheio a existencia, - mas folheio-a realmente; não evoco apenas, morto de saudade vaga, as suas paginas rasgadas. Que para os mais, os dias da vida são paginas rasgadas logo depois de lidas.

– E como erguer o instante, volvê-lo perduravel?

De mil formas, como de mil formas o artista de genio executa a sua arte.

O artista de genio – não disse: o Deus. O Deus, êsse, cria. E assim, tristemente acentuo, se a minha arte edifica a vida, não a sabe emtanto viver: O momento dourado, eu posso palpa-lo, revê-lo, tornar a beija-lo em chama, mas não - ah! mas não! – fazer-lhe brotar outras asas de fôgo. Apenas os mais tudo perderam – alma e corpo das horas. Eu, se perdi as almas, tenho os corpos para mais frisantemente as recordar. Embalsamei o instante.

Eis tudo.

Não ressuscito. Petrifico.

Uma das minhas obras melhor trabalhadas; não digo das superiores – emtanto das mais conseguidas – foi a fixação dum ano numa grande capital, dentro de mim, para sempre.

Eu sentia, eu amava tão lucidamente aquele sólo ultra-civilisado!

Se me descia uma grande amargura, um tédio mortal, ao constatar a perda irremediavel e definitiva da minha existencia – atentava para fóra de mim, e, em face do rio latino que se esgueirava sob as pontes, tumultuante de luzes, em face do ruído urbano e longinquo que era a partitura do movimento, olhando os candelabros esguios, liturgicos por iluminarem aquela vida imensa – um orgulho enlevado todo me possuia, e um júbilo infinito, por viver também na capital assombrosa. Mais. Porque, numa ampliação d'alma, era em verdade eu que a vivia – tamanho amor, no fundo talvez só puerilidade, me subtilisava por aquela terra, nostalgicamente.

E como era fatal uma noite vir a perdê-la, logo diligenciei construí-la inalterável para mim e eterna.

Assim a comecei fixando, emoção após emoção – pouco a pouco, pois ela era enorme – como quem pregasse com alfinetes, lentamente, cuidadosamente, uma grande peça de linho.

Petrifiquei-a, sim, no meu coração, a capital das ansias; enchi-a para o meu sentir de pontos de referência, de rastros aureos através maravilhas! Tenho-a! Tenho-a!...

E eis como me guiei:

Para um bairro tradicional morava um meu amigo que muitas noites, premeditadamente, eu visitava.

Na mesma pensão viviam algumas raparigas do norte, daquelas raças louras do norte que eu tanto sinto, e entre elas, uma de quem eu tinha

mais saudade, loura também e slava – dessa Rússia onde, estranhamente, vive qualquer coisa de mim.

Falavamos os dois, longínquos e banais, numa conversa entretanto fácil e lisongeira graças aos nomes dos mesmos artistas queridos, das mesmas obras admiradas que, momento a momento, nos faziam reconhecer.

Essa criatura gentil, tão heraldica para a minha vibratibilidade, era-me preciosa como um dos muitos vértices em que assentaria a capital deificada. E então uma noite mandei-a ler versos meus: A sua voz de encantamento vibrou por instantes uma língua misteriosa para ela – uma língua do sul que ali só eu podia compreender...

Ela falara só para mim, e nunca mais, nunca mais, repetiria as palavras que murmurara só para mim.

E os meus versos eram dourados... E a sua
bôca também era dourada...

Mas não foi tudo:

Um dia o meu amigo veio-me visitar com
uma rosa na mão, dizendo-me que se fôra despedir
dela que partira para nunca mais eu a ver. E
quando saiu, deixou a flôr que a sua camarada lhe
dera ao saltar esbelta e ágil para o grande
expresso. Meti a rosa esquecida num jarro de
agua...

Na tarde seguinte, como o meu amigo não a
viesses reclamar, ungidamente eu cortei o caule da
flôr – que os seus dedos slavos decerto haviam
apertado – e algumas petalas fanadas. Encerrei
estes pobres vestígios num grande sobrescrito,
que lacrei, escrevendo por fóra o seu nome
sonoro, fluidamente ruivo.

Quem me visse diria: «Uma recordação de amor», e quem me ouvisse contar o pormenor explicaria: «Você procedeu assim, ora, meu amigo, por uma ternura inconfessada. No fundo, creia, foi que amou um pouco essa rapariga distante, passageira fugaz da sua vida. Enternecimento, magoa esbatida, saudade - e mais nada, juro-lhe».

Engano! Engano! Para mim, essa criatura não fôra mais do que uma personagem, acariciadora, é verdade, mas espiritualmente anônima no turbilhão - uma estranha como tantas outras. Valera-me apenas como figurante gentil dum cenário, dum tempo da minha vida que, por embelezadores, eu quis fixar. E mais tarde, revivendo a pobre história da rosa - enternecidamente, é certo - recitando os meus versos que a sua bôca de harmonia soou, indo ás

minhas gavetas procurar o sobrescrito aonde existia alguma coisa dela - alguma coisa que eu posso palpar, *que eu posso destruir* - tudo isso eu referirei á cidade magnífica. E uma noite, se quiser, rasgarei o sobrescrito - *abaterei um instante da minha cidade*. A maior prova de que o vivi, de que o tinha: só quem possui pode despedaçar.

E' da soma dum grande numero de instantes fixados que resulta o edificação perduravel duma época, duma paisagem, dentro de nós - e por outros detalhes como estes eu logrei construir de momentos a maravilhosa escultura urbana: lendo letreiros de ruas, decorando-os, e beijando as arvores dos jardins, palpando a terra dos boulevards, olhando recantos ignorados, ascendendo ás altas colunas...

Mas tive que lutar com a realidade demasiada e o excesso das coisas aprendidas.

Residindo largo tempo no solo admiravel, eu aprendera alguns locais tão pormenorissadamente que àmanhã, longe dêles, não os poderia sentir – de tal forma nitidamente os reveria! E não os sentindo á força de os ver, eu não saberia estremece-los. Por isso, assim como o pintor esfuma a sua tela para a tornar mais emotiva, mais sensível, também eu precisei esfumar a minha cidade. E fui percorrê-la em bairros que desconhecia, nas minhas horas de grande vibração – horas que, com o scenario, pararam, ficaram bem presas para mim, pois durante elas eu oscilei sensações intensas e me perdi em sonhos geniais que, nas minhas obras, mais tarde realizarei.

Bem fixado o instante, igualmente o panorama se deteve. Mas esse panorama é-me

vago porque nunca mais lá regressei. E pertence á grande cidade. Logo, àmanhã, eu posso recorda-lo *sentindo-o*. Não, *vendo-o* apenas.

Eis como emprestei ao total a bruma que uma obra destas precisa para ser eterna.

Emfim! Emfim! Desfolho rosas, esparzo aromas, telinto oiro sobre as horas belas que existo, e assim as enlaço!...

Riram-se os meus amigos quando a certa rapariguinha indecisa que eu nunca tive, dei um colar de safiras e beijos...E' *que ela me apertara os dedos numa tarde de amor*. E eu precisava guardar a luz dessa tarde, a sombra daquêles olhos mordourados, a frescura dos seus dedos – todo o aroma rutilante da hora que fugia...

Gente sem alma! Gente sem alma!

Tantas coisas da minha vida que ninguém compreende, tantas, são apenas utensílios da minha arte... Assim as tristes cartas da dançarina nua.

Ai, como eu me envaideço, como deliro das minhas estátuas! como sou rico ao percorre-las nas galerias infindáveis!... *Porque eu tenho um passado, sim, eu tenho o passado!*

Fixei a hora, guardei-a, posso tornar a vê-la.
Haverá triunfo mais alto?..

*

* *

Ao lembrar-me do futuro, às vezes, para sossêgo do meu anseio, vem-me um desejo quimerico de o fixar também, dantemão. Mas isso,

claramente, é impossível... E sofro muito. E o meu sofrimento tarde a tarde se exacerba.

Amo-a tanto... tanto...

Quando ela me surgiu, a resvalar longinqua e fulva, eu tive a sensação de não ser um habitante da vida. Pois algum dia essa carne, essa voz, essa luz – que eram, sim, realmente vida pelo tablado noturno do grande teatro cosmopolita – saberia eu beija-las, entendê-las, como outros, vivos esses decerto?...

Porêm, com a saudade que depois me veio dela, a estranha sensação esvaiu-se e constatei, ah!, que existíamos bem no mesmo mundo...

.....

Era toda de misterio a encantadora. Ungiam-na ao andar sombras aureoladas, transparentes d'alma, sombras que ela mesma, da sua carne-luz,

suscitava em miragem velada. E era oiro golfado a sua voz a enclavilhar-se em luxúria, oiro esbraseado por um sol desconhecido, longínquo e disperso...

Aromas capitosos a ilhas misteriosas pintavam-lhe a carne, macerando-lha, crepusculizando-lha em ansia esbatida – a temperar o desejo talvez, ah! mas sem dúvida contorcendo-a em requintes perversos de esfinge saudosa a luar e a morte... Toda ela emfim se esculpia de chama, e era oscilação, sonoridade e pasmo, estrebuchando a louca do poema medonho, denso como uma bebedeira rôxa após uma noite de amor e estrangulamentos...

A auréola que a envolvia fôra agora mais sedução, e a toda nua redemoinhava sempre. Espasmo a espasmo, em insidia, os véus tinham sossobrado. As pernas vibravam, perniciosas,

uma friagem humida, esguia; o ventre frutificava. Só as pontas dos seios prosseguiam o seu misterio...

Ebânicas, as tranças tinham-se-lhe desprendido; e era já só perversão e loucura a grande viciosa, quando, ao arquear-se sobre a cisterna alucinante, morta num extase – os proprios seios lhe golfaram nus, espectrais de roxidão, heraldicos de crime...

... E quando por ultimo caíram sobre ela, a esmaga-la, os sons finais da partitura, que os tambores fechavam sobre a fera – eu tive mêdo, ah! sim, mêdo, que se não erguesse mais, consumado o poema, morta do amor, morta do desejo que em mim suscitara, ou - pelo menos – morta de amor de si mesma...

Mas não... Resplandeceu tranquila,
descomposta e banal, sempre linda, curvando-se
do proscenio sob os aplausos infames...

Mais tarde conheci-a. E o sonho continuou...
Hoje vivo dela... e ainda não a beijei... e tremo
tanto de a beijar... tanto...

.....
A sua alma é como o seu corpo vibrando no
poema alucinado. A sua alma anda tambem nua e
é toda oscilação, misticismo sonoro, perfume
arripiante...

.....
Ai, como eu a quero... como eu a quisera
num espasmo sem fim...

.....

E a maior agonia é que ela me quer também.
Uma noite, fatalmente, os nossos corpos se hão de
embaraçar... Mas depois... depois...

.....

Meu Deus, quando a tiver possuído em
extases de côr e ansias de harmonia – saudade!
vivi o mais dourado instante: o maior do passado,
o maior de Amanhã!

.....

Embalde... Pois como encerra-lo, como
para-lo, esse instante divino, se ele é tamanho
orgulho?... Até hoje eu soube edificar as coisas
belas que fremi. Tristes coisas... Mas amanhã?
Amanhã...

Maravilha!

.....

Sou todo mêdo, subtil quebranto, em face á
obra genial que devo altear – *que altearei se fôr.*

Um poeta assombrado do seu genio, receoso de o não envolver nos seus versos, difuso de cansaço, disparou-se um tiro esta aurora. E como êle, eu tenho a lembrança de morrer, de desertar perante a minha obra, cego dela... cego dela...

Mas não!

É preciso ser força. Eu posso. Hei de vibrar, hei de sangrar, hei de sonhar – e por fim acharei a vitória de esculpir também o momento inegalavel da posse.

.....

A posse!

Possuir-lhe-hei a carne muita noite, fria e nua – mas nunca a terei tanto de quimera como a vez primeira que a beber...

.....

Ontem passeámos os dois, tão unidos... E ela pendurava-se-me num enlevo, a oscilar, a flébil.

Receei até que morresse de mim... E depois separámo-nos. Só ferindo-nos as bôcas...

E' que ela tambem me deseja... tambem treme de mim...

A grande fera!...

.....

Se eu pudesse architectar o futuro, estaria agora mais tranquilo. Iria para a noite assombrosa, bem certo de a saber fixar, mesmo com ela já fixada. Assim, além de todos, um pavor me alucina: se depois de viver o Instante eu vir que êle é ainda mais aureo do que posso ultrapassar?...

Tudo perdido! Tudo perdido!

Mas não importa!

Hei de vivê-lo.

Embora. Terei sido luz!

*

* *

A vitória! A vitória!

Em frente de mim, no leito de esplendor, enrodilhava-se-me a grande cobra, votivamente oferecida. E foi só então, em verdade, que eu pude descer a altura do instante, medir a ascensão infinita da minha obra irreal.

Pois como fixar tudo quanto me excedia?... Seguindo-lhe o corpo nu, embaralhava-me iludido: a sua beleza, de ilimitada, era um labirinto. Não findava nunca, contorcia-se. E os meus olhos de esforço tinham medo dela num transviamento...

Depois, em face do assombro, escapava-me a riqueza que me envolvia e eu precisava também reter: a côr do ar, o seu perfume revolto, o seu timbre leonino... e as sedas, as peles, as rendas...

as taças de cristal, os candelabros d'ouro... as
folhas de amaranto... os gumes dos punhais...

.....
Perdido, foi como se me lançasse ao oceano
que me lancei sôbre o seu corpo.

E em verdade houve um marulhar de
vagas...

.....
.....
A glória fôra excedida! O instante que eu
delirara não era só o maior, era mais alguma coisa:
em face dêle, todos os momentos que vivera já se
abatiam como espuma. Sim! Sim! Por terra,
derrocadas, jaziam todas as minhas horas! E sob
as ruínas, esmagava-me eu sem nunca mais me
poder ressurgir – excepto se lograsse á força
d'alma, fixar o instante sublime que me havia

agitado: *o Instante da minha vida*, agora e para sempre, era irremediável...

Senti abismar-se dentro em mim a derradeira amargura. Fui todo asas partidas. Mas revoltei-me, condensei-me em esforço... Quando ela adormeceu, surgira-me enfim a ideia genial. E venci-a! Venci-a!...

Primeiro tive mêdo. Em face da maravilha todos têm mêdo. Mas depois fui audacioso...

Ritualmente, bem lúcido, avancei sobre as rosas desfolhadas... Se ela o soubera havia de me abençoar... Numa ternura a descobri. Houve uma vertigem... Iriado, o seu corpo liturgico platinava-se sombriamente pelo leito fantastico... Um arrepio de beleza se me eternizou... Aconcheguei-lhe as tranças e, de mansinho – não a fosse desmoronar, - cravei-lhe no peito um estilete aureo...

Os cabelos sonorisaram-se-lhe, logo
volvidos silencio outonal... toda a sua carne
ondeou num arqueamento de luz... E nem mais
uma vibração...

Trinquei-lhe as pontas dos seios mortos.
Fugi...

.....

Glória! Glória! Tenho-a para sempre!...

Ai! como eu sofro... como eu sofro...
Ninguem nunca sofreu o que eu sofro! Sou todo
horror de mim proprio, ternura inutil,
confrangimento...

Que importa, se extase a extase, eu sei
percorrer em triunfo, guiado pelo remorso do meu
crime, tudo quanto na noite inegalavel precedeu
o meu crime?...

Tinha a maravilha, e quebrei-a!...

Mas, quebrando-a, esculpi-a eternamente em saudade. Assim é que eu a tenho, assim é que eu a dobro! Se não a despedaçara, destruíra-a sem remédio – tamanha a sua luz, tamanha a sua altura...

E perdê-la fôra o maior sacrilégio. Infame aquêle que, tendo vivido tão admiravel sonho, o deixasse esvair.

Matei-a para não a acordar dentro de mim.

Ha maravilhas que só devem ser sonhadas.

E eu sonhar-te-hei sempre, meu amor!...

.....

Vitória! Vitória!

Nunca mais esquecerei os teus beijos, pois logo os perdi; nunca mais olvidarei os teus seios, pois mal os conheci. Fundi a saudade universal na

saudade do teu corpo – saudade que só eu edifiquei, pois só eu o detive.

Tu perdôas-me! perdôas-me! *Foi para te rezar que te dourei de morte.*

O' estátua da hora! ó minha côr, ó meu som, ó meu aroma – sempre te hei de sentir, e fremir, e divagar...

Vês tu: Nem teve fim a nossa vitória. Pois eu não fixei apenas o instante luminoso. Fiz mais: descí da vida – hoje sou eu proprio essa auréola. *Sou o Instante.*

Estilisei-me em tempo. Parei.

Que delirios, o resto?

.....

A grande sombra! a grande sombra!...

Lisboa – Julho de 1913

RESSURREIÇÃO.

a Vitoriâno Braga.

RESSURREIÇÃO

I

Decididamente Inácio de Gouveia já não era infeliz. A tudo nos adaptamos, de tudo nos saciamos – e em verdade o romancista, se acaso não se havia ainda adaptado, nauseara-se pelo menos da sua desventura. Ela já não o podia interessar. Descera-a bem, minara-a bem – intensa e admiravelmente a cingira nas suas Obras. Cavalgara a sua dôr em oiro estrebuchante, silvara-a por nuvens longes de magia, através de espaços doutros mundos –doutras côres, outros sons... Mas o rico manancial por fim exaurira-se. Nem um pedaço de riqueza escapara ás suas mãos sagradas. Para que se debruçar hoje mais sobre si

proprio, se todo se conhecia, se todo se oscilava?
Nunca relera um livro, por imortal que fôsse – não
se releria também. Enfartado da sua dôr,
despresara-a, esquecera-a atrás de si, em tédio – e
em mágoa talvez porque, em todo o caso, era tão
belo o seu martirio, tão orgulhoso...

Fôsse como fôsse, ultrapassara o limite, o
grande limite. Desenvencilhara-se sem de resto
empregar esforços para tal. E agora, não havia
dúvida, era feliz. Pois não se alastrava em sua face
um caminho de prata? Bem seguro do seu genio,
cheio de ansias maravilhosas na imaginação, bem
certo de as poder eternisar a ouro e lume –
ascendia-se o maior o seu quinhão na vida.
Dimanavam-no, em troca, muitas amarguras. Mas
nada se vence sem resgate. E perante a sua vitória
de cristal, ah! minimo resgate era o seu...

Eis pelo que o artista se encarava hoje
friamente, – desinteressado da sua desventura,

acostumado a ela. Os seus estrebuchamentos doutróra não teriam sido mais afinal do que a luta duma alma contra uma infinidade de coisas douradas – duma alma egoísta, tentando expelir de si a riqueza porque só os inferiores vivem contentes... Mas por último, bem decidido, em coragem, todo êle se entregara ao seu destino de Auréola.

Olhando para trás de si, Inácio não lograva mesmo recordar-se perfeitamente do seu passado. Êle surgia-lhe, nas suas dôres, nas suas alegrias, como vibrado por um outro. Nas suas reminiscencias havia com certeza lacunas – erros, ah, seguramente erros. Alguns episodios que ainda ás vezes evocava, não se tinham por certo desenrolado como êle os revia, – sim, êle proprio, *o êle-próprio actual*, não podera na realidade ter sido o protagonista de tais episodios. E lembrava-se até se, porventura, não se teria dado um

embaralhamento na sua memória, e se os factos que recordava não haveriam antes sucedido com outro – um amigo íntimo, talvez, que uma noite lhos narrara em confidencia.

Dava-se nêle, com efeito, um singular fenómeno de desdobramento. Mas não se encontrara nunca em face de si proprio. Era mais complexo o seu quebranto. Inácio só se desdobrava em passado. Relembrando certas épocas, certos momentos vividos, ocorria-lhe logo, perturbadoramente, esta sensação misteriosa: que não fôra êle que vivera esses instantes, mas sim *projecções de si-proprio* – projecções de si-proprio que ainda existiriam no Tempo, estilizadas. E presentia, bem seguro presentia, que êsse automovel vermelho que uma noite, em Paris, o transportara com certa rapariguinha pintada através de ruas monumentais – ainda lá circulava no mesmo Paris de festa, atravessando

as mesmas ruas zig-zagueantes, conduzindo os mesmos passageiros, a morderem-se as bôcas, de mãos enlaçadas, nas mesmas caricias... Ah! parecia-lhe impossível que assim não fôsse – num tom soturno, longinquamente, por transparencia sonora, ouvia até o resvalar da carruagem...

De igual maneira não podia crer que êle-prprio dum outro instante não tivesse permanecido, desde quinze anos, lá, no grande quarto do seu pai, na noite da morte da avó, entre a família, comendo bolos de ovos – no inverno, embrulhado num chaile branco, de lã...

De forma que ao recordar as scenas mais sensíveis do seu passado – ou as suaves e tristes, ou as alegres – o assaltava sempre uma saudade impregnante. Mas não, verdadeiramente, a saudade do episodio evocado ou das pessoas com que o tivesse existido: antes, num ultimo egoismo, apenas a saudade do êle-próprio dessa hora, que

se focara no tempo, perduravelmente – e que o artista não poderia mais sentir, *ver*, porque se não recua nos instantes...

Outras sensações bizarras o oscilavam ainda de quando em quando, a provar-lhe melhor que o seu passado não fôra com efeito vivido propriamente por êle.

Assim, ha poucos dias, com um grupo de amigos, visitara um jardim dos arredores da cidade – tradicional, nostálgico a romantismo – onde ha muito não ia... As ruas eram extensas, umbrosas de arvores gigantescas. Massiços de flôres, em volta, e lagos – meias-laranjas de quando em quando, com assentos rústicos, de pedra. Ao fundo, um grande palácio, pesado, longo – de janelas fechadas, de vidraças antigas em pequenos quadrilateros. Uma atmosfera velha envolvia todo o ambiente poetisando-o de cinza – melancolia brumosa que se esgueirava em

veludos, e em sêdas lavradas, multicolores de ramagens; esplendidas, embora o tempo as tivesse macerado. E um vago rumor de danças doutróra, casquilhas, suaves, volteava ainda tenuemente – com beijos nos recantos – e saias arqueadas de balão, arfando o ar em tons de rosa; corpêtes de setim, abertos, onde seios redondos, nacarados, repousavam como em ninhos – laços desfeitos, rubores, madeixas mortas; cartas perdidas, ramilhetes, elegias, perfumes olvidados... Werther, Antony, A Dama das Camélias...

Ao encontrar-se de novo nesse cenário melancólico, saudosamente o artista se recordou da última vez que passara pelas ruas romanescas... Ali, naquela meia laranja onde, a meio, se erguia uma memória, sentara-se largo tempo num banco de pedra... E uma tristeza loira, magoada, esvaëcida, o penetrara então; lembrava-se muito bem – a tristeza seguramente

dum romance de amor, caricioso, enternecido, que findara poucos dias antes... Todo êle fôra enlevo, saudade branca, resignação... E era essa hora melodiosa que hoje evocava em nostalgia. Ah, mas se sabia bem o seu estado de alma dessa hora, era-lhe impossivel relembrar-se do acontecimento que lho sugerira. Em vão buscava na sua vida esse amor triste – em vão. Estava certo que nunca o vivera... oh, de mais estava certo... Como é que nesse caso lhe lembrava essa saudade irreal? Sem duvida porque não fôra bem êle-proprio que uma tarde de abril, ha ânos, se assentara nesse jardim, doloridamente – mas *um outro* que teria na verdade qualquer coisa dêle proprio; melhor: um outro *êle-proprio* que o artista vivera um instante, sentindo-lhe o seu estado de alma presente (o estado de alma que hoje recordava) mas ignorando o que o provocara, pois só vivera esse outro nesse momento – não podendo assim

conhecer-lhe o passado.

Tambem quando numa época da sua vida, já longe, certa mulher fôra sua amante inesperada, às vezes, ao caminhar glorioso junto dela, pelas ruas da cidade – como as suas relações não eram seguidas, chegava-lhe um desejo violento de a possuir essa noite *para ter bem a certeza de que já a possuira...* e só no outro dia então caminharia realmente seguro do seu triunfo, ao lado dessa mulher esplendida por quem todos os homens paravam...

.....

Sim, Inácio de Gouveia em verdade não tinha razões para se queixar da existencia. O seu lote ainda era o melhor, o mais dourado. Podia não haver muitas coisas suaves na sua vida – mas o que importava se existiam em troca tantas opulencias?... Não haveria mãos ennastradas nem

labios para morder, nem afectos ou amores – uma multidão de insignificancias violetas, risonhas, carinhosas. Mas, a compensa-las, havia grandes maços de jornais, os volumes sagrados da sua biblioteca, e, sobretudo, as suas Obras – ah! as suas obras esquivas, roçagando miragens, extáticas de ouro, unidas de Incerto, tigradas de orgulho, leoninas na ansia...

.....

Os livros... os maços de jornais...

Ali, sentado á mesa do grande restaurante, nesse dia luminoso de Natal – solitario, uns e outros eram-lhe os melhores camaradas. O seu quinhão na vida sintetisava-se bem nesses diarios estrangeiros, alguns dos quais falavam da sua ultima obra, e no volume parisiense de capa amarela que essa manhã recebera dum novelista francês, seu amigo.

Na mesa do lado sentava-se uma familia

burgueza, modesta, tranquila – decerto pouco habituada a jantar pelos restaurantes. Pai e mãe, uma filha – os pais já velhos; a filha duns vinte anos franzinos, gentis, palidos e honestos. Involuntariamente o romancista pôs-se a seguir a sua conversa banal: alusões ao passeio que nesse dia magnifico tinham feito no campo, projectos para o domingo próximo, referencias vagas a pessoas de familia, comentarios ingenuos a cada novo prato que o criado trazia, objectos caseiros que se deviam comprar... Os pais eram sem dúvida extremosos daquela unica filha, penhor tardio do seu amor sincero, vulgar.

Ouvindo-os, olhando-os, o artista sentia-se pouco a pouco enternecer em vislumbres de saudade. Fazia calor naquela vida, em todo o caso, e era sempre tão frio na rua...

Mas logo, em indignação reflexa, uma onda de orgulho o fustigou, reagindo. Ah! como êle era

doutra Raça, doutro Mundo – como êle era
Maior!...

... E, por ultimo, só lhe restou um
enternecimento cendrado em face das pobres
criaturas: nelas, com efeito, se concentrara um
instante o seu pensamento de Rei, e um instante
mesmo sonhara baixar até elas – ungira as de Si,
um dia talvez imortalizando-as em qualquer das
suas páginas admiraveis, comovidamente...

*

* *

A outras horas porêm, num refluxo, Inácio de
Gouveia não pensava o mesmo da sua
infelicidade. Enganar-se-hia: por já não existir,
quem sabe até se seria mais cruel a sua dôr. Nem
a sofrer já, angustiava-se a esses momentos que

apenas fôsse o anuncio do «fim» – *o limite*, a saturação ultima, a esterilidade sem remedio. Outrôra, com efeito, ainda fremira instantes radiosos, soberbos de fulvos, ao debruçar-se sobre si proprio, alcoolisando-se da sua dôr genial, e a erguer-se em chama... Emquanto que hoje, sabendo-se todo, nauseado da sua desventura, desinteressara-se dela; isto é, desinteressara-se de si proprio – ao que, longinquamente receava, poderia suceder o estancar do seu génio.

Hoje, o artista era-se em verdade um livro sabido de cór. Ainda que se quisesse reler, não o venceria. Ao concentrar-se, já lhe não era possivel seguir o curso das reflexões sobre si proprio. Mortos de sôno, não podemos falar seguidamente – empasta-se-nos a lingua, faltam-nos as palavras. Pois bem, o mesmo lhe sucedia quanto aos pensamentos sobre êle proprio: *era como se tivesse sôno desses pensamentos...*

Entanto, num novo fluxo, depressa regressava ás suas ideias primitivas: que a saturação do seu martirio, valia pela liberdade da sua Alma – logo que, decididamente, já não era infeliz. E os receios da morte do seu génio, êsses, plena loucura: ao contrario: esquecido da sua dôr, o seu génio desdobrar-se-hia em face dêle – individuado, pairando sublime sobre a vida; liberto na vitória maior...

De resto, fôsse como fôsse, mesmo até que ainda sangrasse, a realidade era que as suas ansias, as suas torturas, apenas lhe seriam motivos de glória. Saber sofrer, saber vibrar, rugir, arder – aonde um triunfo mais enclavinado?...

Ah! como por exemplo êle se olhava grande por tão admiravelmente sentir o seu amor por Paris, a esbater-se em saudade, longe dêle –

incerto de o oscilar de novo, tão cedo...

– Paris!

As grandes avenidas, os boulevards tumultuantes, e á noite o Sena, sob as pontes heraldicas, arfando de mil luzes...

La Cité... Nossa Senhora de Paris! – a Catedral Tragédia, elançando-se ao ar, temível, pálida de exorcismos; a vibrar sombra gelada, a projectar mistérios – a Igreja fantástica, para além das suas linhas a pedra, suscitando todo um arcaboço em Alma; criando, maravilhosa, um movimento esguio e sonoro, translucido e humido, ritmisado em escoamento, erguendo-se ao céu, fugitivo, a esvair-nos de altura cendrada...

Lá dentro abóbadas, naves de pasmo – milagre e medo na luz de imagens que os vitrais cômam...

– Avenida da Opera!

A rua Europea, a rua das Raças – larga,

pejada de transito, sonora a grande vida – imensa de Côr, cegante de Acção!...

Praça Vendôme ás cinco horas, rua da Paz dos setins e esmeraldas – princezas de unhas lustrosas, vermelhas – oiro, véus, rendas, plumas, zibelinas – cortezãs e Actrizes, idolos maquilados da minha época, frágeis e agudos, nervosos...

Montmartre dos narcóticos, ás festas nocturnas – lantejoulas, escumalha, filigranas – danças da Andaluzia, canções da Italia – ó bebedeira esquiva do Champanhe, insónia platinada dos beijos de carmim...

Jardins romanticos a amor e tradição...

Palácios riais, escadarias, arcos...

Plintos, colunas e obeliscos...

Sol-poente a arder em horizontes de bruma...

Longes de torres de aço, altas chaminés das oficinas – pontes, andaimes, guindastes, cremalheiras – fábricas titânicas, silvos de

locomotiva – vi

braços de Progresso, murmurios de Amanhã...

– Paris aristocrático!

– Paris dos bas-fonds!

– Paris da Colmeia!

Paris! Paris! Orgiaco e soléne, monumental e fútil...

.....
.....

Existir na grande cidade, sózinho, sem beijos – era o mesmo para o artista do que se vivesse com uma companheira garrida, suave, de carne audaciosa. Ao passo que hoje, em Lisboa, ainda que tivesse a melhor das amantes, se sentiria igualmente solitário, longe de todos os beijos, de toda a gentileza.

A capital latina evocava-lhe um grande salão iluminado a jorros – perfumes esguios, luas zebradas, côres intensas, rodopiantes...

Lisboa era uma casa estreita, amarela – parentes velhos que não deixam sair as raparigas – luz de petróleo, tons sêcos, cheiro de alfazema...

E fôra este amor enorme de Paris tão lucidamente sentido que lhe salvara por certo a vida, ha mais dum ano.

A sua existencia atravessava então, sem motivos, uma crise extrema, desolada em angústia. Via-se sem forças, morto para todos os entusiasmos: o cerebro liquido, a alma quebrada – a ponto que decidira fortemente meter uma bala no coração... Mas fôra em Paris, e ah! lembrava-se tão bem da onda circular de orgulho triunfal que o evadira uma tarde, arremessando-lhe para longe essa ideia negra...

Tinha sido na Place Blanche. Acompanhava-o um amigo, jovem pintor cubista e de gorro de péles. Parados em face do Moulin-Rouge, os dois conversavam...

O pintor ia tagarelado qualquer episódio banal, – êle, nem o ouvindo, extático no ambiente que os cercava...

Era uma alegria de feira ao seu redór... No moinho do celebre music-hall, mansamente, principiavam a girar as velas de luz vermelha... camelots gritavam os jornais da noite... um carroussel volteava próximo, ao som rouco dum orgão mecânico... rapariguinhas pintadas seguiam no crepusculo, em perfil perdido, galantes... Ali se focava bem sensível, em festa, o Paris tradicional – o Paris dos estrangeiros que todos, nas nossas terras, desde crianças sonhamos...

E perante o cenário inútil, barato na aparência, o artista sentira – ah! de súbito, em verdade, sentira alucinadamente, Paris dentro de si: traspassando-o, lavando-lhe a alma, acendendo-o de mil luzes – golfando seios,

entornando Champanhe, fustigando oiro...

.....
.....

Uma vaidade paralela hoje o dimanava, longe dêle, sofrendo da sua nostalgia – e porquê?... Porque a sua tristeza provinha disto só: na Lisboa mediocre não circulavam mulheres luxuosas na audácia semi-nua dos ultimos figurinos, nem silvavam automoveis pejando as avenidas – e não havia museus nem grandes bibliotecas – nem corpos nus nas apoteoses dos teatros – e os cafés eram desertos, e os amorosos não caminhavam de mãos dadas nem uniam as bôcas pelas ruas – á volta não se esfumando edificios sumptuosos, grandes palácios, grandes Armazens de modas –tôres, igrejas, colunas heraldicas!...

Por sentir isto tudo, oscilar isto tudo – em orgulho infantil, era quasi feliz... via-se pairar tão

alto, tão alto, sobre a multidão inferior que o acotovelava, anónima, pelas esquinas...

Ah! como êle abominara sempre essa turba normal – a gente-média, a gente-tranquila, que não tem estados de alma e que, mal chegou á existencia, se domou aos usos e costumes, aos preconceitos!...

– A «justa-medida»?...

Que torpeza!

– Nesse caso, a loucura?...

Mas decerto: a loucura – pois só a gente-de-juízo é má e é imbecil!...

A loucura parecera-lhe sempre uma sagração. «Ser louco – exclamava – é ter um pouco de Deus na alma».

De resto o seu amor não ia só aos doidos, àqueles que tiveram o génio de arder, de dar o grande salto, de mergulhar o abismo: não; numa violencia enclavinhada descia tambem a todos os

criminosos, – assassinos, ladrões, incendiários – a quantos foram capazes duma evasão, duma revolta, duma ânsia – que nunca se domaram, que sempre estrebucharam... E um desprezo igual a esse amor, êle escarrava aos outros – os castrados: a gente digna e sensata, os que nunca tiveram um gesto de colera, que nunca ousaram ofender ninguém – e falam baixo, e ouvem sempre bem atentos os seus interlocutores – e não vibram entusiasmos infantis, ternuras frívolas – e são justos, honrados, sinceros, coerentes em todos os seus actos!...

Malandros! Malandros!...

II

A infelicidade...

Era bem real que Inácio de Gouveia, ás horas melancólicas, ainda sentia uma dôr esvaída, capitosa, por lhe faltarem certas coisas ténues que ás vezes, nesses instantes, inferiormente sonhava. E sofria de as não ter... Mas logo, descendo-se melhor, atingia como se injustificava a sua amargura. Essas pequeninas coisas que lhe podiam faltar, em verdade não existiam para êle – melhor: tacteando-as, breve lhes fugia numa desilusão infinita, num ultimo desencanto, pois de forma alguma elas eram aquilo que, nelas, êle ambicionara...

Natureza excitada, sexual em violencia, outróra, desde a infancia, tinha ideado corpos nus,

ruivos amplexos, extases de íris – mil voluptuosidades mágicas de água e sol... E mais tarde, quando pudera emfim estrebuchar sobre esses corpos a tanta insónia suscitados – ai! como voltara desiludido dos seus abraços...

– A posse?...

A Nausea Maior – pelo menos o vómito negro sucedendo ao espasmo dourado. Coisas peganhentas e húmidas, mal cheirosas, repugnantes... Onde encontrar beleza nos contactos do cio? Beleza... Mas haverá ridículo mais torpe?... Ah! o horror dos sexos – cartilagens imundas, crespas, hilariantes ... E os suspiros da cópula; as contracções picarescas, suadas... Infamia sem nome! Infamia sem nome! Como resistir a tudo isto uma alma sensível?...

«– Oh! o triunfo inegalável daqueles que, sem a nodoa do sexo, vencessem um espasmo irreal, ondulante e translucido, indefinido em oiro

– lembrava-se a muita hora – só de lábios presos;
nem tanto: astralmente, de corpos longínquos,
purificados, incertos e livres!...»

.....

Depois, no artista, as coisas do amor não lhe
repugnavam apenas em matéria – afugentavam-no
também em espírito. Ainda há pouco fôra buscar
a prova.

Tinha sido em Paris. Uma noite,
casualmente, encontrara-se num pequeno teatro
vermelho para Montmartre, bocejando o seu tédio.
Mas de súbito, entre as intérpretes da revista
idiota, os seus olhos fixaram-se numa dançarina
meia nua – esplendida, duma beleza
enclavinhada: corpo agreste, musculoso, seios
oscilantes, pequenos e esguios – lábios róxos,
grandes olhos admirados, cabelos negros, – e a
carne, a carne luminosa, mordourada a trigueiro,
para se cobrir de esmeraldas. Noturnamente, seria

bem aquele talvez – excelsior! – o corpo triunfal da Salomé...

E no enlevo granate da maravilha, contemplando-a suspenso, o seu cerebro imaginoso logo se lembrou de construir um romance sôbre ela – ai, agora, bem barato romance...

Voltara lhe de subito a nostalgia da gentileza – dêsses brandos episódios loiros que, em todo o caso, nos desennastram a alma e agitam véus côr-de-rosa em cêrca á nossa vida.

Sim, pelas mesas dos cafés, quantas vezes invejara aqueles que esperavam uma companheira gentil que aparecia modesta, ligeira, afável – ao passo que êle se detinha solitario sempre, endurecido... Todo de incoerencias – embora as suas repugnancias, não lograra ainda renunciar definitivamente àquilo que os outros possuíam, e devia ser em verdade de tão meigas côres...

A sua primeira amante não a buscara êle; ela propria viera ao seu encontro – nem a possuira êle; ela só o possuira... As outras tinham sido tão raras, tão distantes...

Eis pelo que em face do corpo aureoral, recordando-lhe estas invejas, estes desgostos – o romancista começara, em inferioridade, a architectar um enrêdo...

Hoje corava de si mesmo se lhe lembrava a pobre historia – nem podia acreditar que a tivesse vivido...

Ela fôra assim:

No dia seguinte pegara num exemplar luxuoso da sua ultima obra e enviara-o pelo correio á bailarina, acompanhado duma carta escrita premeditadamente, em romantismo, do Pavilhão d'Armenonville – uma carta tôla onde justificava o seu envio desta maneira: a dançarina dera-lhe uma sensação tão grande de beleza – ah!

de beleza apenas, não o fôsse julgar apaixonado!
– que êle, o Artista, o divino que só procurava por toda a parte as emoções gloriosas, não resistira, em primeiro lugar, a agradecer-lhe a visão estética sublime que o seu corpo lhe proporcionara e, depois, a ansear viver um pouco em tórno á maravilha – de qualquer forma referindo-se a ela. Assim lhe mandava êsse volume – que de resto a encantadora nem saberia ler, escrito numa lingua estrangeira – para que ao menos os seus dedos esguios, maquilados, perturbantes, uma vez tacteassem alguma coisa dêle (o seu nome, as suas palavras) – e essa carta, para que um dia, mais tarde, longos anos volvidos, as suas mãos sêcas a achassem, quem sabe, entre velhos papeis... E então, longinquamente o recordaria – isto é: *fôsse como fôsse, êle vovera-se um personagem da sua existencia...*

Mas havia mais, pois – suave glória! – a

partir da tarde em que lhe escrevera, êle, o desconhecido, ao admirá-la nos teatros onde dançaria nua – saberia em verdade alguma coisa do seu passado: que ela uma vez recebera uma carta sua, um livro seu, estrangeiro...

Emfim, o certo era que, sem nunca se terem encontrado, milagrosamente iam deixar de ser dois estranhos – uma pequenina coisa dóra avante os ligaria: existiriam com efeito em relação um ao outro...

A rapariguinha – romanesca talvez, ou apenas interesseira – breve lhe respondera numa pobre carta sem ortografia, acusando a recepção do livro, afirmando que tinha gostado muito da carta, pedindo que lhe escrevesse mais. E havia nas suas frases tôscas um tal desejo de corresponder ao pensamento delicado, de ser graciosa – que uma onda de ternura quebrantou Inácio...

Logo essa tarde, num entusiasmo, correu a um grande florista da rua Scribe e enviou cinquenta francos de cravos á bailadeira – com um simples cartão de visita prometendo nova carta.

Só lha escreveu no outro dia. Então, insidiosamente, êle dispunha o curso do enrêdo – cantando em audácia, o esplendor da sua carne ébria, dando-lhe a entender que não era rico, mas tinha vinte anos – para prevenir uma desilusão...

Terminava a lastimar-se, sempre em ardil, que era muito belo o seu papel misterioso de «desconhecido», mas que ignorava se teria coragem para o desempenhar até ao fim...

Na volta do correio, recebeu a resposta. E logo de novo se enterneceu, ondeadamente. A caligrafia era melhor – mais cuidadosas a ortografia e a gramática... Um desejo evidente de agradar... E com uma simplicidade adorável, a rapariguinha perguntava porque se não haviam de

conhecer. Ela gostaria tanto...

Um júbilo infinito, esplendido, lhe correu na alma. Beijou a carta repetidas vezes...

– Emfim! um pouco de sol chegava á sua vida... Ah! que triunfo admiravel passear nas ruas de Paris com essa mulher doirada, e possuí-la – estiraçar-se imperialmente sôbre a sua carne de aurora, entregar-se-lhe todo em amor e anseio fluido!... Havia de a morder, de a ferir – sim, de a ferir! – com os seus beijos, arroxeadamente...

...E ela parecia-lhe tão humilde, tão pobrezinha, tão pouca coisa... Pois bem! êle a levaria aos maiores restaurantes, ás casas de chá mais luxuosas... Era-lhe impossivel vesti-la de joias, mas ensinar-lhe hia que os grandes perfumistas são Delettrez, Houbigant, Lanthéric – que os mais exquisitos bombons saem das lojas do Boissier, do Marquis...

Como ia ser venturoso, como ia ser belo... Na

manhã seguinte esperava três mil francos de Lisboa!

Saiu. Após o almoço entrou no Napolitano para lhe escrever uma carta em que marcaria o primeiro rendez-vous para dali a dois dias. Pediu café, papel, sobrescritos... E, de súbito, encontrou-se a pensar:

«— Afinal para quê... para quê... Aonde vou?... Sim, de que me vale prolongar tudo isto?... Conhecê-la-hei... beijá-la-hei, pode ser... e depois?... Que haverá de comum entre mim e ela?... Pobre criaturinha futil, banalisada, insensível... Possui-la? — oh!... possui-la... Demais sei o que me espera!... E seguir-se-hão mil pequenas contrariedades... mil pequenos desenganos... encontros a certas horas... mil complicações inúteis... Para quê? para quê?... Não... Decididamente não vale a pena... de modo algum...»

E, numa resolução momentanea, limitou-se a escrever-lhe um rapido bilhete onde lhe dizia que era na realidade tão encantadora, tão cendrada, aquela aventura longinqua – que o melhor seria pôr-lhe termo, ser subtil até ao fim: não prosseguir para não quebrar o encanto...

Saiu. Estampilhou o bilhete no bureau próximo do Boulevard dos Italianos – deitou-o na caixa... sem uma saudade; sem mágoa nem arrependimento...

.....

.....

Ainda alguns dias pensou, é claro, no triste episódio – mas sempre levemente, embora com ternura.

A rapariguinha não lhe tornou a escrever – e êle lembrava-se da cruel desilusão que fôra talvez para ela a sua ultima carta... Via-a tambem

sonhando amôr, como êle, a certas horas – e a caminhar radiante para uma aventura literalizada em pacotilha, mas quem sabe se ideal aos seus pobres olhos...

E chegava-lhe assim uma piedade esvaída pela bailadeira nua, perversamente: só porque ela sofrera talvez dele, muito, um dia...

As suas cartas, guardara-as num grande sobrescrito – preciosas, pois iam-lhe servir para fixar palpavelmente alguns instantes dessa época da sua vida, alguns instantes do Paris dos seus vinte e três anos...

Aliás notava hoje bem como tivera razão em pôr um termo á aventura. Lançado nela, coisa alguma o deteria – e embalde, pois o certo era que nem mesmo por mais que beijasse êsse corpo esplendido, alcançaria nêle aquilo porque uma noite o ambicionara. Com efeito o artista só poderia saciar os seus desejos – não,

estrebuchando êsse corpo nu, magnifico; mas sim, se ao mesmo tempo vencesse possuir os passos da bailarina sobre aquêlo pequeno tablado dum teatro vermelho para Montmartre... e os seus gestos, os seus sorrisos, o carmim dos seus lábios, os seus véus, as suas lantejoulas, as suas joias falsas, as luzes que a iluminavam – todos os ritmos de côr e som que sossobravam rodopiando em volta da sua carne, a subtilisarem-lhe, a aureolarem-lhe o corpo indistinto em vertigens e apoteoses!...

.....

*

* *

De resto, apesar das suas complicações, e as suas fugas, as suas repugnancias, Inácio de Gouveia experimentara já até hoje todos os

espasmos – todas as carícias, todas as perversões. Sim, de todas fugira, mas todas vibrara. E nem mesmo tinha achado um refugio no onanismo – sem duvida a maior, a mais completa e amarfanhadora, a mais vaga: logo a mais erguida em chama.

E' que durante as suas carícias solitárias, limpas e agudas – ainda quando era já tudo oiro á sua volta, em auréolas nimbadas de carnes irreais doutros sexos e outros arrepios – nunca lograra concentrar-se nessas visões, possui-las em espasmos eternos. Não. Porque sempre uma lembrança do mundo real, sexualizado e infame, viera perverter-lhe as imagens rutilantes – sujar em gargalhadas os seus extases quasi expandidos: seios mortos, côxas gangrenando – lembranças de trapos húmidos e pregões guturais – um cheiro a madeiras velhas, poças de lama, doçuras gordurosas, bafos avinhados – o peito hirsuto dum

carregador, sexos de crianças, membros de animais...

Só uma vez triunfara consumir um extase absolutamente em oiro – um extase fantástico, de vibrações infinitas, sumptuosas; último, inegualável...

Certa noite com efeito, de súbito, num intersonho, evocara uma cidade imensa, tumultuante de Europa, que logo se alastrara em sua face – ruidosa, excessiva, cheia de luz... Ah! e êle lograra, em vitória lograra, possuir toda essa capital de assombro – possuir o seu movimento, o seu estrépito, o seu brilho... oscilá-la no seu sangue... sê-la, sê-la realmente um instante... esvaí-la num espasmo de altura – hialino, ogival, emmaranhado, subtil de multicolor...

.....

*

* *

Mas tudo isto, tudo isto era o passado.

Fôsse como fôsse, fôsse por que fôsse, Inácio vivia hoje quasi tranquilo. Não se conformara – as grandes almas nunca se conformam – mas em verdade era como se se houvesse conformado.

O seu futuro mesmo já não lhe podia reservar muitas surpresas – inutil até fantasia-lo porque, pondo de parte os devaneios, êle desenrolava-se evidente em sua face.

Aportara, não havia dúvida. Como nunca o trabalho era-lhe fácil – genial e fértil a imaginação. Determinadas circunstancias materiais inquietantes, dentro em pouco melhorariam – seguramente. A sua vida preparava-se pois para ser afinal a mais lisongeira: existiria liberto e solitário de Alma, vivendo só a Arte.

E se ás vezes certas amarguras lhe subiam ainda em vagas reminiscencias – êle, embora o quisesse, nem já as saberia sofrer.

Agora, apenas se observava interessado quando, sem motivos, sem explicação alguma, lhe ocorriam ideias singulares, incoerentes, perturbadoras – as quais porêm nunca o atormentavam e, ao contrario, lhe valiam de impulsos imaginativos.

Uma tarde, por exemplo, subindo uma rua ingreme de Lisboa – num relampago circular, suscitara-se-lhe este desejo destrambelhado: poder focar toda a gente, todo o mundo dentro de si – fazer convergir o universo inteiro, enclavinhadamente, em vórtice, para um centro magnético que fosse êle próprio.

Outra vez, deparara-se a concluir que o maior triunfador seria aquêle que vencesse existir, não

existindo... E breve, procurando, achara a maneira de alcançar tamanha vitória:

Supozesse-se um homem que lograsse esquecer-se inteiramente a si mesmo. Inteira, mas sucessivamente – vivendo apenas o minuto actual. Este homem ver-se-hia a um espelho, com efeito, mas logo olvidaria a sua imagem. Falaria, esboçaria gestos, – mas o gesto esboçado, a palavra dita, logo se lhe varreriam da memória... Ora esquecer-se assim de todos os instantes, equivaleria a esquecer-se de si próprio – visto faltarem-lhe nesse caso todos os pontos de referencia que lhe podiam provar a sua realidade. Isto é: não tendo a noção dêle proprio – para si, seria tal como se não existisse.

Entretanto, não existindo para êle, o certo era que existiria para os outros que o vissem, que lhe falassem...

Em pequenos, adoecemos gravemente duma

enfermidade dolorosa que nos leva às portas da morte – fôra até o caso do romancista, aos dois ânos, com uma febre tifoide. Essa enfermidade *existiu* para os outros, que presenciaram as nossas dôres, que nos viram sofrer, gritar, febricitar. Porém a realidade é que, embora os nossos gritos, não existiram para nós – porquanto os anos passaram, e nem a minima reminiscencia nos ficou dessas dôres, porventura cruciantes. *Se não no-las tivessem contado, nós nem por sombras poderíamos adivinhar que um dia as sofreramos.*

Pois bem: seria identico a este, o caso do homem que conseguisse olvidar-se sucessivamente de todos os instantes vividos...

.....
.....

Algumas horas então eram apenas ideias desconchavadas, grotescas, que lhe resvalavam no espirito.

Assim, uma tarde, fitara na rua uma mulher, casualmente. Essa mulher não era bela. Contudo lembrou-lhe um desejo de a possuir... Porquê?... Suspeitou de subito: porque essa mulher era o *limite* daquelas com quem saberia ter relações. Sim: saberia ainda talvez possuir essa mulher – mas nunca uma outra que só fosse um pouco (muito pouco) mais feia do que ela...

E, no mesmo instante, concebera um personagem ao qual, em todas as coisas da vida, só atraísse o *limite* – que passasse no mundo «um amador de limites»...

.....

Tambem, em muitas ocasiões, perante certos objectos, o artista sentira violentamente um desejo impossível de os ser – sobretudo de ser um grande armário azul que havia na casa de jantar da sua quinta: *mas esse armário cheio de garrafas de vinho, de boiões de assucar e latas de conserva...*

Entretanto, estas lembranças extravagantes de forma alguma o preocupavam – só o faziam rir de si para si. Elas não eram, sem dúvida, mais do que desvios do seu admirável espírito imaginativo sempre em vibração.

De resto, êle nunca tivera receios de enlouquecer, precisamente porque a loucura existia de inicio dentro dêle: Do mesmo modo que um organismo, ás vezes, se pode adaptar a certos micróbios perniciosos – vivendo impunemente com êles, e invulneravel á enfermidade que esses micróbios provocariam nos outros organismos – assim tambem o seu espirito se tornara invulneravel á loucura, adaptado a ela, imunizado contra ela por ela propria.

E, por uma razão semelhante, o alcool apenas o adormecia, o tabaco o enfastiava; as drogas – além de lhe repugnarem numa sensação gordurosa, – só o abatiam, sem o fazer vibrar, nem

sonhar, nem esvaír...

O seu alcool, em verdade, era-se êle proprio
– e o seu éter, a sua cocaína...

...Depois, um vicio não é mais do que um
mau hábito... Ora Inácio nunca podera ter um
hábito...

.....
.....

Sim, estava finalmente salvo de si proprio –
inteiramente adaptado a si mesmo. Literatura,
literatura, todas as suas antigas desolações – e
hoje apenas, de quando em quando, uma vaga
saudade de não saber oscilar os seus espasmos: de
não vencer um dia um extase-fantasma em que,
sem tocar o corpo possuido, lograsse embora
estrebucha-lo, vibra-lo em leonino – iriadamente
sugar-lhe todo o seu esplendor... e o seu
quebranto... a sua beleza ruiva estilizada em
Alma!...

III

Decorreram alguns meses. De novo se encontrava em Paris – agora desensombrado, sem preocupações materiais; de espírito livre.

A sua vida ia seguindo normal, exclusivamente literaria como prevêra.

Todas as manhãs trabalhava algumas horas, e depois entregava-se então ao movimento de Paris em voluptuosidade. Seguia nos grandes Boulevards, sentava-se nos grandes cafés lendo os jornais, escrevendo cartas ou redigindo mesmo algumas páginas artisticas. Á noite esquecia-se pelos music-halls, em cuja atmosfera artificial sempre se aprazêra tanto. Desviado dos teatros pelas inepcias burguesas que, de contínuo, põem em scena – ao contrario perdia ali belas horas, fóra

do seu espirito; apenas de olhos entretidos nos ricos cenários, nos maravilhosos desfiles, nas atrizes decotadas, em chusmas de dançarinas nuas... Depois, nesses meios roçagantes, envolvia-o um ambiente propicio, maquilado, telintando-lhe grande vida, unguindo-o de cosmopolitismo. E êle fôra sempre, além de tudo, um amoroso do Mundo, sôfrego de Europa – tal como sempre abominara, em sensações amarelas, no maior desprêso e na maior das nauseas, isso, a *Provincia*: com o seu suor, o seu cheiro a estêrco, a sua hipocrisia, a sua saúde – e as suas casas brancas, seus telhados vermelhos, seus campanários, seus Manéis e Marias... Nunca pudera conceber como certos artistas – de quando em quando, até legitimos artistas – cantavam as suas aldeias, tirando orgulho de haver nascido nelas. Êle por seu lado, vangloriava-se de, em todo o caso, ser duma capital europeia.

De tarde, freqüentemente, pelas cinco horas, subia também ao boulevard do Montparnasse, a tomar chá no atelier do seu amigo Manuel Lopes.

Manuel Lopes era um pintor cretino – como artista, e até simplesmente como homem. Mas um seu verdadeiro amigo – e um ótimo rapaz: gordachudo, espesso, trigueiro, lustroso – de barba azul, cabelos crêspos, encarapinhados – jovial, numa eterna boa disposição...

Aliás, pensando na sua imbecilidade, em certos momentos o novelista receava ser injusto – tinha a certeza de ser injusto.

Pois, no pintor, não só de longe em longe havia repentinas *claridades*, – como todos os dias contava novas cenas, aventuras imaginárias em que êle fora o protagonista: vitórias amorosas, rasgos de coragem, duelos, belas respostas... o demónio... grandes projectos, grandes ideias – tudo em cáos... Um perpetuo imaginativo, em

suma. Um baixo imaginativo, era claro – o que, não obstante, bem pesado, indicava justiceiramente um pouco de sangue rial no espirito.

Abominando as *reuniões*, Inácio freqüentava todavia o atelier do seu amigo porque tambem lá não deixava de lhe ser propicio o ambiente.

Filho dum grande lavrador alemtejano quasi analfabeto, o Lopes – nisso muito lúcido – gastava em Paris ás mãos cheias. O seu atelier era soberbo – enorme, luxuoso, ultra-confortavel e moderno. Depois, havia pouco, êle dera mais uma prova de que se podia ser um espirito inferior, não era de maneira alguma um espirito mediocre: recentemente, com efeito, enveredara para o cubismo. Não saberia talvez sequer orientar-se nessa escola emmaranhada e genial. No emtanto lembrar-se de a defender e de a seguir, entusiasmar-se pelas obras de Picasso, Léger,

Gris, Henri Matisse, Derain, pelas esculturas convulsionadas de Archipenko – traduzia pelo menos um sinal de intensidade, de curiosidade e audácia. Audácia estulta, por certo, mas em todo o caso, como ela o colocava acima, por exemplo, dum casal de pintorzecos, barbichudos e ilhéus, vagos conhecidos do romancista, ex-alunos premiados do Largo da Biblioteca que, *mesmo em Paris* – idiotas normais, continuavam a fazer, comedidos, os seus quadrinhos razoáveis, muito lindos, cheios da melhor técnica... logo babosamente expostos nos Salões «pompier», com grande júbilo, em Lisboa, dos velhos mestres gágás e abarbeirados...

Mas o atelier do alemtejano atraía-o especialmente porque, duma parte, a gente que lá encontrava (artistas estrangeiros, mais ou menos rastás; atrizitas, estudantes) focava-lhe bem, no seu bigarrado duvidoso, um vértice de Paris – e,

por outra, as horas que nêsse meio êle proprio figurava, valiam-lhe como banhos de banalidade, os quais, assim como as revistas do Olympia, das Folies, do Moulin, faziam repousar o seu espirito de Génio.

E eis pelo que, tendo visitado o atelier na véspera, para lá de novo se dirigia essa tarde chuvosa de fevereiro...

Pouca gente dessa vez: Robert Lagrange, o dramaturgo, um dos melhores amigos do pintor, mal refeito ainda da morte de Yvette Dolcey que êle estimara penetrantemente e lhe fôra uma companheira amavel, agradecida e sincera. Como sempre, era claro, Jean Lamy, hoje «soiriste» da *Comœdia*, fazedor de revistecas e operetas... mas, sobretudo, devedor do dono da casa... Inácio por sinal simpatisava bastante com o jornalista, pois êle conhecera outróra Ricardo de

Loureiro, representara mesmo, involuntariamente, um papel no romance do Poeta com Marta de Valadares – sendo ao tempo vago secretário do conde de la Barre, seu marido. E tudo quanto aproximara um instante o sublime e desventurado autor do *Diadêma*, tinha para o artista uma significação especial – tamanho culto era o seu pela obra do Mestre.

Ainda: Horacio de Viveiros, o musico português, hoje, pianista falido da Comedie Royale; Etienne Dalembert, incerto comediografo e jóvem actor mais incerto que êle mal conhecia – e o resto, meia duzia de estrangeiros: russos, balcanicos ou escandinavos, machos e femeas.

A conversa emperrava – bem pouco interessante a figuração dessa tarde. E Gouveia arrependia-se de ter vindo, preparava-se já para se despedir, quando de subito souou um rodopio de gargalhadas...

Era Maroussia, amante e interprete de Jean Lamy, antigo modelo do cubista – a qual trazia pelo braço duas pequenas galantes: as suas novas colegas, as irmãs Doré: Rose e Paulette. «Dois amorzinhos» – afirmava...

Com a saída cortada, permaneceu um pouco contrafeito...

... Mas, após as actrizes irromperem, o tédio desennastrara-se, e o chá fôra servido garridamente...

.....

*

* *

Inácio trabalhava agora num romance que ia ser, – acreditava com muita segurança – a sua melhor obra. Dera-se nêle com efeito, nestes ultimos tempos, uma grande evolução artistica –

subira em Alma, ungira-se mais grifadamente de Além. Por isso, a todos os momentos sonhava o instante glorioso em que terminaria a sua obra.

Era no fim de março, e por fôrça queria ter o seu livro concluído em meios de abril. Aliás muito pouco faltava. Apenas o apuramento dos dois ultimos capitulos.

De modo que, todo entregue á conclusão do seu volume, presentemente raras horas perdia – dias inteiros quasi sem saír, aperfeiçoando as suas páginas. E assim, tinham-se volvido muito espaçadas as suas vizitas a Manuel Lopes.

Demais, ia-o já aborrecendo aquela roda sempre identica – sem já achar repouso nessa banalidade tarada a pacotilha. O seu propósito era até de pouco a pouco se afastar do pintorzinho e da sua clientela.

Não obstante, hoje, como o seu trabalho avançara inesperadamente – e como tambem não

aparecia ha perto de duas semanas – resolveu guindar-se a Montparnasse.

Completo o chá do cubista, essa tarde. Caras novas, muito loiras – e um indio português, pequeno e pretinho, de olho vivo, a dar ali a nota colonial, ultramarina, aumentando o ambiente em exotismo.

Mal entrou, alguém correu ao seu encontro, muito a sorrir, dizendo-lhe:

– Ao tempo que não aparecia! Já tenho perguntado por si imensas vezes...

Era Paulette Doré.

Ele explicou:

– Tenho saído pouco.

– Mas não estive doente?...

– Ah... de modo algum... Apenas o meu romance a concluir...

E ela, num tregeito infantil:

– Que aborrecimento não o poder ler...

Mas o pintor, lobrigando-o, precipitava-se a abraça-lo, insurgindo-se contra a sua prolongada ausencia:

– Estes artistas *torturados* que levam as coisas a matar!... – barafustou.

.....

.....

Às sete horas, saindo do atelier, era estranha a disposição de espirito de Inácio. Sentia-se infinitamente triste, numa tristeza nimbada, melancolica e ondulante – onde contudo havia o seu quê de muito suave.

Mas embalde procurava o que lhe pudera suscitar êsse estado febril. Correrá-lhe tudo óptimamente... E em menos duma semana, pronto o seu romance!...

Decidira apurar ainda umas páginas á noite, mudando agora de propósito em vista dessa agitação inexplicavel, dêsse enigmático «contentamento descontente»...

Jantou depressa num Duval, e depois – só para passar alguns minutos, porque se queria deitar cêdo – entrou no Café Riche. Aproveitava para responder a uma carta que recebera dum amigo de Lisboa... Pediu com que escrever; começou ligeiramente a redigir o bilhete sem importancia... De súbito, porém, os olhos ergueram-se-lhe do papel e, numa brusca atracção, fixaram-se numa rapariga muito pintada que bebia chocolate em uma mêsa próxima.

Continuou a sua carta... Mas agora, freqüentes distracções lhe faziam trocar palavras, faltarem-lhe letras. A ponto que, irritado, amarfanhou o que escrevera – deixando a resposta, que não urgia, para mais tarde.

Chamou o criado, afim de pagar e retirar-se. Porém, em vez de o fazer, mandou vir outro café...

E os seus olhos investigavam sempre a rapariga que falava, muito risonha, com um amigo

que viera entretanto sentar-se ao seu lado...

Era curioso. Êle não conhecia aquela mulher, tinha a certeza; nunca a vira – e chegava-lhe embora a sensação de que já lhe falara até mais duma vez... Melhor, mais bizarramente: *Olhando-a, parecia-lhe, num exquisito erro, que não era bem ela propria que êle contemplava nela...*

Mas, ajudada pelo companheiro, a desconhecida vestia as suas peles... Os dois saíram.

... Só então Inácio de Gouveia se pôde levantar; saiu também...

Chegou a casa ás dez horas. Deitou-se logo. O misterioso arrepio desaparecera.

No emtanto, prestes a adormecer, ainda se lhe focou na memória o mágico perfil...

.....

O outro dia, passou-o todo a escrever – numa

ansia de completar o seu trabalho.

Ignorava porquê, surgira-lhe um vivo receio de ter, se o não concluísse rapidamente, uma grande dificuldade em o terminar – por qualquer razão imprevista, sem dúvida...

.....
Na tarde seguinte, em que resolvera não sair, (almoçara mesmo no seu quarto, o que raro fazia) num tédio repentino, numa necessidade excepcional de se misturar com gente – não resistiu a visitar o pintor.

Demais, apenas lhe restava meia duzia de páginas a corrigir. Fôsse como fôsse, terminaria tudo àmanhã, em poucas horas. Podia já considerar-se livre – eis a verdade.

Não obstante, a sua inquietação não cessara – pelo contrário: era intenso como nunca o calafrio que o dimanava ao subir para Montparnasse...

.....
Pouca gente no atelier – e quasi tudo homens.
De mulheres, só Maroussia e Paulette.

Os homens formavam grupos ao fundo da casa, discutindo arte, decerto. Maroussia ria sempre, com Horacio de Viveiros. Sentado a uma mēsa, esbodegado, Manuel Lopes palestrava com Paulette – de pé.

O romancista dirigiu-se para o seu amigo, saúdando-o e á pequena.

– Isto hoje está maçudissimo, meu velho – imediatamente avisou o cubista, em bocejos – começando por mim, que não me teem largado as dôres de estômago... Ontem ao jantar empasinei-me com uma brutalidade de dôce!...

Paulette apoiava as mãos no rebordo da mēsa. Inácio, ao seu lado, tomara a mesma posição... *E, de súbito, sentiu os dedos da rapariguinha perto dos seus... junto dos seus...*

sobre os seus... a apertarem-lhos, levemente...

Outros amigos se acercavam porêem. As suas mãos desenlaçaram-se, para não ser surpreendidas... Mas, em segrêdo, num momento propicio, de novo êle procurou sob o rebordo da mêsa, os dedos de Paulette – que desta vez lhe fugiram, esquivos...

Emtanto logo, arrependida, ela lhe colocava, a sorrir, o braço nu, trigueiro, sobre a mão... falando sempre descuidosa com os outros...

.....
.....

Ah! a suavidade loira que dispersava agora o artista... Como o enternecera aquêle movimento espontâneo, audacioso e gentil da actrizinha... Era uma ternura singular, cheia de piedade e de mágoa, – *inefavel, mas arrependida...*

Percorrendo a sua memória, depressa foi achando pequeninas coisas antigas que nunca reflectira, em que não reparara quasi, o que tinham

sido afinal a origem desse gesto.

Fôra verdade, fôra... Os instantes que os olhos tristes de Paulette se fixavam no seu rosto, admiradamente... e as súbitas perguntas... os sorrisos especiais... Ainda outro dia, como corra jubilosa a indagar da sua longa ausencia...

Já na tarde em que a conhecera – lembrou-lhe também – ela viera sentar-se num recanto do atelier, muito chegada a êle, em sua face... E, descobrindo uma linha preta no seu casaco, tirara-lha... Depois, distraídamente, pegara-lhe num dedo, enrolara-lho com ela... Até que, reparando no que fazia, corara, largando-lhe a mão num arremêso...

Sim, sim, por tudo isso devia ter adivinhado o enlêvo que a impelia para êle... E nunca o presentira, sequer...

Mas então, no curso dos seus pensamentos amoráveis, focou-se-lhe de novo diante dos olhos,

bem nitida, a imagem da desconhecida do Café Riche...

... *Só agora verificara que, no seu rosto, havia uma semelhança real com o de Paulette – sobretudo na sombra esguia que os seus olhos projectavam, mordouradamente...*

.....
.....

Na manhã seguinte, sem mesmo querer lembrar-se do episódio violeta, sentou-se á sua banca para, dum jacto, completar o manuscrito. Foi-lhe rápido e fácil o trabalho – mas, em verdade, porque raras emendas teve a fazer.

Livre da sua preocupação principal, voltou-lhe a ternura da véspera, ternura onde – reparava agora pela primeira vez – havia particularmente uma infinita gratidão: *uma gratidão de egoismo.*

Com efeito, eis o que acima de tudo, o enternecia:

Essa pobre rapariguinha, tão vulgar, tão

humilde de alma, tivera o génio de o distinguir, dentre tantos outros que melhor deveriam encanta-la: belos rapazes de cabelos longos, lábios excitantes, corpos esbeltos – galanteadores, sempre com palavras de cortejo para as mulheres. Em audácia, fôra ela a primeira a dirigir-se-lhe, a apertar-lhe os dedos...

– «Meu amor... meu amor...», escutou-se murmurando.

Mas não a desejava... oh, de fôrma alguma... Nada haveria em Paulette que o atraísse... Apenas os seus dentes agudos, talvez – a expressão esquiva do seu rosto, as suas mãos sombrias, aceradas... E, em troca, todos os tics corriqueiros, todos os vícios convencionais, todos os defeitos de criaturinha normal...

– Para que ir atrás dela, portanto?...

Ai, mas parecia-lhe uma ingravidão tamanha não a seguir...

... Em suma, fôsse como fôsse, ainda a queria vêr uma vez – ao menos para ter bem a certeza de que, na realidade, ela lhe apertara os dedos...

Nessa tarde, porêem, havia ensaio geral no seu teatro – não apareceu no atelier. Só no outro dia Inácio a encontrou...

E repetiram-se os afagos silenciosos, ténues – em segrêdo, diante de todos...

.....

Não; decididamente era impossível não a seguir. Êle bem sabia o que o esperava – entretanto não tinha a fôrça de a deixar para trás. Afigurava-se-lhe uma crueldade sem nome... Seria como se chicoteasse um cão que o tivesse vindo lambar...

E, fazendo por se olvidar, por se ocultar de si proprio – entrou no grande florista da rua Scribe, onde já comprara flôres para certa dançarina de

Montmartre. Enviou-lhe um feixe de rosas.

Á noite, foi á Comédie Royale, vêr a revista...

.....

Durante a representação os olhos da actrizinha não se despregaram dos seus... No fim do espectáculo esperou-a na rua, junto da porta da passagem que dá ingresso ao teatro. Mas logo que a avistou, pôs-se a caminhar numa súbita vergonha de a ter esperado – melhor: *de ela vêr que êle a esperara.*

Paulette descobrira-o de longe, no emtanto... Chamou-o pelo seu nome. Inácio retrocedeu...

A pequena apresentou-lhe a mãe, que a acompanhava. E foram andando: a mãe e Rose, atrás – êles dois, muito á frente, de mãos dadas; sem dizerem uma palavra de amor...

Acompanhou-a até casa.

Na noite seguinte o mesmo aconteceu.

Apenas, durante o trajecto, os seus dedos se apertaram mais ennastradamente...

.....
Lançara-se no «mau caminho», não havia dúvida... Ah! como êsse «*mau-caminho*» era suave, perfumado a tons de rosa...

Sim, sim... Precisava descer um pouco do pedestal de soberba onde se guindara em marmore – solitário, e a ouro.

Fôsse o que fôsse, residia na vida em todo o caso. Injusta vergonha por conseqüencia a de *viver* um pouco...

... E, embora descesse muito, ainda lhe seria orgulho a magenta ter a coragem de descer, resoluto. Também no misticismo ha riqueza...

.....
Nessa tarde, como de costume, falou-lhe no atelier do cubista. Ela demorara-se pouco. E despedira-se sem uma ternura... Envolvêra-os tanta gente, com efeito...

.....

No dia imediato não pôde ir ao atelier –
jantando com um amigo recém-chegado de
Lisboa. Após o jantar, todavia, convenceu-o a
assistir ao espectáculo da Comédie Royale.

Mas nem um instante, em toda a revista, os
olhos de Paulette se encontraram com os seus...

Pelo menos, parecera-lhe assim... Decerto se
enganara... Ah! não podia deixar de se haver
enganado...

.....

Nessa manhã, Horácio de Viveiros foi-lhe
pedir almoço.

E de repente:

– Meu filho, sei tudo!

– Tudo... o quê?... –perguntou Inácio
tremendo.

E o musico:

– O teu flirt com a Paula. Ela estava ontem,

no ensaio, em confidencias lá com uma intima. Ouvi o teu nome, e obriguei-a a confessar-se-me tambem, visto que sou um dos teus melhores amigos... Disse que gostava muito de ti...

.....

Num bijouteiro de arte do Boulevard Raspail, comprou-lhe no mesmo dia, por cento e vinte e cinco francos, um broche de platina, com uma pequena esmeralda ao centro.

Esperou-a á saída do ensaio. Mostrou-lhe a joia. A rapariginha teve uma grande alegria – apertou-lhe muito as mãos...

Na tarde seguinte, porêm, ao encontrarem-se no atelier, pareceu ao romancista que ela lhe falara com frieza... Não havia dúvida: evitara-o até ostensivamente...

A' noite, foi espera-la depois do espectáculo, no Boulevard, á esquina da rua Caumartin – e teve a melhor prova de que se não enganara.

Com efeito Paulette, reconhecendo-o de longe, pegou bruscamente no braço da irmã – e as duas recuaram seguindo em direcção oposta...

.....
.....

Quando no outro dia, perto das sete horas, Inácio de Gouveia entrou no atelier de Manuel Lopes, já quasi todos os visitantes se haviam retirado.

Com um ar grave, o pintor dirigiu-se-lhe, exclamando :

– Não te esperava. Mas ainda bem que vieste. Preciso muito falar em particular contigo.

E, quando ficaram sós – depois dum longo discurso em que lhe jurara todo o seu afecto, e a sua lialdade, a sua admiração – o cubista terminou:

– ... Em suma, previno-te porque sou teu amigo. Já toda a gente sabe que lhe déste um broche de esmeraldas. Eu zanguei-me muito. Fiz-lhe vêr quem tu eras, como era grande e complicada a tua alma, – que reparasse bem no que se metia... Ela então respondeu-me que tu é que a não deixavas... que não sabia como te evitar... que já nem ia para casa pelas mesmas ruas...

.....
.....

IV

Pelo menos nos primeiros dias, Inácio de Gouveia não sofreu. Tinha sido tão amarga, tão errada a desilusão que – num esforço – procurou esquecer tudo, abolir esses dias da sua existencia. *O seu orgulho, com efeito, não devia reconhecer esse baixo desengano.*

De resto, na mesma tarde em que Manuel Lopes lhe discursara, fôra esperar ainda a actrizinha, antes do espectáculo, á hora da entrada dos artistas – na rua Caumartin, em face do teatro, de maneira que ela se lhe não podesse escapar. E então, secamente, brutalmente, defronte de Rose e Maroussia, dissera-lhe que escusava de lhe fugir, porquanto êle nunca *pedia* a minima coisa a ninguem. *Pedira* a ela – reparasse – porque

Paulette, a *primeira*, se lhe oferecera: ‘procurando-lhe os dedos, dando-lhe o braço nu...

Depois, apertara-lhe a mão, tirara o chapéu, despedira-se como se nada fôsse...

Ora esta scena valera-lhe por um grande alívio, – atordoando-o e assim conseguindo, nas primeiras semanas, quasi nem se lembrar da aventura...

Passava muitas tardes ainda no atelier do cubista, – hoje até com maior assiduidade e mais demora, não supozesse alguém que êle temia encontrar-se com Paulette. Aliás as irmãs Doré breve deixaram de aparecer – Maroussia tendo rompido bruscamente com Jean Lamy.

Liberto do seu romance terminado em auréola, Inácio decidira, em suma, regressar por alguns meses a uma vida alheada – perdendo tempo de proposito: longos passeios, noites de

music-hall; tardes vagas de Café, estas, muitas vezes, com Horacio de Viveiros.

No seu estado psiquico actual o musico era-lhe, em verdade, a companhia mais propícia. Inteligente e amplo, mas natureza desemmaranhada, alegre, sem preocupações nem grandes impetos – satisfeito sempre com o que tinha; vivendo afinal a vida...

Perto dêle, o romancista sentia-se bem – nunca conversa lisongeira e fútil que o anestasiava de momento contra as suas preocupações desoladas.

Horacio dizia-lhe aventuras banais de Paris que ia existindo jubiloso – e os seus projectos comedidos; de bom gosto, entretanto, sem dúvida realisaveis...

A's vezes aparecia tambem com amigos seus do meio dos teatros – mais frequentemente com Etienne Dalembert, que tinha agora em ensaios um

acto em verso na Comédie Royale. Simpatizava até deveras com este companheiro do musico – Inácio, sem saber porquê...

.....

*

* *

Assim correram algumas semanas.

Inconscientemente ainda, principiavam hoje a reçumar-lhe lembranças esbatidas do que triunfara quasi esquecer nos primeiros instantes. E' que, para as almas sagradas, o tempo, diluindo a realidade, em vez de a nimbar trazendo o olvido – como á «outra-gente» – a subtilisa ao contrario, incorpórea e espectral: portanto mais sensivel, mais vibrátil – e agora só capitosa a tais almas esguias.

De resto, pequenas coisas directas

obrigavam também o artista a recordar-se á força.
;Não lhe apresentara uma tarde o musico os seus parabens por ter cortado com a actrizita?

– Aquilo francamente – aplaudira – não era mulher para ti. Eu até já tinha falado a esse respeito com o Lopes, para intervirmos. Mas não foi necessario. Chegou-te o juizo a tempo. Vamos lá, que nunca esperei que te portasses tão bem... Se continuas – com o teu feitio, dava mau resultado pela certa...

Outras ocasiões eram referencias naturais a Paulette que ouvia nas conversas de Viveiros com os seus amigos de teatro. Deste modo soubera, por exemplo, que as duas irmãs estavam contratadas pela empresa que ir explorar a época de verão nas Folies Bergère com uma revista de grande espectáculo.

Porêm o que, acima de tudo, fazia volver Inácio ás suas recordações era o pasmo de, com

efeito, ter vivido semelhante historieta – êle: bem curado de todas as inferioridades, tão cioso da sua sorte, de mais sabendo que nada além da gloria de se ser o poderia entusiasmar – ovante, soberbo de renúncia e de exilio.

Em retrocesso, achara-se uma destas vezes dizendo para si proprio:

– Meu Deus... meu Deus... é que, no fundo, sou o mesmo desgraçado de outróra... Tenho as mesmas saudades... os mesmos desejos... iguais amarguras... Certo dia é que determinei que assim não fôsse... por já não me interessar a minha angústia... por me haver nauseado de ser infeliz... *Ai, que eu sempre determinei as minhas opiniões... e os meus affectos... os meus estados de alma... como sempre decidi os estados de alma dos outros...* Eis donde partem todos os meus desenganos... as minhas ilusões e as minhas infamias...

Mas logo, expulsando tais ideias – em ascensão, de novo se cingira do seu orgulho adamantino, e regressara ao seu estado de alma anterior.

.....

Esquecer... abolir certas horas da vida...

Seria o maior quem se triunfasse tanto...

Impossível! Impossível!...

Eis pelo que, apesar de tudo e embora até o pejo de si mesmo, quando poucos dias mais decorreram, Inácio se encontrou – agora já distintamente – a evocar com saudade instantes da pobre historia: aqueles dedos trigueiros dirigindo-se para os seus; e essa voz, esses sorrisos, esse perfil agreste...

Uma ternura impregnante o dividia então – ternura que o quebrantava em sortilégio melancólico, em suavidade aguda, tão opiada e transparente que, ao artista, nem despertavam

sequer desejos de a expulsar, em revolta...

Uma tarde por sinal, no Boulevard Saint-Michel, enquanto o oscilava uma destas crises de enlevo, encontrara-se a seguir uma rapariga que não era Paulette, mas que num momento lhe lembrara a actrizita, e que por isso, se puzera a seguir – para ver aonde ela ia – *como se, em todo o caso, fôra Paulette...*

A proposito das coisas mais insignificantes lhe bruxuleavam recordações. Assim, se esperava um amigo, logo lhe ocorriam maguadamente as duas ou três vezes que também, na rua, esperara Paulette... E uma noite, numa última puerilidade, chegaram-lhe as lágrimas aos olhos só porque, num Café, bebeu a sua chavena quasi sem assucar para dar as pedras a um cão que lhas veio pedir. Com efeito, nesse instante, de súbito se lhe afigurara ter deixado de ser êle-proprio, para ser uma rapariguinha de Paris, adoravel, suave e

meiga, pequenina – Paulette talvez – que graciosamente dêsse o seu assucar a um cão branco, beijando-o muito, e cuja gentileza o impressionasse, de frágil. E foi por isso, por essa fragilidade imaginaria, que lhe assomaram as lagrimas com pena de si: com a pena que êle teria de si se fôsse tão pouco...

E tinha tambem tanta pena dela... tanta...

Pobre coisinha... Não se atrevera a ir até ao fim... recuara timida como uma galga nervosa... Ai, o que ela perdera... o que ela perdera... Como sairia rara dos seus abraços... e doirada, doirada...

Em suma, era esta a verdade – verdade em que o romancista entretanto não reparara ainda: se algum dia estivera prestes a amar a garôta, a deseja-la, não fôra ontem, não – era hoje... seria amanhã, pelo menos...

Mas nada disto agitava fundamente a vida psíquica de Inácio, no entusiasmo do seu romance concluído: a sua maior obra, sem dúvida – a «Obra» – livro de brasa onde lograra emfim estilizar todos os seus estrebuchamentos, os seus requintes; as suas náuseas e revoltas, os seus ódios e afectos – a ruivo, o seu misticismo sexual; a indigo, a fascinação timbrada do Misterio, grifando sombra e Além...

Dentro de dois meses, no principio de agosto, partiria para Lisboa a ocupar-se da edição. O livro seria lançado em novembro. Aproveitaria a época morta para o imprimir. E como isto lhe dava um grande júbilo – mesmo a sua viagem a Lisboa onde tinha dois ou três amigos reais – as suas saudades não o faziam com efeito sofrer embrenhadamente, nem em muita amargura.

Apenas cada hora mais se abismava dessa

nostalgia, e, olhando-se em passado, ainda de ter vivido a historieta obscura. De forma que uma vez até pensara que se um dia quisesse dispôr tudo isso em novela, narrando primeiro a sua alma – ninguém deixaria de dizer que a narrativa era psicologicamente errada, afirmando que uma personagem dessa alma, nunca se poderia encontrar em tais circunstancias...

... que, aliás, fosse como fosse, num futuro próximo, vestigio algum restaria por certo, na sua vida, de tão pequenina coisa...

.....

.....

Mas Horacio de Viveiros, uma tarde, disse-lhe muito naturalmente entre dois goles de aperitivo:

– Sabes quem anda atrás da Paulette?... E' o Etienne Dalembert...

O romancista esforçou-se por não dar

atenção á novidade, respondendo apenas com um «Sim?» indiferente e logo mudando de conversa...

Breve, não obstante, o invadia uma longa tristeza a demonstrar-lhe bem que nada do que lhe contassem sobre a actrizinha o poderia deixar insensível. Não se esquecera de coisa alguma, realmente...

«– Oh! mas a partir de hoje era necessario esquecer tudo! Pois seria descer de mais, seria aviltantei e nfame, recordar agora – com Paulette, – o seu novo amoroso... quem sabe se o seu amante, depressa... o seu amante com certeza... Ninguém era como êle... *ninguem fugia ao primeiro arremesso...* ninguém... Esquecer tudo... abolir tudo da memória, forçosamente... *não se lembrar*, nem em vestígios...»

.....

No dia seguinte o musico apareceu-lhe com o actor.

Como definir a sensação bizarra que, em sua face, Inácio experimentou? Não foi ódio, não foi repugnância... Pelo contrário... muito pelo contrário – assombrou-se: Foi, num júbilo magoado, uma simpatia ainda mais viva... meu Deus, foi até um começo de ternura – uma verdadeira ternura, embora um despeito lilá a zebrasse...

E' que *esse*, pelo menos, fôra sensível ao que êle proprio *sentira*... tivera por certo os dedos apertados, tambem... como êle, talvez... uma tarde... em segrêdo... diante de todos...

E se uma dôr esvaïcida lhe subia de compartilhar os seus sentimentos com outro – de assim, de qualquer forma, se misturar com um estranho – tinha sido essa dôr arrepanhada, justamente, que o enternecera em misticismo: inquietante misticismo que, defronte desse *que profriaria no que êle não profiara*, lhe fez lembrar

até, literariamente sem dúvida, um desejo subtil de o beijar na bôca...

.....

Em todo o caso como Inácio havia de sofrer quando soubesse que o actor conseguira emfim o que êle, na realidade, nem tentara conseguir: morder-*lhe* os lábios humildes, beijar-*lhe* os olhos sombrios...

– *Ainda se fôsse alguém que não conhecesse...*

E o seu pavor agitou-o tanto que, num momento, chegou o desejar que Etienne possuísse a rapariguinha, já, nessa mesma hora, ali, na sua frente...

Correram mais dias.

Por pequenas coisas – perguntas de Viveiros a Etienne, frases directas que o musico, no seu bom-humor, lhes não poupava – o romancista ia

sabendo que Dalemberth não era de forma alguma em amoroso feliz.

Ah, como esse mês de junho o viveu numa agitação nervosa incessante...

Todas as tardes se encontrava com os seus dois amigos na terrasse do Americano, e a sua ansia focava-se só em provocar uma palavra que o podesse informar dos amores do *outro* – espiando-lhe cuidadosamente o rosto, todos os gestos, no receio de descobrir de súbito um sorriso, uma expressão desanuviada, qualquer mudança radiosa na sua atitude sempre melancólica...

.....

Uma vez o actor pediu-lhe o seu estilógrafo para escrever uma carta.

Ao termina-la, o novelista, num relance, pôde lêr no sobrescrito o nome de Paulette...

Que suave enternecimento o oscilou então...

A rapariguinha ia pois receber novas palavras grafadas pelo bico de oiro com que o artista escrevera o bilhete que havia acompanhado, uma noite, as flôres que lhe enviara para o teatro – e o seu Romance sumptuoso...

Ai, o pobre desejo que lhe veio nesse instante de se beijar a si mesmo – por saber fremir ternuras tão futeis, tão de criança...

.....

.....

Em suma, a sua simpatia por Etienne aumentava hora a hora – sempre no receio agreste de o vêr triunfar...

Aliás, numa incoerencia duvidosa, era precisamente esse receio que mais o atraía. Sim, eis a verdade: ainda que lhe fôsse um grande alivio, por certo, saber que o outro desertara – simultaneamente, numa estranha sensação-

inversa de orgulho enclavinhado, *de vingança para consigo proprio*, no fundo, no fundo, estimava que êle fôsse profiando...

.....

... Até que um dia, nas vespervas da sua partida para Lisboa, o musico lhe contou que tudo acabara, como estas coisas acabam tanta vez: por si proprias.

Etienne tinha mesmo uma nova amante – uma linda amante, por sinal... dançarina da Opera-Comica...

V

Durante as primeiras semanas que passou em Lisboa, na realidade o artista nem se pôde lembrar, vivendo-as num contínuo entusiasmo – entusiasmo infantil dos projectos da edição do seu romance, horas felizes, sinceramente, em orgulho e lucidez, com os seus raros amigos e, sobretudo, com Fernando Passos.

Ah! a gloria dourada que lhe fôra, havia um ano, ao conhecer o genial Artista, vêr-se apreciado e entendido – sim, entendido! por Êle... Depois, que benéfica influencia operara na sua evolução literaria o convívio do Poeta – melhor: as suas admiraveis cartas, visto que essas relações se tinham travado especialmente por correspondencia, durante a sua estada em Paris.

Fernando Passos acordara-o em alma. A êle devia Inácio o desdobramento em Oiro do seu génio grifado, toda a ascensão em heráldico do seu espirito, – e os laivos imperiais de Novo com que a sua obra hoje se timbrava, mosqueando-o de Auréola, diademando-se de Sombra.

Largas conversas em longos passeios, não chegavam para exgotar tudo quanto não tinham podido dizer por cartas – novos projectos literarios, ansias Outras, intersecções ultimas das suas ideias artisticas.

Só raras vezes as suas palavras desciam a pormenores banais, intimamente. Sentiam-se grandes em extremo para regressar á vida.

Ao recolher a casa, depois dessas noites intensas, serpenteantes de gládio, perturbadoras de Estrela – como o romancista se olhava então sideralmente feliz...

Que valia tudo mais se êle se emancipara em

Altura, se, sózinho em si proprio, vivia sublime –
águia real entre rochedos a luz, para os limites
granates?

A gente da sua Raça era aquela: Fernando
Passos, mais um ou dois em todo o mundo – mais
vinte ou trinta em todo o tempo!...

Louco que fôra em ter por vezes saudades da
planície – e de descer a ela, de se misturar com os
anões... Em misticismo, embora, seria infame.
Era-Se Deus. Baixar, valia portanto pelo
sacrilégio de si proprio...

E nestas apoteoses íntegras, rutilantes de
orgulho, o seu corpo em verdade volvia-se subtil
– alta madrugada caminhava grandes horas, por
extensas avenidas, sonambulamente, só Alma...

.....

Mas a sua morfinização em excelso não era
mais afinal do que outro estado psíquico que se

decidira, – outra pobre ilusão... Uma noite, com efeito, num súbito retrocesso, todas as saudades pequeninas lhe desabrocharam de novo...

Lembrou-se primeiro que esquecera já completamente a historieta de Paris... Emtanto, recordarmo-nos que esquecemos qualquer coisa, não é senão relembrarmo-la ainda.

E assim, a partir dêsse instante – pouco a pouco, mas sucessivamente com maior intensidade – lhe foram volvendo todas as tristezas, todas as nostalgias...

Hoje, se olhava as suas mãos, logo um arrepio de ternura espiral o vibrava em quebranto... Pois uma tarde Paulette, defronte de todos, lhe gabara em voz alta as mãos afiladas... «tão brancas... sempre tão brancas...»

Fazendo horas num café, ocorria-lhe que, nos grandes cafés de Paris, esperara também as horas de ir vêr a actrizinha aos chás do cubista...

Detinha-se em face das montras dos ourives
– porque uma vez lhe comprara uma joia...

Uma carta lançada no correio, dizia-lhe que
nunca lhe mandara uma carta pelo correio...

E enternecia-se se lhe falavam de flôres, pois
outróra, num florista célebre de Paris, escolhera
para ela um feixe de rosas soberbas, vermelhas...

.....
.....

No entanto, Inácio ainda lograva, senão
evitar essas ternuras, pelo menos não reparar
nelas... Certo dia porém determinou ter a fôrça de
as expulsar como indignas de si. Foi, é claro, a sua
perdição: minuto a minuto o começaram
fustigando bem nítidas – iriadamente.

E parecia-lhe mesmo que só hoje via a
rapariguinha, em realidade – e conhecia os seus
gestos, a sombra ágil dos seus lábios, as suas
madeixas, o oscilar ténue dos seios – aquêles

dedos garridos, morenos, habilidosos, sensuais...

– Meu Deus... meu Deus... porque se lhe escapara ela?...

E ei-lo a construir abstractamente, caminhando vago, os motivos da fuga:

«... Pobre amor... Fôra isso... ai, fôra isso decerto... viera ao seu encontro por nunca supôr que êle a seguiria, de grande que o adivinhava... Apertara-lhe os dedos, dera-lhe o braço nú, sorrindo, em desejos de sofrer... uma ansia religiosa de se humilhar... e ungir-se de Saudade... dourar-se de Renuncia...

«Mas êle... Ele erguera-se... tinha sido como os outros... Mentira-lhe... mentira-lhe... desenganara-a, idolo de cristal despedaçado a seus pés...»

.....

«–Quimera... quimera... (decidia outras horas). Não fôra assim, não... de modo algum...

Em tudo aquilo a rapariguinha estivera ausente... Não reparara nêle, sequer – como pressenti-lo uma alma tão pequenina? – oh, nem sonhara um instante a sua grandeza de Auréola... Apertara-lhe os dedos, esquiva, sem dar atenção, pensando outra coisa... uma fita... um dedal... E assim o chamara uma noite, na rua; e assim lhe fugira – sem mesmo saber...

«De resto olhara-o ela algum momento, apertara-lhe os dedos alguma tarde, gritara o seu nome alguma noite?...»

– Fôra verdade, *mas hoje custava-lhe a acreditar...*

E em paralelo, de subito, acudira-lhe uma destas vezes a lembrança de certo episódio mínimo, parisiense e fugaz:

Uma madrugada, seriam três horas, entrara com Manuel Lopes numa pastelaria do Boulevard Saint-Michel, aberta toda a noite. O pintor é que o

fizera entrar á força, gulosamente, porquanto o romancista se sentia fatigado, aborrecido de sôno.

Sentaram-se ao fundo da loja, palestrando.

Pouco depois apareceu uma rapariguita engraçada, muito de Paris, tradicional a Bairro Latino – pequena cortezã, decerto, e modêlo.

Bem conhecida da dona da casa, deu-lhe as boas-noites; começou a rôer alguns bolos – e os seus olhos miudos, indecisos, logo se fixaram nos dois estrangeiros que, ao fundo, conversavam numa língua misteriosa... De subito, num gesto agaiatado, tirou-lhes o chapéu – «cannotier» de cem sous que usava sem pregos – masculinamente, cumprimentando-os...

Porêm, coisa exquisita, esse gesto afigurou-se a Inácio que ela o fizera como se não o sentisse – *como se não fosse bem êsse movimento que julgasse executar...* E uma impressão idêntica, duvidosa, ao observa-la melhor, lhe suscitaram os

seus tregeitos vacilantes, o seu olhar intermitente, o sorriso arqueado dos seus lábios fugitivos...

Depois, seguindo de longe a sua silhueta, o artista, talvez por o sono o difundir, divisava-a num halo de vago, por transparencia latejante – através duma humidade vitrea, esbatida a luz morta...

Por ultimo, a garôta acercou-se dêles a perguntar se lhe pagavam mais bolos.

Inácio ergueu-se; satisfez a sua despeza, juntando a importancia de mais dois pasteis.

A pequena agradeceu numa reviravolta, a sorrir, – e quando Manuel Lopes foi buscar ainda outro brioche, virou-se para o romancista e, sempre nos seus movimentos incertos, ennevoados:

– «Embrasse-moi sur la joue» – pediu.

Inácio beijou-a ao canto da bôca, e logo saiu com o seu companheiro – sem se lembrar

nitidamente de coisa alguma. Não sentira mesmo o seu beijo: *fôra como se lho tivesse dado num gesto indistinto entre outros gestos que não esboçara.*

Todo aquele episódio insignificante lhe parecera com efeito oscilado sobre bruma, longe, muito longe, noutros planos – de forma que a perspectiva em que o relebrava agora era igual àquela em que a sua imaginação perturbadoramente antevia cenários futuros, longínquos, perdidos no Tempo: uma perspectiva comparável á estilização vacilante, a luz baça e humidade transparente, com que as cidades se esfumam nos dias de eclipse solar. Tudo perfil e vago – ondulações latentes, vibráteis...

– Mas porque lhe chegaria esta recordação errada, pensando em Paulette?

Oh, decerto porque a sua atitude fôra idêntica á da rapariguinha do Bairro Latino... Em face

dêle, nunca a actrizita dera atenção aos seus gestos – *esboçara-os como outros quaisquer*. A mesma transparencia iriada, vitreamente humida, estagnante, nimbara todos os seus gestos...

E fôra por se ter desenvolvido muito longe, em planos resvalantes, confusamente interseccionados, que, em suma, a historieta correrá tão errada...

Pela primeira vez, nêsse instante, Inácio pressentiu a singular direcção dos seus pensamentos evocativos – laivados de destrambelho, todos a linhas quebradas e curvas picarescamente inflectidas.

Fôsse como fôsse – sem entretanto o saber ainda em lucidez completa – hora a hora o veneno subtil o impregnava de sortilégio: ao principio, loiro... e depois arruivado... mais tarde fulvo... arrepanhante de brasa...

.....

*

* *

Em vão procurara essa noite Fernando Passos pelos seus poisos habituais...

Mas quando decidira já regressar ao hotel, subindo o Chiado encontrou de súbito Vitorino Bragança, o autor-dramatico – alguém que, por excepção, o interessava vivamente e por quem o artista experimentava uma real simpatia: a simpatia que nos atrai àquêles que vibram um pouco o que nós estremecemos. Com efeito entre tantos provincianos do nosso meio literario, entre tantos broeiros de alma, Vitorino Bragança era uma criatura *com psicologia*: uma criatura de requinte, civilisada, aristocrática – intensamente Europeia.

Os dois logo começaram falando de Paris – e breve, por êsse caminho, resvalavam para as suas taras sexuais. Como o romancista, tambem o

dramaturgo sofria estranhos emaranhamentos:

– Porque a mim um corpo nu – fôra-lhe explicando – só o corpo, não me pode excitar... Nem um simples contacto, ainda que na minha mão se incruste um seio divino, latejante...

– Decerto – Inácio prosseguira – Precisamos altear primeiro sensualidades ruivas, criadas todas pelo nosso espirito, pela nossa fantasia enclavinhada, para o corpo nu nos perder e a sensação do seio penetrar-nos em esguias sofreguidões... A carne... Mas de que nos valera a carne se não edificassemos sobre ela, nós-proprios, os nossos beijos, os nossos impetos, as nossas ansias escarlates?... A «natureza» é para a *gente-sadia*, a sub-gente normal... Nós, excessivos em Oiro, libertámo-nos dela. Enganome – contrariamente, aumentámo-la: démos-lhe uma alma, e só o seu espirito – o espirito que lhe criámos – nos suscita os desejos. Somos gente de

Alma – projectamos alma a quanto admiramos, a quanto apeteçemos... De forma que o seio mais agudo, mais perverso, unicamente o sentimos se, á fôrça de imaginação imperial, o volvermos em voluptuosidades Outras – o isolarmos em sexo, triunfando assim alvejar nêle outras linhas, outras macerações, outros calafrios, outros ritmos de loiro...

– Admiravel! Admiravel!... aplaudira Vitorino – Já em pequeno, no meu leito solitário, sonhava novos extases... Eram teorias de dançarinas nuas que eu – todo nu tambem – dum trôno rial, mandava arremessar ao fôgo... Obedientes, em rôxa humilhação, elas corriam para as chamas, friccionando os sexos... Eu ouvia num enlêvo as carnes maquiladas ardendo... a ranger... a ranger... Mas, ainda na tortura, as escravas não tinham um grito, uma queixa... Ai, e a cada seio desmoronado, então, arrepanhava-

me um espasmo frio, insatisfeito, doloroso...

Do mesmo modo, na sua infância, Inácio entresonhara mágicos delírios. Porém não sentira nunca a excitação do fogo. Imaginara, ao contrário, beijos de água, carícias de espuma, seios de jaspe assomando á tona do mar, corpos nus em praias desertas – princezas banhando-se sem véus, esquivas, por lagos de cristal...

A dôr sempre o aterrara em repugnancia. Em toda a sua morbidez havia saúde.

– Você é um homem são, louco – definira uma tarde Fernando Passos.

Ah, mas como outros desejos ondulantes o aproximavam do dramaturgo...

Assim, falando-lhe de certa actrizinha que, pela primeira vez em Lisboa, ousara aparecer num palco de pernas nuas, Vitorino contou-lhe que nas raparigas dos teatros desejava sempre, inutilmente desejava, possuir-lhes a maquilagem – e os seus

laços, as suas lantejoulas, os seus vestidos multicolores.

– Tudo isto enfim, meu querido amigo – dissera-lhe êle por ultimo – todas estas complicações, estas estranhezas mórbidas – se resumem numa palavra: onanismo. Eis o que nós somos, ambos: onanistas completos, admiráveis. Com efeito, mesmo ao possuímos uma mulher em cópula normal, praticamos um acto de onanista, visto que a possuímos, *não propriamente na sua carne*, mas em alguma coisa mais bela, mais vaga, *mais sexualizada*, que imaginamos para o seu corpo. Os nossos espasmos, regula-os sempre a nossa fantasia. Por mim, esvaio-me apenas no momento que escolhi...

– Tal como eu... tal como eu! – Inácio entusiasmara-se – Que triunfo!... Desdobramonos: e, noutros corpos doutros sexos, somos em

verdade nós próprios que nos possuímos ainda!...

– Contudo, não sei – volvêra o autor-dramatico passados instantes – ás vezes, de muito longe, receio ter saudades da *saúde*...

O romancista logo se insurgira:

– Mas a saúde não será apenas a ausencia da beleza, o vácuo do Novo?... Por minha parte, confesso-lhe que me mantenho cingido de orgulho. E podem mesmo os outros, os tais *outros* eternos, affirmar que a nossa arte (a minha e a do Fernando Passos) é no fim de contas «uma arte de masturbação»! – Pobres pequenos... pobres pequenos... Longe estão êles de adivinhar que essa frase só me pode ser um motivo de gloria... Pois – olvidando todos os preconceitos – não será a masturbação a voluptuosidade maxima de Alma; a mais imponderavel, visionada e subtil em Além? Decerto. Logo, semelhante insulto pretendido por «êles», significa apenas, a *mim*, que a minha Arte

se alteia a mais liberta de materia, a mais aguda e mais total – a Maior... Bons rapazes... Não compreendem que somos tão diferentes dêles que o que magoaria a sua sensibilidade bombeira, a sua sensibilidade padrão – sensibilidade de trunfa oleosa, barbichas, lavallière e cachimbo – só pode lisonjear a nossa, opiada e vibrante, cristalina?... E não pressentem que se apontando os nossos excessos, as nossas supostas loucuras, tiverem razão – é que nesse caso amaremos o excesso por êle proprio, a loucura por ela mesma, glorificando-nos ainda com as suas palavras... Ensoberbeço-me das minhas taras – eis pelo que as soffro. Se me repugnassem, não existiriam em mim...

Houve um breve silencio que Vitorino de subito cortou, explicando:

– Eu choro pelas coisas mais pequenas... Olhe, quer ver, por isto, patetamente: um hino

patriótico que ressôa, um regimento que marcha, uma bandeira que se desfralda... Entretanto, morra-me alguém que eu muito estime – o meu pai, até – e não me assomará nem uma lagrima... nem sentirei em verdade dôr alguma nos primeiros instantes... Só passados alguns dias, olhando cheio de amargura, em saudosos enternecimentos, o seu lugar deserto á mesa, durante o jantar... e a sua bengala na casa de entrada... os seus livros... as suas gavetas... Em mim, a propria sinceridade é imaginação... Que quer?... O onanismo, sempre o onanismo...

E o romancista observara:

– E’ curioso como nos parecemos... Uma vez, certa rapariguinha indecisa passou tenuemente pela minha vida... Não lhe dei importancia no momento... nem sequer a olhei... Apertei-lhe os dedos sem lhos sentir, vi os seus lábios sem me excitar... E mais tarde, quando ela

já desaparecera, de subitito, um dia, encontrei-me a
deseja-la... sim, a deseja-la nitidamente... a
sofrer de saudade...

... Mas foi só depois de terminar a sua frase
que, – num grande pasmo secreto – Inácio reparou
no que dissera...

.....
.....

« – Então... então... a verdade – pensou logo
na manhã seguinte, recordando as palavras da
vespera – era essa, irremediavelmente era essa... »
Embalde procurara esquecer tudo, não atentar na
evolução das coisas pequeninas... Pouco a pouco
elas o tinham arrastado para o fim – ao amor, pelo
menos ao desejo torturado...

E, em plena consciencia *vendo* a realidade
pela vez primeira – um dôce enternecimento, mais
do que nunca impregnante, se pôs a dimana-lo:
uma saudade azul-celeste, tão esguia... tão
esguia...

Só agora, em nitidez perfeita, começava estranhamente a sentir, por evocação, todos os estados de alma que se tinham sucedido nêle após a historieta.

Ai, o episódio não lhe acontecera quando *lhe* falava... quando *a* ia esperar á porta do teatro... quando a rapariguinha lhe apertava os dedos... Não; êle chegara mais tarde – *chegara só depois de ela ter passado*. Apenas hoje a sentia, apenas hoje a evocava com pesar... Triste amor... triste amor...

Mal a conhecera, e no entanto como lhe fizera bem... Ampliara-a... ampliara-a... *Paulette agora vivia no seu mundo interior*. E, muito longe, nas ruas duma capital perdida ao sul, num país de aventura – alguém sagrado murmurava em caricias o seu nome débil, tão parisiense... esfumava em horizontes distantes, sobre cupulas de epopeia, o seu perfil inútil –

elançado e flexível...

Referida á sua vida, *á vida do Artista* – assim ela estilisava-se perpetuamente a Aureo.

Fôra até bem melhor nunca a ter beijado. Esbatida – a mágoa vovera-se translucida, capitosa de frágil, mais sensível, mais vibrátil em delicadeza.

.....

Depois, recomeçou lembrando, em dúvidas, como a actrizinha se lhe escapara... e eil-o de novo a construir as razões psicologicas da fuga... Arquitectava-as agora iludindo-se voluntariamente, aproveitando apenas os indícios que convinham á interpretação que escolhera. E ao mesmo tempo, concentrando-se em espirito, como que procurava transmitir a sua vontade hipnótica ao passado – isto é: fazer com que as coisas, embora na realidade não tivessem sucedido como êle as dispusera – a partir dêsse

instante comessem efectivamente a ter acontecido como êle resolvera...

.....

Nos dias seguintes o seu estado de alma não se modificou. Emtanto a sua nostalgia não lhe era de fórma alguma um sofrimento estéril. Pois no curso das suas recordações melancólicas, das suas ansias bruxoleantes – suscitavam-se-lhe imprevistamente maravilhosas ideias literarias...

Tambem lhe não fizera mal Paulette, fugindo-lhe: êle hoje aprendera a sofrer por uma sombra, – de subtil resgatando-se-lhe a mágoa esquiva a impulsionar o seu génio. Ah, como a personagem de certa novela admiravel, do mesmo modo no seu espirito tudo se alterava diluído em literatura – todas as suas dôres lhe traziam obras-primas...

E assim, essa noite, vagueando solitario a

percorrer a sua angústia, o seu espírito mais uma vez divergira a edificar uma historia medonha:

Seria um artista bizarro, destrambelhado e sublime – visionário religioso em que pouco a pouco a adoração mística por Cristo se transformasse numa paixão violenta – uma paixão sexual, tempestuosa, ilimitada... Procuraria fugir-lhe, primeiro em esforços de lucidez – depois, entre exorcismos, cilícios, abstenções amarelas...

Até que essa paixão terrível, acabando de o perder, se lhe volveria numa tortura infernal – sem desejos já de a sufocar; agora só na rubra impossibilidade de a satisfazer carnalmente...

Emfim, para iludir a sua chama, êsse Artista – um escultor – ergueria uma estátua de Cristo, gigantesca, admirável... Erguê-la-hia espasmo a espasmo de alma, em ansias cinzentas, em despeitos rôxos – numa loucura virgulada, trucidante... E, concluída a sua obra imortal, num

ultimo estertor de cio – infame, todo nu – lançar-se-hia sobre o bloco de marmore sagrado, esmagando em fúria contra êle, os seus lábios, o sexo erecto... morrendo sobre a estátua – ofegante, mutilado, execravel...

.....

Então Inácio lembrou-se como era estranho que lhe surgisse uma ideia tão bela, mas tão vermelha, tão constelada a ruivo e ametistas, num momento em que apenas evocava em difuso pesar, a figurinha simples de Paulette, na tarde rosea em que ela lhe apertara os dedos, loiramente...

Fôsse como fôsse, iria construir por certo dêsse enrêdo uma das suas maiores novelas – das mais convulsas, fustigando brasa...

... Ah! mas ao mesmo tempo, por transparencia obliqua, numa recordação arqueada, acudiu-lhe a lembrança de alguém que esquecerera por completo: *sim, de subito, sem saber porquê,*

*encontrou-se recordando na estátua do Cristo
poluído – estridentemente o perfil agudo de
Etienne Dalembert...*

VI

No dia imediato ainda se lembrou da estranha reminiscencia, em verdade bem mais desconchavada do que perturbadora. Com efeito se a sua imaginação volteava todos os pormenores da historiazinha, nunca mais se lembrara de Etienne desde que o sabia definitivamente repellido – nem tão pouco das ternuras que chegara a sentir por êle – visto que bem trançuilos quanto á sua sorte, em nada já o actor o poderia interessar. Deixara de existir em relação a Paulette – logo era como se já não existisse em relação a Inácio...

.....

O seu romance acabava de ser posto á venda. E no entusiasmo que lhe fôra sempre o

lançamento dum novo volume – esbatera-se-lhe agora toda a sua angústia.

Depois o seu livro imperialmente singular – notavel fenómeno entre esta parvalheira artistica – *ia sendo quasi bem recebido!*

Com efeito, ainda aquêles que menos poderiam compreender ou sentir as suas páginas europeias, todas nuas, tigrinas de brocado, sumptuosas de mistério, verdes-bronze e magenta – reconheciam-lhe a Estrela nas criticas palermas dos jornais.

Os literatos de bôrra e de café, êsses, é claro, entre dentes, rangiam o seu despeito piolhoso de inúteis. Epifanio Gois e Eduardo Borba, por exemplo. O primeiro – mimoso impressionista inédito – nunca perdendo a ocasião de ferir o escritor (sempre em ferroadas indirectas, havia de se lhe fazer essa justiça) se, na mêsã próxima, Inácio e o pincor Jorge Pacheco (outra criatura

Europeia e vibrante, *civilisada* na sua conversa, na sua arte e na sua vida) entoavam numa infantilidade genial, em miragens de grande existencia por escenarios de luxo, hinos excessivos a Paris – sonhando repentinas fortunas mágicas, para mais purpureamente lograrem possuir a capital assombrosa... O segundo, pequenino poeta (hoje, aluno assiduo de Direito) ao contrario, infamezinho apenas, era muito gentil defronte do artista, na sua hipocrisia de prostituta analfabeta e com a sua voz miudinha, seu ar seráfico. Mas, pelas costas, em desforços castrados, adjectivava sempre:

«Êsse idiota do Inácio de Gouveia...»

.....

Emtanto chegara o mês de dezembro – e como já nada o prendia a Lisboa, Inácio preparou-se para regressar ao seu Paris.

Movimento, agitação, mudança – eis do que

o seu espírito precisava. A todas as suas dôres tinham sido estes sempre os melhores bálsamos. De forma que assim como vivera desennastrado, esquecido, durante as primeiras semanas que passara em Lisboa e durante a época em que lançara o seu novo volume – também no mesmo estado psíquico vivia agora, esperando a manhã da partida: estado de alma que se lhe prolongaria decerto nos primeiros instantes de Paris, revendo os Boulevards, as Praças aristocráticas; e os grandes Cafés, os grandes Music-halls – os próprios vagos amigos que lá tinha: frisantemente, Horário de Viveiros.

Contudo, foi só no começo do ano que regressou á Cidade.

Ah! como outróra sonhara este ideal de poder sair livremente de Paris, seguro de nunca mais O perder – *de que o regresso dependeria apenas da sua vontade...* E com que ternura se encontrava

hoje de novo no seu quarto banal de hotel modesto, mas ainda nessa vulgaridade tão interessante: pois era o quarto de hotel, característico, tradicional de Paris, que desde crianças vemos nas gravuras dos romances populares: com o seu fogão, e sôbre êle, o seu relógio em redôma, os seus dois castiçais – o «parquet» encerado – na janela, os reposteiros de cretonne, ás ramagens...

Nos dias seguintes, algumas vezes – á tarde, pelas cinco horas, conforme o seu velho hábito – voltou ao atelier de Manuel Lopes. Mas os chás estavam agora pouco concorridos – e quasi tudo outra gente, deste ano.

Horácio de Viveiros – não se sabia bem porquê, – achara uma colocação magnifica. Era actualmente secretário-geral da nova empresa das Folies-Bergère. Tinha com efeito abandonado a musica – entretanto, como o seu lugar pertencia a

um teatro, e a um teatro de Paris, o resto pouco importava. A musica, no fundo, nunca fôra nêe mais do que um pretexto para viver no teatro. Por isso estava hoje radiante. Aquêe, sim, *vencera*...

Duas ou três noites após o seu regresso, no celebre music-hall, lá assistia o novelista – por lembrança do seu amigo e, graças a êe, com entrada de favor – á ultima representação duma opereta, insulsa á austriaca, á qual ia suceder a grande revista de inverno.

Tomava parte no espectáculo Paulette em um pequeno papel. As duas irmãs tinham contracto no estabelecimento da Rua Richer para toda a estação. E Paulette vivia agora pela primeira vez com um amante: o actor fantasista Daniel Simond, seu colega desde a Comédie-Royale.

Tudo isto sabia Inácio vagamente por Viveiros, – assim não se atrevendo a ir ás Folies tão cêdo, se não fôra o pedido do musico.

Sentado no seu fauteuil, mal o pano se ergueu, logo um arrepio o dimanou. Sem dar atenção ao que se dizia no palco, espiava todas as actrizes na ansia de distinguir Paulette, transviadamente receando já não a conhecer – *embora lhe lembrassem bem as suas feições...* E, de facto, em cada nova figurante que aparecia a julgava descobrir... Quando a irmã entrou em scena, corou como se fôsse ela... Mas só no fim do acto, num grupo de banhistas, Paulette surgiu. Vinham quasi todas de pernas nuas. *Ela trazia maillot...*

.....
No intervalo foi á «caixa» falar a Viveiros. Este, casualmente, apresentou-lhe Daniel Simond.

Tendo-se afastado o actor, o musico disse-lhe:

– A Paulette já tem ordem com certeza para não te falar... e ao Dalembert, que tambem está

ai... Coitado, o Simond sabe que vocês a namoriscaram em tempo... Vai hoje passar uma noite terrível... Ele demais a mais que tem tão pouca sorte... É um desgraçado... Todas lha pregam!...

Ao segundo intervalo, no salão, Inácio encontrou-se com Etienne. Ainda não o tinha visto depois do seu regresso. Apertaram-se as mãos efusivamente, – falaram alguns minutos... deram-se as boas noites...

.....
«– Era extraordinario, na realidade era muito extraordinario – ia pensando o artista ao caminhar sózinho para casa, a pé – como êle sofrêra, *como êle quasi sofria ainda*, por uma criaturinha tão obscura... tão pequena... tão pouca coisa... Uma figurante banal de revista, nem linda sequer... A irmã, por exemplo, essa, além de formosa, estava lançada... seria uma «estrela» de music-hall,

dentro em pouco... E era a mais nova das duas... Só a ela a outra devia os seus contractos... Coitadita... vira subir a irmã tão depressa, e ela ficara sempre na mesma situação apagada... De resto, agora é que ela estava bem... Achara o amante que lhe convinha... êsse baixo pelotiqueiro...

... E contudo, da sua pequenez, fizera-o sofrer a êle – tão grande... Ainda assim... Pobre amor... pobre amor...

.....
«Mas não havia dúvida... não havia dúvida... êle fôra alguma coisa na vida da rapariguinha, entretanto... (Ai, quem sabe até se ela o chorara... ao deixa-lo perder... arrependida...) Fôra alguma coisa – a prova é que a tinham proibido de lhe falar... a êle e a Etienne... era verdade, *a Etienne igualmente*... Já se esquecêra de Etienne... *encontrara-o essa*

noite nas Folies...»

A irmã, vira-a Inácio... A garôta reconhecera-o por sinal com uma exclamação de surpresa... falara-lhe muito sorridente... *E de súbito, sem saber porquê, duvidando, o escritor lembrou-se se essa exclamação, êsses sorrisos, não teriam sido antes de Paulette...*

Mas Paulette nem a encontrara êle... O amante fechara-a no camarim, decerto... por sua causa... *e por causa do outro... ah... tambem...*

.....

Chegou ao hotel. Deitou-se. Dormiu num sono intranquilo até de manhã...

«- Era estranho... Os olhos de Paulette tinham mudado muito... eram hoje maiores... *pelo menos era maior a sombra que projectavam...»*

... E, pouco a pouco, em misticismo cendrado, assim lhe volveram todas as ternuras,

todas as melancolias...

.....
.....

Vagueava pelos Boulevards essa tarde, quando alguém o chamou da terrasse do Americano. Era Dalemberbert. Sentou-se junto dêle. Pediu um aperitivo... Conversaram muito, até às sete horas... Depois, separaram-se...

Inácio sentia-se magoadamente jubiloso, numa exquisita e inexplicavel suavidade...

.....

As colunas Picard anunciavam, em grandes cartazes, para dali a duas noites, a primeira da nova revista das Folies-Bergère. Em grandes letras, os nomes de Rose Doré e Daniel Simond. Em pequeninos caracteres, Paulette – a ultima mencionada...

.....

.....

Todas as tardes agora, no Americano, Inácio e Etienne se reuniam – experimentando o romancista uma viva contrariedade se acaso o actor faltava, o que raro acontecia. Às vezes porêm vinha com o musico. E então, coisa estranha, em face de Viveiros, o escritor sentia como que um vago e inexplicavel constrangimento...

.....

Inácio evitava sempre que Etienne pagasse as bebidas, receando muito que esse dinheiro lhe fizesse falta. E, numa ternura compadecida, olhava o seu sobretudo leve naquele inverno rigoroso... reparava que êle trazia sempre a mesma gravata...

.....

Nessa noite o romancista foi ao novo

espectaculo das Folies. *Paulette aparecia agora, no primeiro quadro, de pernas nuas...*

... Quando tinha ido á «caixa» procurar Viveiros, encontrara-o com Dalembert...

.....

Certa manhã, bruscamente, mal acordou, lembrou-se pela primeira vez como era estranha a sua atitude e a de Etienne quando os dois conversavam... Não se olhavam nunca face a face... falavam sempre... *Era como se tivessem medo do seu silencio...*

.....

.....

Nessa tarde o musico apareceu no Americano, e convidou-os para jantar. Tanto insistiu que aceitaram.

E, ao café, de repente:

– E’ verdade – disse-lhes – ainda os não confessei... Vocês foram rivais, pelo menos

foram «sucessores»... Hoje, entretanto, ei-los grandes amigos... Vamos... já passou tempo... digam-me as vossas impressões... Ela roeu-vos a corda, a ambos...

Etienne começara a responder. Inácio não entendia as suas palavras... Embora tivesse a força de ocultar exteriormente a sua agitação, um violento arrepio lhe corria todo o sangue...

Só minutos depois pôde ouvir – ou melhor: adivinhar em bruma – as frases com que o actor saudosamente acabava:

– ... porque eu gostei muito dela... pensei muito nela... penso ainda, talvez... A irmã é que é bonita – mas então, da outra é que eu gostava... Estas coisas sentem-se; não se sabem explicar... Quer dizer: procurando bem, acham-se os motivos, sempre... Tenho as melhores recordações... as melhores... Se ela quisesse, ainda hoje – estava pronto a aceita-la...

– E tu?... – perguntou-lhe Viveiros após um instante.

Sem poder evitar um subito rubor, Inácio apenas volveu:

– Direi tudo numa novela... no meu proximo volume...

– E’ uma resposta muito justa – observou Dalember – Certas coisas escrevem-se bem mais facilmente do que se dizem...

.....
.....

«–Ah! era pois essa a verdade... emfim: a verdade!... *Por isso êles andavam sempre juntos...* Do mesmo modo a rapariguinha passara na vida de Etienne... do mesmo modo permanecera... Tambem o outro pensava ainda nela... sofria ainda por ela, talvez... decerto!... E se ela quisesse, oh! estava pronto a recebe-la... Mas tambem êle! tambem êle... tambem êle!...»

Então, mais do que nunca conscientemente, se vincou no romancista toda a sua ternura pelo actor, – singular e capotosa, subtil de crispada.

E' que esse, na realidade, melhor do que nenhum outro o poderia compreender: igualmente fremira... fôra igualmente sensível... *Lembrava-se também, por exemplo, que só a irmã era bonita...*

.....

Correram alguns dias.

Cada vez Inácio mais se embrenhava no seu quebranto, a pensar muitas horas naquela frase de Etienne: «Estas coisas sentem-se, mas não se sabem explicar. Quer dizer: procurando bem, acham-se os motivos, sempre...»

Por certo... por certo...

Assim – nêle – ai, bem pequenas razões essas: Paulette apertara-lhe os dedos uma tarde – a primeira, em audácia – e fugira-lhe depois... as

suas mãos eram garridas, mordouradas... gentil a sombra dos seus olhos... miudos os seus passos desatentos... suave e ténue o oscilar daqueles seios pequeninos... tão humilde toda...

E o mesmo, quasi o mesmo sem duvida, enternecera o actor. E' sempre assim, de resto: um sorriso, um olhar, uma voz, uma madeixa...

.....

Agora, sentados em face um do outro, começavam a ter longos instantes silenciosos. A melancolia de Etienne era tambem evidente.

Sem nunca aludirem á historieta comum – em êrro, parecia contudo a Inácio que já mais duma vez tinham falado de Paulette:

Apesar de silenciosos, cada um saberia muito bem, saberia de mais, o que se passava na alma do outro. Por isso hoje ambos se calariam sem já tentar esconder-se...

.....

Uma tarde, em frente dêles, passou uma rapariga cuja silhueta se esfumava como a de Paulette, cujo rosto moreno tinha um ar de semelhança com o da actrizinha. O novelista avistara-a primeiro – não despregando os olhos dela que parara defronte da montra dum ourives.

E Etienne, ao descobri-la após momentos:

– Muito interessante aquela pequena, não acha?...

.....

Esta comunhão de sensações – ou real, pelo menos em parte, ou totalmente imaginária – só fazia aumentar o enternecimento mútuo. Porque Dalemberth devia sentir de facto iguais ternuras pelo seu companheiro. *Mesmo, não podia deixar de ser assim.* O actor agora não faltava nunca. E não se encontravam só todas as tardes, como ao princípio – passavam também muitas noites juntos...

.....

Em suma, fôsse como fôsse, Inácio já não tinha um pensamento àcerca de Paulette que o não atribuisse logo ao outro, igualmente. E todas as expressões magoadas de Etienne, todos os seus suspiros – até muitas das suas palavras vagas, êle as referia á tristeza comum.

...Aliás, nas suas conversas banais, tantas vezes se encontravam a sentir paralelamente...

.....

.....

A raras horas, indeciso, o escritor ainda se lembrava, de muito longe, se tudo isto não seria uma irreabilidade. Mas nesses momentos só lhe descia uma grande piedade cariciosa por si proprio. E pensava que o certo era que êle fôra sempre uma criança... *não poderia sequer ser outra coisa na vida senão uma criança...*

E, então, todas as ternuras que

experimentava pelo actor as transferia a si proprio
– com um desejo infinito de se beijar sobre os
labios, nos espelhos...

.....

– Ah, é verdade, sabem que a Paulette já não
está com o Simond?... – anunciara-lhes Horacio
certa noite – Passou-se para um dançarino
mexicano, invertido e «souteneur»... Com aquela
cabecinha, ha de ir longe... Ela gosta de todos...

E algumas semanas depois, de novo
referindo-se a Paulette:

– Não lhes dizia eu? Coitada, está perdida...
As drogas têm dado cabo dela... O éter, a
cocaína... e a fornicção... Vocês já lhe
repararam nos olhos?...

Um enclavinhamento sexual viera
arrepanhar desta maneira a tortura de Inácio:

«Pobrezinha... pobrezinha... Da sua

pequenez, emtanto, tinha a coragem de arder... de se entregar á chama audaciosamente... toda nua...
E gostava de todos...»

Mas, esta excitação, o romancista não a sabia destrinçar das suas ternuras por Etienne. Dentro dêle estes dois sentimentos, em realidade, confundiam-se, *eram da mesma ordem* – adivinhava sem querer dar atenção. A ponto que hoje, se pensava na rapariguinha, logo de subito lhe ocorria a lembrança do actor...

.....

Agora, num quadro novo da revista, Paulette mostrava os bicos dos seios – e trazia, premeditadamente, em todos os papeis, meias que chegavam só até aos joelhos, para se lhe verem sempre as côxas nuas...

.....

*

* *

Assim se passaram dois meses.

Arruivadamente a ternura de Inácio se fôra esbraseando durante êles. E dia a dia aumentara a sua intimidade com o actor. Dalembert tinha-se mudado ha pouco para o seu hotel. Agora tratavam-se por tu; jantavam todas as noites no mesmo restaurante...

.....

.....

Essa manhã, Horacio de Viveiros encontrando-os ao almoço, informou-os de subito que Paulette estava muito doente: «As drogas, bem entendido, – e a pandega». Já não representava ha duas noites...

Três semanas mais tarde, a rapariguinha morria.

.....

Ah! como exprimir a estranha dôr que arripiou Inácio ao saber da sua morte. Não foi um pesar, não foi uma saudade – foi isto só: uma *inveja* misteriosa, um despeito sensual... um ciume... um verdadeiro ciume!... Com efeito, ao darem-lhe a noticia da morte de Paulette, *sentira como que um espasmo a esvaí-lo rôxamente...*

«– Tivera pois o genio de arder até ao fim – morrerá!».

E esta ideia excitara-o como se lhe viessem contar que ela hoje dançava, de sexo nu, num grande teatro vermelho...

A morte de uma rapariga de vinte ânos parecera-lhe sempre uma ultima audácia, um ultimo requinte – mais um deboche de capricho platinado...

Eis pelo que, decerto, o romancista vivera os dias imediatos numa longa excitação sexual, nevoadamente – como nunca se lhe frisando o seu

enternecimento por Etienne, em desejos quasi decisivos de o beijar, para melhor lhe exprimir todo o seu carinho...

Do mesmo modo não fôra natural a attitude do actor nessa época. Nimbara-lhe o rosto uma grande tristeza – mas simultaneamente, uma agitação febril lhe avermelhara as faces, provocando-lhe subitas contracções nervosas. Tremia-lhe a voz, e não ousava encarar o seu amigo frente a frente...

.....

No entanto, algumas semanas decorridas, ambos se acalmaram – e apenas lhes restou uma densa melancolia, uma piedade inútil por tudo o que passara... fugaz e célere...

A bem dizer, só hoje Inácio sentia a morte de Paulette. E tinha tanta pena da actrizita... Ela era tão pouca coisa, mesmo na sua morte... Pobre morte duma garôta de Paris mostrando as pernas

nuas num palco de music-hall, indistinta entre a chusma...

Ele proprio mal dava pela sua falta...

Como era pequenina aquela ausencia...

.....

As pequenas ausencias...

Ah... tambem o outro aludira a elas, definindo-lhe a mágoa que uma vez sofrera com a morte dum cão – um lindo bicho engraçado e agudo...

.....

...E fôra assim que, ennastrando-se, contorcionando-se – volvido capitoso sem remedio, aumentara momento a momento o sortilegio crispado...

Ao principio, com efeito, unira-os uma comunhão de coisas gentis que se acumulavam apenas em tórno dalguem que existia – *que era uma realidade*. Ao passo que hoje, compungida,

essa gentileza ondulava em redór duma saudade –
mais subtilmente, portanto; mais
impregnadamente, num torpôr mais sensível.

.....

Agora, raras palavras murmuravam já; horas
sem fim viviam de olhos absortos em face um do
outro.

Muitas vezes davam longos passeios pelos
boulevards afastados, caminhando silenciosos,
lentamente, em passos automáticos...

E todos os gestos de Etienne, os espiava o
romancista – *como sempre referindo-os logo ao
estado de alma comum...*

.....

Uma tarde, nesta vagabundagem,
encontraram-se de subito, sem saber como, no
cemiterio de Montparnasse.

– Porque teriam entrado ali, êles, que tinham
tanto mêdo dos cemiterios?...

Ai, sem dúvida para se lembrarem melhor da morta – da rapariguinha esquiva que também, uma tarde de sol, *entrara* num cemitério de Paris...

.....
.....
Uma sombra, um silêncio, a côr dum céu, o perfume duma brisa, um raio de luar, as gargalhadas duma criança; certos timbres, certas luzes – uma multidão de pequeninas coisas incoerentes – a recordavam a Inácio. E nesses instantes o escritor, se olhava Etienne, descobria também no seu rosto uma expressão sonhadora, magoadamente dolorida, melancólica em saudade...

.....
.....
... Até que um dia, sem saberem como, os seus corpos nus, masculinos, se entrelaçaram...

E então foi a Vitória, nêsse abraço limpo,

unissexuado – o triunfo impossível que *um dêles* entresonhara outróra... o extase-fantasma vencido imponderavelmente, e absoluto...

Além-Ressurreição! Ultra-Realidade só a Alma! Fôra – *em Milagre sentiu o artista* – como se no mútuo desdobramento psíquico da Saudade comum, a fôrça sexual de ambos, astralmente, lograsse, conjugada, ressuscitar entre os seus corpos – para A esvaír – Paulette, ela-própria, toda nua e subtil, arfando luar...

Ah! e em face da visão erguida, maravilhosa – laivos d’Oiro! – tudo se desmoronou de grandeza: tudo o espectro havia purificado...

Sim! O Artista não triunfara só estatuificar a Saudade comum e emmaranha-la ruiva... Diademara mais! Diademara mais!... Num instante *pela primeira vez total*, possuíra! *possuíra* emfim exclusivamente – e em Iris: limpo de Ser, num extase de Auréola... lá longe... no

espaço... muito longe... sideralmente, a leonino...

Lisboa, janeiro-março de 1914.

MARIO DE SÁ-CARNEIRO

Acabou de se imprimir este volume

do

“CÉU EM FOGO”

Aos 28 de Abril de 1915, nos prelos da

Tipografia do Comercio

10, Rua da Oliveira, ao Carmo,

Lisboa

A fotogravura da capa foi executada nos Ateliers de

A ILUSTRADORA

17, Largo do Carmo – Lisboa